

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ CENTRO DE EDUCAÇÃO
E LETRAS E SAÚDE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM
SOCIEDADE, CULTURA E FRONTEIRAS - NÍVEL DE MESTRADO ÁREA DE
CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, CULTURA E FRONTEIRAS**

ELIANE DÁVILLA SÁVIO

**HISTÓRIA E LITERATURA EM “EU O SUPREMO”, DE AUGUSTO
ROA BASTOS**

**FOZ DO IGUAÇU – PR
2017**

ELIANE DÁVILLA SÁVIO

HISTÓRIA E LITERATURA EM “EU O SUPREMO”, DE AUGUSTO ROA BASTOS

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para a obtenção do título de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras, junto ao Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras, nível de Mestrado – área de concentração Sociedade, Cultura e Fronteiras. Linha de Pesquisa: Sociedade, Cultura e Linguagem.

Orientadora: Prof^a. Dra. Josiele Kaminski Corso Ozelame.

FOZ DO IGUAÇU – PR
2017

Catálogo na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UNIOESTE

S267 Sávio, Eliane Dávila
História e literatura em "Eu o Supremo", de Augusto Roa Bastos /
Eliane Dávila Sávio. - Foz do Iguaçu, 2017.
161 f., il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Josiele Kaminski Corso Ozelame
Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Socie-
dade, Cultura e Fronteiras - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

1. Paraguai – História 2. Paraguai – Política e governo. 3. Literatura
hispano-americana.– História e crítica. 4. Roa Bastos, Augusto, 1917-
2005 – Obras. 5. Literatura e sociedade. I. Título.

CDU 860(892).09
989.2

Miriam Fenner R. Lucas - CRB-9/268

ELIANE DÁVILLA SÁVIO

HISTÓRIA E LITERATURA EM “EU O SUPREMO”, DE AUGUSTO ROA BASTOS

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras – Nível de Mestrado, área de Concentração em Linguagem, Cultura e Identidade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. José Carlos dos Santos
Membro Efetivo (UNIOESTE)

Profa. Dra. Denise Rosana da Silva Moraes
Membro Efetivo (UNIOESTE)

Profa. Dra. Clara Angélica Agustina Suarez Cruz
Membro Efetivo (UNILA)

Profa. Dra. Josiele Kaminski Corso Ozelame.
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE
Orientadora

Foz do Iguaçu, 17 de março de 2017.

A Deus, sempre e em primeiro lugar, pois do pó me tirastes e ao pó me farás voltar, mas não sem antes permitir que eu cumpra minha trajetória!

Ao meu único e eterno amor, aquele que sempre esteve, está e, certamente, estará ao meu lado, dono do meu coração, dos meus pensamentos e que recebe todos os dias meu primeiro e último olhar, Atanásio! Obrigada por ser meu companheiro e caminhar comigo todos os passos que desejo e preciso dar em busca do crescimento e conhecimento acadêmicos.

Aos meus filhos Thaynã e Matheus, um tesouro de valor inestimável, que desabrocham em mim o melhor que posso ser!

AGRADECIMENTOS

À Profa. Josiele, uma personalidade ímpar, com um carisma que sempre me impressiona, muito obrigada pela paciência, compreensão e, acima de tudo, pela transmissão do vasto conhecimento não só no Mestrado, mas também durante o Curso de Letras, o que a tornou imprescindível para a elaboração e finalização da presente dissertação.

Ao professor Flávio Pereira, por ter me apresentado Roa Bastos e mostrado o quão especial é a Literatura e a História do Paraguai. Igualmente agradeço por todos os livros emprestados e que de grande valia foram para que eu pudesse realizar e embasar minha pesquisa. Prometo devolvê-los íntegros.

A Vania Valle, pela paciência e amabilidade ao tirar minhas dúvidas quantos às questões burocráticas do programa.

A todos os professores do Programa, em especial, Ivo, Fábio, José Carlos e Fernando.

Aos amigos de longa data Adelson e Rosângela, pela agradável companhia na viagem para Assunção, quando fui à busca de material para elaboração do trabalho e, que tão pacientemente, me acompanharam nas pesquisas, mesmo não sendo seus programas favoritos.

Por fim, não poderia deixar de agradecer as amigas Poliana, Cristina e Munirah, pelas risadas nos momentos em que a vontade era de chorar, amo-as!

*El autor es quien menos conoce su obra.
Si la conociera la hubiese escrito de otra
manera, o no la hubiera escrito.*

Antonio Augusto Roa Bastos

SÁVIO, Eliane Dávilla. HISTÓRIA E LITERATURA EM “*EU O SUPREMO*”, DE ANTÔNIO AUGUSTO ROA BASTOS. 2017. 115 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

RESUMO

Esta dissertação visa promover um estudo sobre a História do Paraguai e a Literatura do escritor Antônio Augusto Roa Bastos utilizando como *corpus* o romance de sua autoria *Eu o Supremo*. O estudo tem como objetivo primordial demonstrar que, por intermédio da interdisciplinaridade, é possível trabalhar a História e a Literatura e assim ampliar os horizontes quanto à aquisição de conhecimentos. Igualmente objetiva descortinar um país literariamente desconhecido, principalmente, no sistema educacional da tríplice fronteira, ao que pese a grandeza de seus escritores, entre eles Augusto Roa Bastos. Conhecer sua obra e sua trajetória literária é de suma importância para o estudo da Literatura Hispano-americana e, para entendê-la, faz-se necessário estudá-lo sob a perspectiva interdisciplinar, pois suas obras estão imbricadas com a História do Paraguai. País de pequena expressão na América Latina que foi por, anos dominado pelo sistema ditatorial, iniciando com o Ditador Perpétuo José Gaspar Rodríguez de Francia, em 1811, quando foi declarada a independência do Império Espanhol e findando com o governo de Alfredo Stroessner em 1989. Os dados para a pesquisa foram obtidos de fontes bibliográficas e leituras em dissertações e teses, o que por sinal é farto, demonstrando que o autor é objeto de vastos, mas inesgotáveis pesquisas no meio acadêmico. Por se tratar de um tema que envolve estudos relacionados à História como um processo social e a Literatura, como uma forma de expressão artística da sociedade, possuidora de historicidade e como fonte documental para a produção do conhecimento histórico, esta pesquisa apresenta um enfoque analítico, com suportes teóricos traçados por estudiosos do campo de ambas as ciências.

Palavras-chave: História e Literatura, Interdisciplinaridade, Paraguai, Roa Bastos.

SÁVIO, Eliane Dávilla. HISTORY AND LITERATURE IN “I, THE SUPREME”, BY ANTÔNIO AUGUSTO ROA BASTOS. 2017. 115 pp. Dissertation (**Interdisciplinary Master in Society, Culture and Frontiers**) - West Paraná State University.

ABSTRACT

This dissertation intends to study the History of Paraguay and the literary works of Antônio Augusto Roa Bastos, by using as corpus his romance, I, the Supreme. This study has as a primary objective to demonstrate that, through interdisciplinarity it is possible to work History and Literature, broadening horizons and acquiring knowledge. It also intends to unravel a country that remains very much unknown, especially in educational institutions of the triple border, despite its many great authors, where Augusto Roa Bastos is just an example. To become familiar with his work and life is extremely important to the study of Hispanic-American Literature and, to understand it, it is necessary that said study is done in an interdisciplinary way, since his work is tied together with Paraguay's History. Paraguay, a small country dominated by a dictatorial system for many years, which started with the Perpetual Dictator José Gaspar Rodríguez de Francia in 1811, when Paraguay's independence from the Spanish Empire was decreed and ended with Alfredo Stroessner's government in 1989. The data for this research was obtained through bibliographic sources and readings of other theses and dissertations (which are vast, showing that the author is objects of many studies in the academy). Because it is a theme that requires studying subjects related to History as social process and Literature as a form of expression for society – holder of historicity and a documental source for historic knowledge – this research shows an analytical emphasis, with theoretical support from scholars from both areas.

Keywords: History and Literature, Interdisciplinarity, Paraguay, Roa Bastos.

LISTA DE ABREVIATURAS

ES – *Eu o Supremo*

YES – *Yo el Supremo*

MERCOSUL – Mercado Comum do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
1 O ESTUDO INTERDISCIPLINAR	16
1.1 LITERATURA E HISTÓRIA	16
1.2 AS PARTICULARIDADES DOS CAMPOS DE ESTUDO: HISTÓRIA E LITERATURA	20
2 EU O SUPREMO – O CRIADOR E SUA GESTAÇÃO	31
2.1 O AUTOR	31
2.2 A NARRATIVA E O CONTEXTO HISTÓRICO DE PRODUÇÃO	40
3 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DE <i>EU O SUPREMO</i>	64
3.1 A TRAMA NA NARRATIVA	64
3.2 VOZES QUE DIALOGAM	74
3.3 O TEMPO DO SUPREMO NARRADOR	78
3.4 O PARAGUAI DO SUPREMO DITADOR	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como escopo engendrar pesquisa interdisciplinar entre a Literatura e a História, uma vez que seu *corpus* é a obra literária *Eu o Supremo*¹, de autoria de Antônio Augusto Roa Bastos², escritor paraguaio, a qual apresenta em seu enredo, generalidades históricas do Paraguai, relacionadas ao período do Ditador Perpétuo³, José Gaspar Rodríguez de Francia⁴, e seus feitos durante os 27 anos que governou o país, com rigorismo, no início do século XIX.

A partir de tal obra é que o estudo será desenvolvido e, com isso, imprescindível que se faça a partir de uma ótica interdisciplinar, pois o diálogo entre tais ramos tem sido alvo de estudos, mostrando-se como um objeto promissor no que tange às pesquisas e trabalhos já publicados e, especialmente em razão de ser a narrativa o veículo formal de ambas (PESAVENTO, 2006).

A Literatura, por ser um campo do conhecimento humano que se agrega na estrutura da sociedade e nela produz as mais diversas influências e elementos culturais, permite que se possam apreciar momentos passados da sociedade, por intermédio das narrativas literárias. Isso é possível “devido ao fato de a Literatura ter essa graça generosa de acolher todos os saberes, oferecendo-nos exatamente o roteiro da constância humana em sua busca de conhecimento, sem julgar sua verossimilhança ou inverossimilhança, verdade ou falsidade” (RÉGIS, 1996, p. 8).

Assim sendo, exerce, dentre outras funções, a de fonte documental para a produção do conhecimento histórico, tornando-se nascedouro para o historiador, uma vez que garante um diversificado acesso ao imaginário, o que lhe permite uma visão mais ampla de estilos que outros nascedouros não seriam capazes de lhe fornecer (MARTINS; CAINELLI, 2015).

Por outro lado, a História, uma representação do passado, é também alimentada por documentos, que na visão de Le Goff (1924):

¹ Nas próximas menções à obra usarei as iniciais ES quando se tratar da versão em Língua Portuguesa e YES quando se tratar da versão em Espanhol.

² Nas próximas menções ao autor usarei apenas Roa Bastos, uma vez que esta é a forma nominal mais conhecida ao referir-se ao mesmo.

³ José Gaspar Rodríguez de Francia recebeu o título de Ditador Perpétuo pelo próprio Congresso Geral Paraguai em maio de 1816, quando foi aclamado, por maioria absoluta, e restou decidido que os deputados não mais se reuniram para eleger seu sucessor, salvo se o próprio convocasse.

⁴ Nas próximas menções ao ditador usarei apenas Francia, uma vez que esta é a forma nominal mais conhecida ao referir-se ao mesmo.

desde a Antiguidade, a ciência histórica, reunindo documentos escritos e fazendo deles testemunhos, superou o limite do meio século ou do século abrangido pelos historiadores que dele foram testemunhas oculares e auriculares. Ela ultrapassou também as limitações impostas pela transmissão oral do passado. A constituição de bibliotecas e de arquivos forneceu assim os materiais da história (LE GOFF, 1924, p. 6).

Diante disso, interpretar e conhecer a História servindo-se da Literatura é um desafio que não pode ser olvidado das pesquisas como a que se propõe, assim como não é possível deixar de refletir acerca desta relação, principalmente porque buscar uma ligação com outras áreas do saber no estágio em que se encontra a sociedade e, especialmente, a educação, é imprescindível. Já não é mais possível que o pesquisador se mantenha isolado em seu próprio campo de conhecimento, ou seja, precisa mover-se entre diversas perspectivas a fim de buscar o equilíbrio entre as áreas.

Sob esta perspectiva que a interdisciplinaridade visa superar a fragmentação do conhecimento e possibilita construir um novo olhar sobre o ensino, por intermédio de práticas que busquem equalizar as áreas do conhecimento e que, atualmente, apresenta-se como um novo caminho a ser seguido e aplicado pelo pesquisador.

Na visão de Japiassu (1976):

Podemos dizer que nos reconhecemos diante de um empreendimento interdisciplinar todas às vezes em que ele conseguir incorporar os resultados de várias especialidades, que tomar de empréstimo a outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicas, fazendo uso dos esquemas conceituais e das análises que se encontram nos diversos ramos do saber, a fim de fazê-los integrarem e convergirem, depois de terem sido comparados e julgados. Donde poderemos dizer que o papel específico da atividade interdisciplinar consiste, primordialmente, em lançar uma ponte para ligar as fronteiras que haviam sido estabelecidas anteriormente entre as disciplinas com o objetivo preciso de assegurar a cada uma seu caráter propriamente positivo, segundo modos particulares e com resultados específicos (JAPIASSU, 1976, p. 75).

Ainda sob a visão do mencionado autor, o uso do método interdisciplinar é uma batalha triangular enfrentada pela Universidade, um dos ambientes em que as pesquisas são realizadas, a saber:

[...] a. contra um saber fragmentado; b. contra o divórcio crescente ou esquizofrenia intelectual entre uma Universidade cada vez mais compartimentada e a sociedade em sua realidade dinâmica e concreta, onde a “verdadeira” vida” sempre é percebida como um todo complexo e indissociável; c. contra o conformismo das situações adquiridas e das ideias recebidas ou impostas. (JAPIASSU, 1976, p. 43)

E como aduzem Fazenda e Silva (2014, p. 11), “além de uma atitude de espírito, a interdisciplinaridade pressupõe um compromisso com a realidade” e no que tange ao estudo interdisciplinar entre as ciências aqui propostas, a partir da certeza de que a Literatura, retratada pela obra de Roa Bastos, apresenta-se com cunho histórico e não deixa de representar um período histórico do Paraguai, mesmo com toda a subjetividade do narrador.

O uso de obra literária no estudo historiográfico é um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas no qual, atualmente, o que se tem visto são historiadores que trabalham com o imaginário e que discutem não só o uso da Literatura como acesso privilegiado ao passado (PESAVENTO, 2006).

Tais apontamentos demonstram que esta pesquisa se justifica em razão das aproximações e distanciamentos entre História e Literatura, as quais, no plano epistemológico, demonstram as diversas maneiras de dizer o mundo, ao que pesem as distintas aproximações que guardam com o real (PESAVENTO, 2006). Ademais, ambas, cada uma a seu modo, apresentam uma forma de construção do passado, ainda que com visões e métodos diversificados e, sob outro ponto de vista, também servem para explicar o presente e pensar o futuro, utilizando-se de estratégias retóricas para colocar, em forma de narrativa, os fatos sobre os quais se propõem abordar (MARTINS; CAINELLI, 2015).

Por isso, o objetivo principal desta pesquisa é fazer a análise da obra de Roa Bastos, acerca da relação da narrativa literária constante do livro *ES* com a História do Paraguai nos primeiros anos do século XIX, uma vez que esta obra se trata de um romance histórico tradicional sobre o ditador Francia, ainda que em momento algum haja menção ao seu nome.

Os momentos narrados no romance confundem-se com momentos registrados na História do país, conforme averiguações que fiz em documentos resguardados pelo governo paraguaio. A revelação do poder exercido pelo Ditador Perpétuo, tão bem delineado na narrativa, revela-se ao longo do tempo, no curso histórico.

O acervo literário de Roa Bastos é amplo e carregado de narrativas dedicadas à História paraguaia as quais se comungam com sua história pessoal, pois apresentam elementos similares ao conteúdo oficial resguardado pelo governo paraguaio e utilizado como fonte de consulta de alunos dos mais diversos graus do ensino educacional, assim como de pesquisadores, quer seja do âmbito literário ou histórico, cujo objetivo, talvez, seja o de reformular o passado.

Oriundo de um pequeno povoado Roa Bastos sempre buscou compreender o seu redor, especialmente seus conterrâneos, um povo sofrido e marcado pela exploração e os conflitos oponíveis, no intuito de combater as invasões estrangeiras e o domínio territorial. Neste cenário que se desenvolveu seu poder de criar, sempre indagando e se opondo contra os desmandos ditatoriais. Por isso, para compreender sua Literatura, na visão de Saguier (1976, p. 335), é preciso seguir a “trajetória de uma Literatura profundamente marcada pelo dramático signo da história”.

Diante disso, a proposta desta pesquisa é além de tudo o que já se expôs sanar questionamentos acerca dos pontos de convergência entre a Literatura e a História, do conteúdo narrativo da obra, dos traços marcantes da biografia do seu autor, Roa Bastos e de que maneira a História é narrada no romance.

Igualmente, percorrerei a trajetória da Literatura paraguaia a fim de compreender sua importância, pois é marcada pelo dramático signo da História, como já dito. Logo, o discurso literário e o discurso histórico guardam estreita relação no estudo a ser realizado, especialmente quando se fala em História da América Latina, e neste caso, do Paraguai. São fenômenos como os representados na escrita de muitos romancistas, dentre eles, claro, Roa Bastos, que tornou a Literatura paraguaia o espaço preferencial para “problematizar os eventos históricos e contribuir decisivamente no processo de formação da memória coletiva, assumindo, muitas vezes o lugar da prática historiográfica” (PACHECO, 2006, p. 8).

A excelência literária de *ES* é afirmada de maneira praticamente unânime pela crítica, que o classifica como um dos textos mais notáveis já produzidos pela Literatura e, segundo Navarro (1989), toda obra literária constitui-se numa produção artística que pode ser amplamente construída por interferências subjetivas, assim como a historiografia. Ou seja, por mais que o romancista

procure expressar a realidade de maneira objetiva, sua obra será sempre subjetiva e as armas da Literatura para recontar a realidade são peculiares e bastante específicas.

Com isso, o trabalho foi estruturado de maneira a exaurir, ainda que minimamente, os seguintes pontos: traçar uma análise do discurso literário, a Literatura e o fazer literário de Roa Bastos; percorrer caminhos a fim de apresentar a verossimilhança da Literatura para com a História no que tange a narrativa contida no livro *ES*; analisar o papel da Literatura na revisão histórica da América Latina, especialmente sob o ponto de vista de Alejo Carpentier e Marcia Hoppe Navarro; a revisão da História do Paraguai pela Literatura de Roa Bastos; a pluralidade de vozes em *ES* e, por fim, verificar o enfoque analítico sobre as relações entre Literatura e História na visão dos teóricos.

A partir de tais considerações, relevante esclarecer que para o desenvolvimento da presente pesquisa, foi necessário delimitar e expor os processos metodológicos utilizados. Por se tratar de um tema que envolve estudos relacionados à História como um processo social e a Literatura, como uma forma de expressão artística da sociedade, possuidora de historicidade e como fonte documental para a produção do conhecimento histórico, esta pesquisa apresenta um enfoque analítico, com suportes teóricos traçados por estudiosos do campo de ambas as ciências.

Alguns desafios foram encontrados para dar início e desenvolvê-la, em especial quanto à questão metodológica, uma vez que a obra literária que se propõe analisar, desde sua publicação em 1974, causou entre os críticos da Literatura certa polêmica, os quais afirmaram que o autor nada mais fez do que recriar fatos históricos do Paraguai para compor uma biografia de Francia, o Ditador Perpétuo do Paraguai. A propósito Antonio Callado (1977) escreve:

Eu o Supremo é provavelmente o melhor livro da literatura paraguaia. Talvez eu não devesse fazer afirmativa tão categórica se, logo a seguir, devo reconhecer que não sou nenhum especialista na literatura do país vizinho. Defendo, porém, minha afirmativa alegando que José Gaspar Rodríguez de Francia é (e disto sim estou convencido) a maior figura da História do Paraguai e uma das maiores da América Latina, e que Roa Bastos fez obra definitiva neste retrato que dele traçou. [...] O livro, a biografia, ou autobiografia que Carlyle desejava era este, era esta, era *Eu o Supremo*, de Roa Bastos (CALLADO, 1977, orelha do livro).

No entanto, o autor Roa Bastos, por diversas oportunidades, afirmou não se tratar de uma biografia do personagem central, mas sim, como afirma Wladimir Krysinski, professor de Literatura Comparada da Universidade de Montreal/Canadá de uma “análise espectral dos acontecimentos que marcaram a vida da sociedade paraguaia na primeira metade do século XIX sob o reinado do ditador José Gaspar Rodriguez de Francia” e na qual denuncia a ditadura oferecendo uma “reflexão sobre o poder e um apelo à dúvida quase filosófica da imitação romanesca da história” (KRYNSINSKI, 2005, p. 311).

Inicialmente cogitei a ideia de realizar um estudo etnográfico acerca da história, da cultura e do povo paraguaio por intermédio de entrevistas com descendentes daqueles que viveram no período retratado no livro. Porém, conclui que os relatos poderiam vir acompanhados de alterações fáticas, haja vista os variados fatores que interferem no tempo histórico como um todo e, em especial, pelo fato de personagens históricos como o ditador Francia, que tiveram relevante atuação, acabarem por transformar-se em figuras míticas, o que me levaria a uma dificuldade em separar o momento exato em que inicia e termina a construção do mito.

Da mesma maneira, não está entre os objetivos provar quem é mais fiel à historiografia, se a Literatura ou a História, mas sim em verificar e demonstrar que a obra robastiana se relaciona com a narrativa histórica paraguaia no período em que o ditador comandou o país, e na maneira como foi sua governança. A partir daí, imprescindível analisar se a Literatura é uma possibilidade de fonte para a História e quais as os pontos de encontro para que isso seja plausível, especialmente quando se trata de personagens como Francia.

Márcia Hoppe Navarro (1989), na obra *O romance de um ditador: poder e história na América Latina*, discorre a fim de demonstrar que diversos autores se utilizaram de personagens históricos ditatoriais para traçar suas narrativas, dentre eles, além de Roa Bastos com *ES*, Gabriel Garcia Marques no romance *O outono do Patriarca* (1975) e Alejo Carpentier em *O recurso do método* (1975), que apresentam invenções do escritor que se debruçou sobre a História como matéria para sua criação nas quais apontam as diversidades raciais ou étnicas, culturais, religiosas, linguísticas, econômicas, políticas, regionais e sociais.

Em todos eles, segundo Ianni (1987, p. 30) os escritores mostram “a difícil e contraditória metamorfose da população em povo, das múltiplas formas sociais

de vida e trabalho em sociedade nacional”. Com isso, revelam a metamorfose da história em façanha, do tempo em duração, do tirano em prisioneiro de sua tirania. Tais romances, de certa maneira, constroem a fisionomia da sociedade nacional, da nação enquanto sociedade, cultura, história, lutas, vitórias, derrotas, dilemas, façanhas e fica bastante nítida a ressonância da nação no romance, e deste na imagem que uns e outros podem construir da nação que se espelha no ditador, este é levado às últimas consequências enquanto criação histórica e fantasia do escritor (IANNI, 1987).

Os literatos não se contentaram apenas com o resultado de pesquisas feitas por historiadores e igualmente foram em busca de suas próprias pesquisas, em alguns momentos quase que ocupando o papel de historiador, porém, claro, sem o compromisso metodológico e ético exigível daqueles, pois quando se fala em Literatura, há certo *descompromisso* com o real, sendo permitindo ao escritor locupletar-se do imaginário em suas realidades.

Como ressaltado por Borges (2010, p. 98), a Literatura, por ser uma maneira de “ler, interpretar, dizer e representar o mundo e o tempo” possui regras próprias de produção e guarda modos singulares de aproximação com o real o que, igualmente, é utilizado pelos historiadores, que buscam criar um mundo possível utilizando-se da narrativa, ou seja, traçar um diálogo da realidade com os mais diversos modos de criação.

Diante disso, optei em voltar às atenções apenas ao conteúdo literário da obra e a pesquisas em documentos preservados pelas autoridades do Paraguai a fim de aprimorar meu conhecimento sobre a História do país e, com isso, compreender melhor a narrativa literária.

Para tanto, o aspecto interdisciplinar foi de suma importância, uma vez que sem o entrelaçamento dos campos de estudos aqui propostos – Literatura e História – não seria possível proceder à pesquisa e, especialmente em fazer a exposição textual da mesma. Ademais, a interdisciplinaridade foi um dos fatores promovidos pela *Escola dos Annales*⁵ que tornou possível a aproximação da História com as demais ciências.

⁵ A Escola dos Annales foi um movimento de renovação da historiografia iniciado na França do final da década de 1920, com a fundação, por Marc Bloch e Lucien Febvre, da revista *Anais de História Econômica e Social*. Informação extraída da apresentação à edição brasileira da obra *Apologia da História ou ofício de historiador*, de Marc Bloch, 1997.

Por abordar um tema que envolve elementos literários e históricos considere suficiente para a presente pesquisa o uso de informações colhidas a partir de tais documentos e, para verificação das fontes disponíveis, importante foi a viagem até Assunção, capital do país em comento, onde visitei a Biblioteca Nacional, o Arquivo Nacional, o Espaço Roa Bastos e o Museu preservado em memória do ditador Francia, localizado na cidade de *Yaguaron*. Por fim, visitei livrarias locais para aquisição de material bibliográfico sobre a História do Paraguai e dados biográficos sobre o escritor Roa Bastos, especialmente livros historiográficos de Julio Cesar Chaves, profundo conhecedor da história do país o que o fez tornar-se uma das principais fontes de consulta.

Tal viagem foi necessária, inicialmente, em razão da falta de êxito na colheita de material suficiente e da dificuldade em se conseguir informações precisas sobre fatos e dados no Brasil. O material coletado *in loco* é farto e elucidativo e, ao que se propõe discorrer, mostra-se suficiente. Outra razão foi por anseios pessoais, pois o Paraguai e seus elementos sempre exerceram certo fascínio sobre mim e, por isso, a curiosidade em conhecê-lo pessoalmente impeliu-me ao passeio, dando sentido as palavras de Goethe: “Quem o poeta quiser compreender, dever ir para a terra do poeta”⁶. Além disso, quero salientar que estudar o Paraguai torna-se uma obrigação daqueles que trabalham na área de educação na região fronteiriça de Foz do Iguaçu e a importância de conhecer não só a História do país, mas sua Literatura é essencial aos que aqui residem.

O entrelaçamento entre os povos é uma situação concreta na fronteira e, por isso, conhecer o outro é imprescindível para que a convivência se torne mais respeitosa. Curiosamente, mesmo sendo natural de Foz do Iguaçu, onde sempre morei e construí minha família, só me dei conta do quanto desconhecia o Paraguai e do tesouro histórico e literário que o mesmo possui quando fiz o estágio obrigatório para a graduação, no curso de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, com alunos do ensino médio de uma escola local.

Como a graduação era para obtenção de licenciatura plena em Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Respectives Literaturas e por sugestão do meu professor orientador, optei em trabalhar a Literatura Hispano-americana e

⁶ Fragmento do poema de autoria de GOETHES WERKE, traduzido do Alemão para o Português por Marco Aurélio Werle na obra **A poesia na estética de Hegel**, p. 195, 2005. Disponível na íntegra em <https://books.google.com.br>. Acesso em 10 de jul. de 2016.

especificamente a Argentina e a Paraguai. Surpreendi-me quando descobri que a literatura Argentina, ainda que minimamente, devido a autores como Jorge Luis Borges, era conhecida dos alunos do ensino médio ao passo que acerca da literatura Paraguai jamais, literalmente, tinham ouvido falar e ficaram surpresos quando informei que Roa Bastos era destaque no cenário internacional e inclusive ganhador do Prêmio Cervantes.

A partir de então passei a me dedicar aos estudos sobre o escritor e sua trajetória literária, assim como à história do país o qual tenho como peculiar e que guarda resquícios daquilo que iniciou no século XIX, principalmente na economia. Logo, é preciso saber que se trata de um dos países de menor extensão territorial na América do Sul e, apesar de fazer parte do bloco do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), enfrenta grandes dificuldades e barreiras comerciais também com os países membros.

Outra dificuldade encontrada pela economia e que impede um desenvolvimento a contento é o fato de ser um país mediterrâneo, de pouca superfície e com uma população pequena e, também, pela pouca importância no panorama internacional. É um país de poucas belezas naturais, logo, não se destaca pelo turismo, como é o caso do Brasil e da Argentina. Seu maior potencial econômico é baseado, em grande parte, na produção agropecuária e florestal, uma vez que possui uma industrialização deficiente.

No campo da agricultura tem se destacado modestamente na produção de soja e na exportação de carne, que certamente são os produtos que possibilitam sua inserção econômica global, mas que, diante da imagem negativa que se tem pelo comércio ilícito de produtos eletrônicos, de drogas e de armas acaba por aparecer no cenário mundial como um paraíso para os que desejam a impunidade.

Ao se buscar material bibliográfico sobre o Paraguai, descobre-se um acervo infindável sobre seu povo e sua história e, cada vez mais pesquisadores buscam saber, sobre todos os aspectos, aquilo que hoje compõe o país. Como aponta Figueredo (2005), em seu estudo sobre a inserção econômica do Paraguai no MERCOSUL através da produção de soja:

Mediante este trabalho se pôde registrar uma breve evolução da economia do Paraguai, sempre ligada ao setor primário. Desde sua formação como colônia espanhola, a exportação de produtos

primários para as metrópoles foi importante, já que o país não possuía recursos minerais a serem explorados. Depois de sua independência, seguiram-se governos que impediram a expansão do pensamento liberal nascente na metade do século XIX. Contudo se criaria uma guerra (1864-1870) que aniquilaria o (emergente) estado de independência política e socioeconômica do Paraguai. Assim, depois de alcançar um desenvolvimento adequado, o país submerge em um processo de "latifundização" de suas terras aliado a uma notável dependência socioeconômica internacional (FIGUEREDO, 2005, p. 16).

Mas, de certa forma, o pesquisador tem razão, uma vez que no campo econômico o Paraguai, que assistiu durante a ditadura militar de Alfredo Stroessner, também experimentou um intenso crescimento, ao que pesem os grandes capitais concentrarem-se nas mãos de uma mínima parcela da população, da qual, grande parte não é paraguaia, mas sim de outras nacionalidades, como chineses, árabes e até mesmo brasileiros.

Por tudo isso, é preciso que se tenha uma nova visão nesse século a respeito do Paraguai, especialmente pelas riquezas culturais que detém, quer seja em relação ao seu povo, ao idioma Guaraní, que precisa ser preservado, e outros fatos que compõem a sua História. Já não se pode mais aceitar que o país é o retrato da marginalidade. E na busca por essa nova visão, Roa Bastos, através de suas obras, é um caminho a ser percorrido, pois proporciona uma imersão na história do seu povo, apresenta grandezas e misérias, ideais e fracassos, sempre buscando analisar o recaimento da ditadura, criticando-a de forma individual, coletiva e nacional.

Foi assim, por intermédio do esforço desse escritor, vindo de um país tão pequeno e tornando-se uma grandeza para a Literatura, que se torna um dos caminhos possíveis para desvendar o Paraguai. Utilizando-se de seu acervo literário, composto para mostrar ao público paraguaio e ao mundo a história do país, sobreposta com a história nacional os elementos próprios de uma ficção.

Rer a história pela ficção é de suma importância quando se fala de pesquisa interdisciplinar, conforme ressalta Fernandes (2009):

Apesar de suas aparentes distinções, a Literatura e a História se trabalhadas juntas constituem num importante campo para o conhecimento mais amplo de determinadas realidades históricas. Portanto, os romances históricos do paraguaio Augusto Roa Bastos, por meio de sua imersão dentro da história de seu país buscando desvelar a incidência do poder e das ditaduras na

população paraguaia, a reação da mesma e até mesmo sua convivência, permite-nos conhecer um pouco mais desse país e desse povo tão sofredor e valente, com suas lutas e misérias (FERNANDES, 2009, p. 1740).

Diante disso, é possível afirmar que, em partes, a pesquisa, no que diz respeito ao processo metodológico, é de investigação bibliográfica, desenvolvida a partir de trabalhos e estudos já realizados por outras pessoas, e documental, concentrada em dados obtidos a partir de documentos que registram os fatos e acontecimentos do Paraguai relativos à época em que Francia governou o país, exigindo, portanto, que se faça de maneira qualitativa e interdisciplinar. Logo, é preciso apresentar o percurso, os procedimentos e os aportes teóricos utilizados no desenvolvido desta pesquisa.

Primeiramente, levando em consideração o exposto pelo historiador Hayden White (1991), situo esse estudo em uma das vertentes da pesquisa em Teoria Literária e escrita da História, salientando que para ele a importância daquela para com esta é significativa, contudo, é preciso que algumas observações sejam consideradas, dentre elas a de que somente é possível se houver um passado.

Aponta também que antes de dar início à discussão da importância de uma para com a outra é preciso observar alguns pontos acerca do discurso histórico e o tipo de conhecimento com o qual lida:

Em primeiro lugar, o discurso histórico só é possível quando se pressupõe a existência do "passado" como algo sobre que se pode falar de maneira significativa. Esta é a razão pela qual os historiadores normalmente não se preocupam com a questão metafísica de decidir se o passado realmente existe ou com a questão epistemológica de definir, se é que ele existe, se podemos realmente conhecê-lo. A existência do passado é uma pressuposição necessária do discurso histórico, e o fato de podermos realmente escrever histórias é uma prova suficiente de que podemos conhecê-lo. Mas, em segundo lugar, o discurso histórico, diferentemente do discurso científico, não pressupõe que nosso conhecimento da história derive de um método distinto para estudar os tipos de coisas que vêm a ser "passado" e não "presente" (WHITE, 1991, p. 1).

Diante disso, aduz que os "componentes - eventos, as pessoas, as estruturas e os processos do passado- podem ser tomados como objetos de estudo por toda e qualquer disciplina das ciências humanas e sociais", porém não

é apenas pelo fato de serem do passado que se tornam históricas e, por isso, objetos de estudos históricos, mas que “se tornam históricas apenas na medida em que são representadas como assunto de um tipo de escrita especificamente histórico” (WHITE, 1991, p. 1).

Para alcançar o objetivo almejado e tentar responder aos questionamentos da proposta, realizei alguns estudos a fim de compreender a relação entre a narrativa histórica e a narrativa literária e estas na obra selecionada como objeto de estudo. Igualmente, necessitei fazer um estudo da História do Paraguai, em especial no período em que o Ditador Perpétuo governou. Quanto a este ponto, busquei informações sobre os personagens narrados na obra, bem como tempos e espaços dos acontecimentos.

Essa busca não foi para provar que a obra de Roa Bastos narra um período histórico do país, mas para demonstrar o quanto a Literatura é aquilo que deve ser, “um espaço de reflexão sobre o que existe e projeção do que poderá vir a existir”, pois “registra e interpreta o presente, reconstrói o passado e inventa o futuro por meio de uma narrativa pautada no critério de ser verossímil, da estética clássica, ou nas notações da realidade para produzir uma ilusão de real” (BORGES, 2010, p. 99).

Além disso, empregar um ponto de vista da história foi questão crucial para o desenvolvimento da pesquisa, dessa forma, utilizei a obra *Apologia da História* de Marc Bloch (2001), igualmente referenciado para discorrer sobre o ofício de historiador. Também os livros *História e Memória* de Jacques Le Goff (1924), a *Escrita da História* de Michel de Certeau (1982), *Interdisciplinaridade, para além da filosofia do sujeito*, de Ari Paulo Jantsch e Lucídio Bianchetti (2011) no qual há artigos científicos escritos por Gaudêncio Frigotto, que muito contribuíram para a compreensão da interdisciplinaridade, da mesma forma os aportes teóricos de Ivani Fazenda e Sandra Jatahy Pesavento. Um acervo bibliográfico que de fato tornou possível a confecção textual da pesquisa de maneira fundamentada e acadêmica.

Sendo assim, o texto foi estruturado em três capítulos, os quais procurei distribuir e organizar de maneira a cumprir com o propósito da pesquisa. Portanto, o primeiro capítulo, por tratar de uma pesquisa interdisciplinar, como já afirmei, apresenta os fundamentos do estudo interdisciplinar e que elementos devem conter a pesquisa para que assim se caracterize. Da mesma maneira discorri

sobre a importância em se fazer um estudo sob tal perspectiva com o apoio teórico de Ivani Fazenda, Gaudêncio Frigotto e outros que muito engrandeceram a fundamentação do capítulo.

No mesmo capítulo apresentei as particularidades dos campos de estudos, História e Literatura, as quais, consideradas como áreas do saber humano, muito têm em comum, especialmente quanto ao caráter narrativo e, para tanto, utilizando-se da obra de Roa Bastos.

No segundo capítulo apresentei a obra *ES* e o contexto em que foi escrita, assim, como um esboço da narrativa literária do autor e suas principais obras, as quais apresentam características similares, demonstrando que seu estilo literário pautou-se nos problemas surgidos na época da ditadura política do Paraguai e da Argentina. Igualmente apresentei a biografia de Roa Bastos com o objetivo de trazer ao texto informações que levam à compreensão da importância de sua narrativa literária e em especial da maneira como estruturou o romance objeto da pesquisa.

A seguir, no terceiro capítulo, imprescindível foi apresentar a estrutura da narrativa contida em *ES*, a partir da classificação feita por Cândida Vilares Gancho, com especial destaque ao enredo da obra, o papel do narrador, os personagens, o tempo e os espaços que a compõem.

Conhecer o autor é primordial, mas conhecer o narrador, o tempo e o espaço da narrativa é essencial, uma vez que a partir da mesma é que a interdisciplinaridade se faz presente. Diante disso, ainda no terceiro capítulo, após descrever a trama do romance e os principais personagens que compõem seu cenário, conhecer o tempo e o espaço em que ocorre foi o fio condutor que levou à necessidade em se demonstrar as múltiplas formas de diálogos existentes e utilizados pelo narrador.

A seguir foram apresentadas as considerações finais acerca da pesquisa e elencadas as fontes bibliográficas que deram fundamento e concretude ao estudo e, ao final acostei, algumas fotos que tive a oportunidade de registrar quando da viagem a Assunção cumprindo assim, um dos meus objetivos que é o de divulgar um pouco da satisfação que senti ao estar tão próxima do meu objeto de estudo.

1 O ESTUDO INTERDISCIPLINAR

1.1 LITERATURA E HISTÓRIA

Conforme os estudos elaborados por Ivani Fazenda (1998), a ideia de pesquisas sob o enfoque interdisciplinar surgiu na Europa na década de 1960, quando os movimentos estudantis buscavam uma reestruturação no ensino. No Brasil a tendência chegou ao final dos anos 60, não como desejavam os pesquisadores e defensores, mas sim como um modismo, tanto é que nos anos de 1970 a preocupação em buscar um conceito terminológico se alargou.

Em terras brasileiras, sob o ponto de vista epistemológico, o precursor foi Hilton Japiassu, que influenciado por Georges Gusdorf, lançou a primeira produção a respeito, na qual apresentava questionamentos sobre o tema e elaborava conceitos, da mesma forma que tecia reflexões, a partir de experiências realizadas, sobre estratégias interdisciplinares. Sob o ponto de vista pedagógico, Fazenda, inspirada nos aportes teóricos de Jean Piaget, desenvolveu seus estudos introdutórios defendendo a ideia de uma transformação pedagógica a fim de buscar um novo tipo de formação de professores e um novo jeito de ensinar (THIESEN, 2008, p. 547).

Porém, importante é saber que não se pode confundir a interdisciplinaridade escolar com a científica, pois para aquela os saberes procedem de uma estruturação diferente dos pertencentes aos saberes constitutivos das ciências e para esta há uma condução para a construção de saberes interdisciplinares (FAZENDA, 2008), ou seja, deve haver uma integração e um equilíbrio ao se desenvolver uma pesquisa interdisciplinar envolvendo dois campos científicos, conforme destaca Japiassu (1976):

[...] do ponto de vista integrador, a interdisciplinaridade requer equilíbrio entre amplitude, profundidade e síntese. A amplitude assegura uma larga base de conhecimento e informação. A profundidade assegura o requisito disciplinar e/ou conhecimento e informação interdisciplinar para a tarefa a ser executada. A síntese assegura o processo integrador (JAPIASSU, 1976, p. 65).

Diante disso, realizar um trabalho interdisciplinar, ou seja, analisar dois campos do conhecimento com o intuito de descobrir suas aproximações e

distanciamentos, é desafiador e ao mesmo tempo enriquecedor. Há muitos pesquisadores que deixaram o estudo particularizado das disciplinas e passaram a dedicar-se a esse tipo de trabalho e no Brasil, desde os anos de 1990, pesquisas voltadas para a relação entre a História e Literatura têm se desenvolvido de forma significativa e, atualmente, é uma temática promissora nos trabalhos já publicados (MARTINS; CAINELLI, 2015, p. 01).

Neste sentido, o presente estudo necessita, para que se tenha êxito, que seja realizado sob o enfoque interdisciplinar, pois os campos envolvidos, que por si só já detém um potencial extraordinário de contribuição para o conhecimento, quando estudados em conjunto, permitem um avanço ainda maior, sem, contudo, que haja a perda do potencial individual.

Procurei adotar certa medida de cautela a fim de não permitir uma perda de sentido de cada campo, pois a relação entre História e Literatura é muito próxima e em alguns casos tem-se a noção de que são idênticas, haja vista elementos em suas trajetórias que se confundem, dentre eles, a maneira de se “nutrirem”, ou seja, a imaginação daquele que está a narrar, o historiador ou o literato, e a transformação do imaginário em escrita.

Sobre essa “nutrição”, oportunas são as considerações de Ítalo Calvino (1990):

Seja como for, todas as “realidades” e as “fantasias” só podem tomar forma através da escrita, na qual exterioridade e interioridade, mundo e ego, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal; as visões polimorfos obtidas através dos olhos e da alma encontram-se contidas nas linhas uniformes de caracteres minúsculos ou maiúsculos, de pontos, vírgulas, de parênteses; páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns aos outros como grãos de areia, representando o espetáculo variegado do mundo numa superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto (CALVINO, 1990, p. 114).

Logo, para que se possa conduzir um estudo interdisciplinar, em sentido amplo, é preciso compreender o que é tal estudo e como se realiza. Por isso, a importância do caráter interdisciplinar das disciplinas ministradas no programa de Mestrado em curso, nas quais foram proporcionadas aulas com apoio em leituras que facilitaram a compreensão para realização desta pesquisa.

Dentre as leituras, o apoio teórico de Frigotto (2011), que afirma a necessidade da interdisciplinaridade na produção do conhecimento, o qual se funda em um caráter dialético da realidade social e que, ao mesmo tempo, é único e diverso:

O caráter uno e diverso da realidade social nos impõe distinguir os limites reais dos sujeitos que investigam os limites do objeto investigado. Delimitar um objeto para a investigação não é fragmentá-lo, ou limitá-lo arbitrariamente. Ou seja, se o processo de conhecimento nos impõe a delimitação de determinado problema, isto não significa que tenhamos que abandonar as múltiplas determinações que o constituem (FRIGOTTO, 2011, p. 36).

Da mesma maneira foram importantes e esclarecedores os estudos que propiciaram o entendimento de qual processo metodológico deveria ser adotado e isto somente foi possível após as leituras de Casanova (2006), que assim define a interdisciplinaridade:

relação entre várias disciplinas em que se divide o saber humano e que juntas apresentam uma espécie de solução para o problema de unidade, como a unidade do ser e do saber, ou a unidade das ciências, das técnicas, das artes e das humanidades, com o conjunto cognoscível e construtível da vida e do Universo (CASANOVA, 2006, p. 13).

Outros conceitos e definições são apresentados acerca da interdisciplinaridade e, como aponta Jantsch e Bianchetti (2011), não há um conceito unívoco atualmente e o termo é utilizado em muitos eventos culturais e/ou científicos sem que haja uma base comum e partindo de demandas cujas naturezas se diferenciam. Neste panorama, referidos autores apontam o que entendem serem os elementos centrais do estudo interdisciplinar e nos quais se apoiam para concordar com o conceito traçado por Siebeneichler (1989):

Ela (a interdisciplinaridade) é antes de tudo uma perspectiva e uma exigência que se coloca no âmbito de um determinando tipo de processo. Ela tem basicamente a ver com a procura de um equilíbrio entre a análise fragmentada e a síntese simplificadora. Entre especialização e saber geral, entre o saber especializado do cientista, do expert e o saber do filósofo (SIEBENEICHLER, 1989, p. 156 *apud* JANTSCH; BIANCHETTI, 2011, p. 174).

Traçadas tais considerações, a fim de compreensão do que exatamente concerne um estudo interdisciplinar, faz-se necessária a abordagem de como

deverá ser realizado. Para isso, como já apontado anteriormente, importante entendê-la como uma necessidade na produção do conhecimento, o qual se funda no caráter dialético da realidade social e delimitar o objeto a ser investigado, o que não significa dizer que será fragmentado ou limitado de maneira arbitrária (FRIGOTTO, 2008).

Caso o estudo seja feito em contrariedade ao que aponta Frigotto, este sinaliza que haverá consequências e, a primeira delas, é que o trabalho não se efetivará e a segunda é o risco de cair no reducionismo estruturalista que abandona o plano histórico-empírico e se locupleta no plano discursivo. Aduz ainda que fazer análise histórica dos fatos, é empreender um esforço de saturar as categorias abstratas de mediações, de conteúdos dados pela especificidade de uma determinada realidade.

Portanto, realizar um estudo nestes moldes exige do pesquisador um processo para elaborar, de maneira satisfatória, o caminho a ser perseguido e especialmente chegar-se ao fim proposto. Quanto a isso, Carlos Pimenta (2008), faz apontamentos que auxiliam na elaboração de um estudo interdisciplinar, para a qual afirma haver, necessariamente, um processo de aproximação de saberes científicos que outrora se encontravam separados. Porém, alerta que:

[...] esse processo de aproximação pode ter uma variabilidade muito grande: pode ir da simples convivência à utilização de uma pela outra, da adoção comum de metodologias à fusão e constituição de uma nova ciência. A um nível muito primário, em que o peso da disciplinaridade é muito grande e da interdisciplinar quase inexistente, há tão somente uma troca de informações entre ciências diferentes. A um segundo nível de aproximação uma ciência aproveita as descobertas de outras ciências e, de alguma forma, integra-as no seu objecto científico. Podemos estar perante uma importação de conceitos, uma importação de problemáticas ou uma importação de metodologias. A um terceiro nível de aproximação, de forte interdisciplinaridade, diversas ciências que tinham objectos científicos que se interceptavam contribuíram, ou promoveram, a construção de um novo objecto científico, de uma nova ciência. Um pouco à parte destas situações devemos ainda referir a interdisciplinaridade que se realiza quando uma ciência utiliza outra ciência (PIMENTA, 2008, p. 67).

Em síntese, para compreender a importância do estudo interdisciplinar o pesquisador não pode imiscuir-se de, primeiramente, assimilar o que exatamente consiste a interdisciplinaridade sob o aspecto científico e, a seguir, a necessidade de elaboração a partir de um processo de aproximação dos saberes, sem,

contudo, incorrer na formação de uma nova disciplina, uma vez que este não é o objetivo.

1.2 AS PARTICULARIDADES DOS CAMPOS DE ESTUDO: HISTÓRIA E LITERATURA

Como já apontado nas notas introdutórias da presente pesquisa, a proposta é a realização de estudos interdisciplinares entre a Literatura e História a partir da obra literária *ES*⁷, de autoria de Roa Bastos, escritor paraguaio. A obra apresenta em seu enredo, generalidades históricas do Paraguai, o que, na visão de Milagros Esquerro, retrata “abundância de composições, imagens e metáforas” (EZQUERRO, 1983, p. 189, tradução livre)⁸, e mesmo diante da falta de linearidade na narrativa, remonta o período em que o país foi governado por Francia, o Ditador Perpétuo.

Dita narrativa apresenta um enraizamento da realidade do país e o autor reescreve a história como matéria de ficção abrindo novos caminhos para a narrativa na América Hispânica, apresentando a História através da visão de um ditador, que afirma: “Eu não escrevo a história. Faço. Posso refazê-la segundo minha vontade, ajustando, reforçando, enriquecendo seu sentido e verdade⁹” (BASTOS, 1977, p. 175).

Porém, não se estará a fazer uma abordagem de maneira a tornar a obra uma produção romanesca, mas sim, outra maneira de fazer sua leitura, de abordá-la sob a perspectiva das suas relações com a História, sem que haja a castração de sua ficcionalização garantida pela Literatura.

Consideradas como áreas do saber humano, Literatura e História, dadas as suas particularidades, muito têm em comum, especialmente quanto ao caráter narrativo e a forma de expressar a realidade. Por isso, o ponto de partida será a análise das relações que se estabelecem como forma de exercer o imaginário para traçar uma “reconstrução” do tempo narrado na obra de Roa Bastos com o

⁷ Para este trabalho será utilizada a versão traduzida para a Língua Portuguesa por Galeno Freitas, (1977, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro) e também a edição em Língua Espanhola, *Yo El Supremo*, edição da obra elaborada por Milagros Esquerro, 1983.

⁸ “abundancia de composiciones, imágenes y metáforas” (EZQUERRO, 1983, p.189, versão original).

⁹ Tradução extraída da edição em Língua Portuguesa, por Galeno Freitas, (1977, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro), p. 175.

tempo histórico do Paraguai, já que as vozes encontradas nela demonstram alguns eventos ou personagens, que apesar de coerentes, transparecem certa verossimilhança. Exemplo disso encontra-se no trecho:

[...] Outro bode-espiatório inimigo; A Banda Oriental¹⁰. Seus bandos de foragidos foram os que ajudaram a fechar ainda mais o bloqueio à navegação. Tenho aqui bem guardadinho um dos seus principais chefes. José Gervásio Artigas, que se fazia chamar de Protetor dos Povos Livres, ameaçava todos os dias invadir o Paraguai. Arrastá-lo a sangue e fogo. Levar com ele minha cabeça numa estaca. Quando por sua vez foi traído por seu lugartenente Ramírez que se levantou com sua tropa e seu dinheiro, tendo perdido até a roupa, Artigas veio refugiar-se no Paraguai. Meu alternativo extorsionário, meu jurado inimigo, o promotor de conjuras contra meu Governo, teve de mendigar-me asilo. **Eu lhe concedi trato humanitário.** Numa situação como a minha, o mais magnânimo dos governantes não teria feito deste bárbaro, que não era credo da compaixão, mas sim do castigo. Eu me excedi em generosidade. Não somente deixei entrar a ele como também ao resto de sua gente. Gastei liberalmente centenas de pesos em socorrê-lo, mantê-lo, vesti-lo, pois chegou nu, sem outro vestuário ou equipamento que uma jaqueta vermelha e um alforje vazio. (...) Eu lhe dei o que me pediu. (...) Outorguei-lhe trato humanitário, cristão, no verdadeiro sentido da palavra. Ato não só de humanidade como também honroso para a República conceder asilo a um chefe em desgraça que se entregava. **Mandei preparar-lhe alojamento no convento de La Merced** e ordenei que diariamente fizesse exercícios espirituais e se confessasse. (...) **Concedi, pois ao chefe oriental o monte que me pediu para continuar vivendo; não um monte de prêmios, mas sim uma estância nos melhores terrenos do fisco na Vila Kuruguay, para que levantasse ali sua casa e sua chácara, longe do alcance dos inimigos** (BASTOS, 1977, p. 70 e 71, grifo nosso).

Note-se neste trecho que o narrador afirma ter acolhido um inimigo dando-lhe trato humanitário e passa a ideia de que o fez de maneira bondosa. No entanto, a história registrada, tanto no Uruguai, quanto no Paraguai é de que José Gervásio Artigas Aznar, um dos heróis da construção nacional do Uruguai, após uma série de derrotas em suas lutas, dentre elas, algumas com intuito de incorporar o Paraguai à Banda Oriental (Uruguai), em 1821, foi buscar exílio no Paraguai.

A disputa entre Artigas e Francia logo foi renovada; O primeiro teve seu domínio imposto na Mesopotâmia e o segundo no Paraguai; Fatalmente teriam que se enfrentar novamente. [...]

¹⁰ Referindo-se a República Oriental do Uruguai.

Artigas empreendeu esforços contínuos para manter contato com paraguaios opositores, derrubar o Ditador e iniciar uma ação conjunta no estrangeiro com base em uma aliança paraguai-oriental. Fracassou em seus projetos, seu inimigo seguiu firmemente na ditadura, e então não poupou meios para perseguir o Paraguai de Corrientes a Misiones, e para abrir seu comércio ao longo do Paraná (CHAVES, 1985, p. 326, tradução livre).¹¹

Porém ao atravessar o Rio Paraná, juntamente com alguns de seus seguidores e totalmente desprovido de qualquer riqueza, foi, por ordem de Francia, juntamente com seu fiel escudeiro Joaquin Lenzina, aprisionado e encaminhado para *Curuguay*, povoado mais miserável e distante da capital Assunção, onde ficou (sempre monitorado pelo governante paraguaio) até 1840, quando o ditador faleceu:

No momento da derrota e crepúsculo, o protetor dirigiu-se aos pântanos paraguaios cercados por gaúchos maltrapilhos e índios seminus. Ele mesmo, conta Don Gaspar, veio “nu sem mais vestuário nem bagagem, salvo uma jaqueta vermelha e um alforje...” Pede ajuda para voltar à luta e em caso de não obter solicita asilo para si e sua gente em Misiones. O Supremo nega ambos uma e outra petição. Mas lhe concede asilo, confinando-o em San Isidro de Curuguay. “Era um ato não somente de humanidade – explica – senão uma ação honrosa para a República ao conceder asilo a um chefe em desgraça...” Francia teve a seu alcance a opção artiguista e a rejeitou categoricamente (CHAVES, 1985, p. 327, tradução livre).¹²

Somente com a morte do ditador é que Artigas recebeu autorização do novo governante, Carlos Antonio López, para viver em *Ibiray*, uma pequena propriedade localizada próximo ao centro de Assunção, onde viveu até falecer em 1850. Atualmente o local da propriedade foi transformado em Jardim Botânico.

¹¹ La querrela entre Artigas y Francia se renovó pronto; el primero había impuesto su dominio en la Mesopotamia y el segundo en el Paraguay; fatalmente tendrían que chocar otra vez. [...] Artigas llevó a cabo sostenidos esfuerzos para ponerse en contacto con los opositores paraguayos, derribar al Dictador e iniciar en el exterior una acción conjunta sobre la base de una alianza paraguayo-oriental. Fracásó en sus proyectos, su enemigo siguió firme en el mando dictatorial, y entonces no reparó en medios para hostilizar al Paraguay desde Corrientes y Misiones, y trabar su comercio a lo largo del Paraná. (CHAVES, 1985, p. 326, versão original).

¹² En el momento de la derrota y del ocaso, el Protector se dirigió a los esteros paraguayos rodeado de gauchos rotos e indios semi desnudos. El mismo, cuenta don Gaspar, vino “desnudo sin más vestuario ni equipaje, que una chaqueta colorada y una alforja...”. Pide ayuda para volver a la lucha y de no obtenerla solicita asilarse con su gente en Misiones. El Supremo niega una y otra petición. Pero lo asila, lo auxilia y lo confina en San Isidro de Curuguay. “Era un acto no sólo de humanidad –explica- sino aún honroso para la República, el conceder asilo a un jefe desgraciado...”. Francia tuvo a su alcance la opción artiguista y la desechó tajantemente. (CHAVES, 1985, p. 327, versão original).

Registre-se que na capital paraguaia há, inclusive, uma praça denominada *Plaza Uruguaya*, na qual há um monumento de Artigas, assim como uma avenida com sessenta quadras de extensão com seu nome e que, curiosamente, inicia na praça e se finda no Jardim Botânico.

Ademais, o mencionado convento de *La Merced*, era uma propriedade que o explorador e conquistador espanhol Domingo Martínez de Irala, no século XVI, então governador da Província do Paraguai, destinou a servir como convento à igreja de *La Merced*, conduzida pelo frei Juan Salazar. Porém, durante o período em que Francia governou o país foi transformado em um Quartel de Artilharia.

Com isso, pode-se afirmar: a Literatura paraguaia existe e Roa Bastos é o melhor exemplo disso, não obstante outros nomes de destaque constar no rol literário do país, dentre eles, os poetas Elvio Romero; a contista Josefina Plá; o escritor Herib Campos Cervera e o fundador da narrativa contemporânea no Paraguai Gabriel Casaccia; Rúben Bareiro Saguier, falecido em 2014 e Juan Manoel Marcos, autor de *Inverno de Gunter*, que permanece vívido e em plena produção literária, considerado hoje como um dos intelectuais de mais sólida formação do Paraguai atual.

Os caminhos e descaminhos da Literatura no Paraguai são frutíferos e auxiliam a traçar um olhar além da fronteira, ao que pese a sua formação, segundo Mendonça (2010, p. 1030), “ter sido lenta, tardia, com mais de meio século de atraso em relação às outras Literaturas do continente”. Além disso, um dos fatores para esse isolamento cultural é a precariedade dos instrumentos comunicadores internos do país. Nas palavras do autor:

Periférico e pouco conhecido pelo público externo, o sistema literário paraguaio não difere muito de outros países pequenos latino-americanos que também foram colonizados pelos europeus no século XVI, uma vez que traz em si marcas identitárias de mestiçagem, heterogeneidade e hibridismo presentes também em outras Literaturas do continente americano. [...] há uma carência de instrumentos comunicadores e que, possivelmente, as expressões literárias paraguayas são mais conhecidas no exterior do que no país de origem. Assim, as perspectivas do crescimento cultural dentro do próprio país ainda são escassas, embora a luta dos escritores paraguayos pelo reconhecimento local ainda continue (MENDONÇA, 2010, p. 1033).

Por isso, para compreender a importância da Literatura paraguaia é necessário percorrer sua trajetória, a qual está marcada pelo dramático signo da

História, um fenômeno que a torna o espaço preferencial para problematizar os eventos ocorridos e contribuir decisivamente no processo de formação da memória coletiva, assumindo, muitas vezes, o lugar da prática historiográfica.

Outro fator que contribuiu para esse “atraso” na formação literária paraguaia se deu em face das perseguições sofridas pelos literatos nos períodos ditatoriais.

A propósito, não só a História do Paraguai carrega tais características, mas a América Latina como um todo, onde “os gêneros narrativos nasceram comprometidos com a realidade histórica, [...] as obras deixam de ser documentos de fatos empíricos e convertem-se em testemunhos do mundo interior” (JOZEF, 1997, p. 11). E, com isso, esta literatura visa manter na memória “grande parte da mitologia e da poesia popular que perdura na consciência e na memória do povo. Os relatos orais, a mitologia indígena e sua superposição com relatos bíblicos entretecem-se para reinventar a História e desmitificá-la” (JOZEF, 1977, p. 11).

Esse comprometimento surgiu desde os primórdios, quando contar e ouvir histórias já estavam entre as ocupações humanas. No início da civilização, quando não havia ainda a língua escrita, essas atividades resumiam-se a contar e ouvir e, em razão disso, ficavam gravadas na memória dos indivíduos e passavam de pessoa a pessoa oralmente (FARACO, 1992, p. 6).

Ainda segundo Faraco, os primeiros registros de história aparecem nas pinturas do homem das cavernas, nas quais, por intermédio de desenhos, eram transmitidos os relatos diários dos fatos ocorridos. Anos mais tarde surge a escrita, quando então se passou a registrar os fatos utilizando-se da linguagem neste formato, por isso, o que era transmitido apenas oralmente ou pelos mencionados desenhos, passava agora a ser documentado pela escrita.

No processo evolutivo da narrativa histórica, com a invenção da imprensa, empregou-se maior agilidade no processo de transmissão do conhecimento dos fatos históricos. A partir daí, o surgimento dos livros, nos quais tornou possível a narrativa de acontecimentos imaginários, inventados ou fictícios é feita por intermédio de contos, novelas, romances e outras formas textuais.

Daí se pode tirar a ideia de que ambas as ciências, Literatura e História, há muito se utilizam reciprocamente para contribuir no repasse de fatos ocorridos, cujo objeto é o homem, conforme aponta Bloch (2001), que fundamenta em Fustel de Coulanges, conforme anotações em sua obra:

Sem trair Marc Bloch, creio que podemos situar aqui a nota de rodapé por ele prevista: Fustel de Coulanges, aula inaugural de 1862, na *Revue de Synthèse Historique*, t.II, 1901, p. 243; Michelet, aula da *École Normale*, 1829, citado por G. Monod, t.I, p. 127: 'Ocupamo-nos ao mesmo tempo do estudo do homem individual, e isso será a filosofia, e do estudo do homem social, e isso será a história.' Convém acrescentar que Fustel, mais tarde, disse isso numa fórmula mais sintética e carregada, cujo desenvolvimento que acabamos de ler não é senão, em suma, um comentário: 'A história não é a acumulação dos acontecimentos, de qualquer natureza, que se tenham produzido no passado. Ela é a ciência das sociedades humanas. Mas isso talvez seja, veremos adiante, reduzir em excesso, na história, a parte do indivíduo; o homem em sociedade e as sociedades não são duas noções, exatamente equivalentes (BLOCH, 2001, p. 54).

Pesavento (2006) esclarece que a História investiga elementos que contribuam para uma compreensão do tempo vivido, ao passo que a Literatura é descompromissada no que tange a veracidade, razão pela qual esta análise é a mais adequada para o que se busca, pois as representações do passado estão presentes em ambas quando se trata do romance em estudo.

Digo isso em razão das palavras do próprio autor, Roa Bastos, que em entrevista concedida em 1995, ao escritor e jornalista Ariel Palácios, republicada em 2011, na edição digital do *Jornal Estadão Internacional*, declara: "A Literatura sempre se apresentou para mim como uma forma de viver literariamente a realidade da História. A realidade dos mitos e das formas históricas penetra profundamente na superfície do destino humano" (BASTOS, 1995, s/p. *apud* PALÁCIOS, 2011, s/p).

Por isso, inicialmente, é preciso conhecer, individualmente, cada um destes campos, para posteriormente abordar os diálogos existentes entre ambos e, por fim, as aproximações encontradas a partir da análise literária da narrativa *roabastiana* com a narrativa histórica do Paraguai.

Início falando de História, e desde já, aponto que esta pode ser entendida como uma narrativa daquilo que outrora ocorreu e trazida através do tempo pelo narrador, quer seja de maneira coletiva, quer seja de maneira historiográfica, pois para Le Goff (1924), há pelo menos duas histórias.

Em primeiro lugar, porque há pelo menos duas histórias e voltarei a este ponto: a da memória coletiva e a dos historiadores. A primeira é essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e

o passado. É desejável que a informação histórica, fornecida pelos historiadores de ofício, vulgarizada pela escola (ou pelo menos deveria sê-lo) e os *mass media*, corrija esta história tradicional falseada. A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros. Mas estará o historiador imunizado contra uma doença senão do passado, pelo menos do presente e, talvez, uma imagem inconsciente de um futuro sonhado? (LE GOFF, 1924, p. 23)

História, segundo Jantsch e Bianchetti (2011, p. 157) é “uma total ruptura da temporalidade natural e total afirmação da temporalidade construída e os saltos construtivos obedecem às precondições ou as condições historicamente postas, já construídas” e prosseguem, com respaldo em Marx (1977), afirmando que os homens, em suas produções sociais, estabelecem relações de produção correspondentes a um determinado grau de forças produtivas materiais e independentes de sua vontade.

Na visão de Pesavento (2006), a História tem para com esta recriação do mundo em formato de texto, a condição de que é necessário que tudo tenha em algum momento acontecido, uma vez que “como ocorreu” é fruto das escolhas e estratégias ficcionais do historiador, porém, é preciso que algo, de fato tenha acontecido, ou seja, não pode ele inventar os fatos.

É como se fosse uma reescrita a fim de explicar o mundo e passar para as gerações futuras o que ocorreu no passado, conforme afirma a referida autora:

a História é uma espécie de ficção, ela é uma ficção controlada, e, sobretudo pelas fontes, que atrelam a criação do historiador aos traços deixados pelo passado. [...] A História se faz como resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. Ela é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado (PESAVENTO, 2012, p. 34).

Segundo Boris Fausto (2005, p. 116), “o passado não é um campo imóvel, de contornos definidos”, é, portanto, “movente e isso não ocorre em razão de ser tecido apenas por diferentes discursos, mas porque sua interpretação, em busca de graus crescentes de certeza, está sujeito à ampliação do conhecimento e às opções das construções históricas do presente”.

Para firmar suas convicções, no sentido de que a História, alimentada pelo passado, tem essa característica movediça, o referido historiador diz que as

interpretações do passado, em muitos casos, precisaram enfrentar disputas árduas que resultaram em visões diferentes do que de fato ocorreu. Como demonstração, cita a própria Guerra do Paraguai:

Um exemplo é o da interpretação da Guerra do Paraguai que só recentemente, graças aos trabalhos de historiadores como Francisco Doratioto e Ricardo Salles, abriu-se a novos caminhos, rejeitando, de um lado, uma simplista historiografia antiimperialista, tendo como alvo exclusivo a Inglaterra e, de outro, os fatos heroicos da versão militar. Isto foi possível porque muitos arquivos foram abertos no Paraguai e, em parte, no Brasil, e porque os maniqueísmos de direita e de esquerda perderam muito de sua força. A constatação tem também a ver com a emergência do regime democrático que permitiu a revisão, sem temores, da interpretação patrioteira do conflito – uma “verdade inconteste”, na época do regime militar e mesmo antes dele. Tudo isso indica que as interpretações históricas não são ondas que vão e vem, como discursos que se equivalem. Elas favorecem a ampliação do conhecimento e, mais do que isso, possibilitam ao cidadão letrado opções de análise do passado que não os obriga à ingestão de pratos feitos, quase sempre indigestos (FAUSTO, 2005, p. 118).

Logo, a conclusão a que se chega é de que a História não pode ser escrita a lápis pelo historiador e, tampouco, pode ser criada conforme suas próprias convicções, além do que, fica à mercê da boa vontade e das disputas travadas entre os envolvidos nos fatos históricos como asseverou e demonstrou Boris Fausto.

Ocorre que para o historiador é necessário que o fato tenha acontecido ainda que a produção final não saia perfeita. Porém, este tem a seu encargo a missão de buscar, incessantemente, as provas, mesmo que indiciárias ou sinalizadoras dos vestígios dos acontecimentos.

A Literatura, no entanto, por ser produto do desejo do escritor, tem como maior compromisso a fantasia, pois sua preocupação é com o que poderia ou deveria ser e não com o que de fato ocorreu, tal como Roa Bastos o faz em *ES*. Em suma, é para o historiador uma fonte ou documento de valor quando este realiza suas pesquisas, no entanto, deve ser analisada por intermédio da representação do mundo que ela comporta. Não se recomenda uma procura no texto literário da comprovação do que se esta a narrar, mas sim uma explicação real que em suma é a sensibilidade do escritor retratada sob sua ótica.

Com isso surgem os estudos literários, uma maneira de compreender o romance histórico e de conhecer a história sob uma perspectiva minimamente comprometida com a realidade táctil possível.

Na visão de Antonio Candido (2000, p. 23), “Literatura é um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase” e prossegue esclarecendo que “estes denominadores são, além das características internas, (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da Literatura aspectos orgânicos da civilização”.

Ao explicar a razão pela qual considera a Literatura como um sistema, Anatol Rosenfeld (2007), diz que há uma distinção entre os elementos caracterizada pela existência de um conjunto de produtores literários e um conjunto de receptores dessa produção que formam os diferentes tipos de público e sem os quais a obra não viveria, ou seja, há um mecanismo de transmissão que os unem e, além disso, que proporciona liberdade:

[...] a grande obra de arte literária nos restitui uma liberdade – o imenso reino do possível – que a vida real não nos concede. A ficção é o lugar ontológico privilegiado: lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, e em que se torna transparente a si mesmo; lugar em que, transformando-se imaginariamente no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetivar a sua própria situação (ROSENFELD, 2007, p. 23).

Sendo assim, os estudos literários se reportam à Literatura de maneiras diversificadas, no entanto, há um consenso quando, independente do objetivo a ser perseguido, a primeira questão que precisa ser colocada, ainda que dotada de pouca teoria, é a definição fornecida do objeto, qual seja, o texto literário ou o que torna o estudo literário, surgindo, daí o questionamento: o que é Literatura? (COMPAGNON, 2009).

Conceituar Literatura não é exatamente a proposta desta pesquisa, até mesmo porque seria necessário desfiar uma extensa lista de teóricos, sem, contudo, chegar-se ao que se pretende. Por isso, o ideal é apegar-se aos

ensinamentos de Antoine Compagnon (2009) e nos aportes lançados em sua obra *Literatura para quê?*, pois é nela que encontramos, ao invés de conceitos, explanações e os poderes que a Literatura exerce e, de todos os apresentados, o emancipador, ou pós moderno, é o que mais se aproxima do objetivo da proposta aqui debatida:

A Literatura nos liberta de nossas maneiras de pensar a vida, ela arruína a consciência limpa e a má-fé. Resiste à tolice não violentamente, mas de modo sutil e obstinado. Seu poder emancipador continua intacto, o que nos conduzirá por vezes a querer derrubar os ídolos e a mudar o mundo, mas quase sempre nos tornará simplesmente mais sensíveis e mais sábios, em uma palavra, melhores. [...] Seu poder emancipador continua intacto, o que nos conduzirá por vezes a querer derrubar os ídolos e a mudar o mundo, mas quase sempre nos tornará simplesmente mais sensíveis e mais sábios, em uma palavra, melhores (COMPAGNON, 2009, p. 50-51).

Em razão disso, defende o estudo literário como forma de “consertar a fratura da forma e do sentido, a inimizade da poética e das humanidades” (COMPAGNON, 2009, p. 18). Porém, ainda que brevemente e pautadas nos estudos de Compagnon, é preciso discorrer sobre os demais poderes da Literatura, em que pese na minha concepção, o emancipador ser o que mais se aproxima, e coaduno com esta ideia após analisar as versões do poder da Literatura apresentadas por ele, quais sejam: clássico, romântico e moderno.

Na primeira, afirma, com apoio em Aristóteles, que a Literatura é uma forma de representação, ou *mimesis*, que torna a sociedade melhor uma vez que permite o aprendizado por intermédio da observação já que “a tendência para a imitação é instintiva no homem” (COMPAGNON, 2009, p 30).

A seguir, em sua segunda versão, defende que a Literatura é um remédio que tem o poder de libertar os indivíduos da sujeição às autoridades, tornando-se um instrumento de justiça que leva à autonomia, por isso, é uma espécie de oposição ao poder. Contudo, alerta que as doses precisam ser controladas a fim de não causar um envenenamento, ou seja, uma oposição exacerbada. Prossegue apresentando uma terceira, firmando entendimento de que a Literatura é poderosa por se tratar de um instrumento capaz de superar os limites da linguagem, a qual o poeta torna-se capaz de mostrar além daquilo que se vê.

Com isso, finaliza suas explicações tecendo um elogio à Literatura e rogando seja a mesma protegida da depreciação escolar e mundial:

As coisas que a Literatura pode procurar e ensinar são pouco numerosas, mas insubstituíveis, prognosticava ainda Ítalo Calvino: a maneira de ver o próximo e si mesmo, [...] de atribuir às coisas pequenas ou grandes, [...] de encontrar as proporções da vida, e o lugar do amor nela, e sua força e seu ritmo, e o lugar da morte, a maneira de pensar e de não pensar nela (COMPAGNON, 2009, p. 45).

De certa forma, a Literatura de Roa Bastos apresenta traços desta terceira versão do poder por isso, merece ser apreciada e estudada sob todos os ângulos até a exaustão, como o próprio Compagnon aconselha que se faça com a Literatura:

A Literatura deve, portanto, ser lida e estudada, porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos (COMPAGNON, 2009, p 46).

Diante disso, estudar *ES* com este olhar interdisciplinar é imprescindível e a voz do próprio Roa Bastos é fundamental para pautar a investigação de alguns fenômenos que tornaram a Literatura paraguaia o espaço preferencial para problematizar os eventos históricos e contribuir decisivamente no processo de formação da memória coletiva, assumindo, muitas vezes, o lugar da prática historiográfica (PACHECO, 2006). Em suma, servir-se da Literatura para estudar e escrever a História, como aponta White (1991), é uma prática que os teóricos utilizam desde o século XVIII quando se tinha a concepção de que a verdade da história só chegaria ao leitor mediante recursos poéticos.

2 EU O SUPREMO – O CRIADOR E SUA GESTAÇÃO

2.1 O AUTOR

Toda mi obra de escritor es, bajo el signo de mi maestro Cervantes, un embestir solitario y obstinado contra los molinos de vientos, sobre todo el viento que los mueve y sopla donde quieren los impérios ROA BASTOS¹³.

Para falar de uma obra, inicialmente é preciso conhecer o seu criador, por isso, saber quem foi Antonio Augusto Roa Bastos¹⁴ é de extrema relevância para compreender sua narrativa literária, em especial a obra objeto do presente estudo.

Em verdade não apresentarei uma biografia minuciosa, pois demandaria muitas páginas para descrever sua brilhante vivência, mas alguns momentos de sua história pessoal, no intuito de compreender a narrativa literária, pois como o próprio se descreve na citação retrotranscrita, considerava-se um solitário lutando contra os moinhos de ventos. Mas que moinhos são estes? Que ventos são estes?

Motivo de orgulho em sua terra natal é sempre lembrado e prestigiado em todos os níveis culturais. Constatei isso quando fui para Assunção fazer o levantamento de informações e material para desenvolver este trabalho. Mesmo nas pequenas comunidades e nos espaços mais simples tive demonstrações positivas. Sempre que comentava estar ali pesquisando Roa Bastos, um largo sorriso surgia e a facilidade em falar sobre ele advinha dos meus interlocutores. Era perceptível o orgulho de falar e demonstrar o quão importante foi o autor para no cenário Paraguaio, o que contradiz os apontamentos feitos por Beatriz Rodríguez Alcalá de Gonzáles Oddone (2011), no Portal Guarani:

Traduzida em quatorze idiomas, a obra de Augusto Roa Bastos o coloca entre os grandes narradores contemporâneos. Este

¹³ Citação feita por Fernando Burgos no livro *Las voces del Kará: estudios sobre Augusto Roa Bastos*, Madrid, 1988, p 3, Editora Edelsa.

¹⁴ As informações acerca da vida e do estilo de Roa Bastos foram extraídas da obra *Augusto Roa Bastos: Caidas y Ressurrecciones de un pueblo*, de Rubén Barero Saguier, Montevideo, Edições Trilce, 1989 e de diversas leituras em artigos, periódicos, entrevistas e notas encontradas na *internet* e revistas especializadas, dentre elas Anthropos – Revista de documentación científica de la cultura, nº 115/1990.

juízo, universalmente aceito desde o advento do Filho do Homem (1960), tem sido repetidamente ratificado pela crítica mais severa e exigente. [...] E enquanto no exterior são realizados seminários e simpósios, teses são escritas e se realizam conferências sobre sua obra, em seu país se limitam a poucas dezenas os que a conhecem, admiram e compreendem. (ODDONE, 2011, s/p., tradução livre).¹⁵

No entanto, após reler atentamente as informações acima compreendi a ideia da autora, na verdade, muitos sabem que Roa Bastos é alguém de grande importância e nativo do país e qual ofício desempenhado, mas não conhecem a obra ao nível de compreender suas narrativas que, de certa maneira, é complexa e ao mesmo tempo apaixonante. Somente os mais letrados, estudiosos literários e historiadores tem acesso ao acervo de estudos e pesquisas sobre o mesmo.

Os grandes narradores são maestros, surgem das profundidades do jogo estético, Roa Bastos, demonstrou uma paixão em narrar que se fez visível não só em seus romances, mas também em seus ensaios ou em qualquer outra forma, quer seja escrita ou oral que se tem notícia.

Tido como uns dos nomes mais importantes da narrativa latino-americana, carrega em seu acervo literário, escritos traduzidos em muitos idiomas e dos quais diversos estudos já foram realizados, especialmente no Brasil. Muitos, conforme Giacón (2011), são os trabalhos acadêmicos referindo-se à especificidade do texto, dentre eles o estudo feito por Marcia Hoppe Navarro (1990), no qual apresenta uma análise conjunta de três obras do escritor, e que utilizo como suporte bibliográfico em muitos momentos desta pesquisa.

Quase que na sua totalidade o *corpus* de suas produções literárias é o Paraguai, um país construído a partir de histórias que se entrecruzam, as quais, ao serem lidas e estudadas, provocam no leitor um misto de admiração e compadecimento, pois ao longo dos seus jovens 204 anos, contados desde sua independência em 1811, foi partícipe de eventos, que por algumas vezes, quase devastou sua população, como é o caso da Guerra da Tríplice Aliança, um dos

¹⁵ Traducida a catorce idiomas, la obra de Augusto Roa Bastos ubica a su autor entre los grandes narradores contemporáneos. Este juicio universalmente aceptado desde la aparición de Hijo de Hombre (1960), ha sido reiteradamente ratificado por la crítica más severa y exigente. [...] Y mientras en el extranjero se realizan seminarios y simposios, se escriben tesis y se dictan conferencias sobre su obra, en su propio país sumarían pocas decenas los que la conocen, la admiran y la comprenden (ODDONE, 2011, s/p., versão original).

momentos de maior extermínio, que compreendeu o período de 1864 a 1870 e, na qual Argentina, Brasil e Uruguai, uniram forças para lutar contra o Paraguai.

Foram lutas hercúleas para defender a terra, a cultura e o povo, lutas que por vezes, exigiu que se derramasse até a última gota de sangue de seus guerreiros. Uma terra, que apesar de não ser agraciada por belezas naturais é, por certo, habitada por um povo alegre, vivaz e merecedor de respeito.

Roa Bastos foi um escritor nascido nesse bravo país, na cidade de Assunção, em 13 de junho de 1917. Em sua trajetória pessoal participou de alguns desses momentos históricos em que seu país foi personagem, o que emprestou à sua obra uma marca significativa deixada pelo signo do exílio em plena era do autoritarismo na América Latina.

Nasceu no cenário político e social que se apresentava no limiar do século XX, momento em que se renunciavam a violência e as grandes transformações políticas e econômicas no cenário mundial, dentre eles, os decorrentes da Primeira Grande Guerra Mundial (1914-1918), cujos reflexos atingiram o Paraguai nos campos econômicos e políticos.

Filho de Lúcio Roa, brasileiro de descendência francesa e de Lúcia Roa Bastos, passou sua infância em Iturbe, um pequeno povoado na região *Del Guairá*, de cultura Guarani, no qual o pai era empregado de um engenho de açúcar, que serviu de cenário para seus primeiros escritos literários. Ainda adolescente, durante o governo de Eligio Ayala, por volta de 1925, retornou para Assunção a fim de estudar no colégio *San José*, um dos melhores colégios da capital paraguaia e onde começou a ver a vida de maneira diferente “Porque davam uma boa instrução e educação de alto nível, todos que se destacaram no Paraguai passaram por ali” (SAGUIER, 1989, p. 21, tradução livre)¹⁶.

Protegido pelo tio Hermenegildo Roa, o qual era bispo da Igreja Católica, com quem morou e lhe conseguiu uma bolsa de estudos, tornando-se um exemplo para o escritor, especialmente por lhe proporcionar contato com clássicos da Literatura francesa, dentre eles Voltaire e Rousseau. Tal bagagem contribuiu para torná-lo narrador e poeta e ser considerado como o escritor paraguaio mais importante do século XX e um dos grandes romancistas da Literatura hispano-americana.

¹⁶ Porque daban muy buena instrucción y educación de alto nivel, todos los que después fueron algo en el Paraguay pasarón por ahí (SAGUIER, 1989, p. 21, versão original).

Participou da Guerra do Chaco entre Bolívia e Paraguai (1932-1935) onde presenciou os horrores da guerra o que retrata depois e na qual teve contato com uma nova realidade fazendo-o interessar-se com maior profundidade no processo militar, político e social paraguaio, sem perder de vista o afeto pela cultura. Também lhe serviu de experiência para escrever o romance *Hijo del Hombre*, lançado em 1960. Sempre se mostrando oposto ao regime ditatorial de seu país, passou boa parte de sua vida fora dele, principalmente na Argentina, Espanha e França.

Entre suas obras as de maior destaque são as coleções de contos *El trueno entre las hojas* (1953), *El baldío* (1966), *Madera quemada* (1967), *Los pies sobre el agua* (1967), *Moriencia* (1969), *Cuerpo presente* (1971), *El pollito de fuego* (1974), *Lucha hasta el alba* (1979), *La vigilia del almirante* (1992), *El fiscal* (1993), *Contravida* (1995) y *Madame Sui* (1995). Porém, *Eu o Supremo* foi eleita a mais relevante e lhe rendeu o Prêmio Cervantes em 1989 e em 1990 foi premiado pela Ordem Nacional de Mérito no Paraguai.

Em 1939 se casa com Ana Lidia Mascheroni com quem teve dois filhos Carlos e Myrta, no mesmo ano em que assume a presidência do país José Felix Estigarribia, do partido liberal, que morre em um acidente de carro pouco tempo depois. Com a morte do presidente, assume o general Higinio Morinigo com o qual inicia o ciclo de Revolução Nacionalista Paraguaia. Anos depois se casou com María Isabel Duarte Rodi, com quem teve quatro filhos Francisco, Silvia, Aliria e Augusto, este já falecido.

Neste tempo, mesmo não se afiliando a nenhum partido político, passa a escrever no jornal, de forma radical contra o governo, denunciando a exploração feita contra os trabalhadores e publica notas sobre a Literatura europeia (espanhola, inglesa e francesa). Também publica o livro de versos *El ruiseñor de la aurora y otros poemas* (1942).

No final de 1946, liberais e comunistas entram em conflito para tentar derrubar ao governo de Morinigo e uma revolução se instala no país, mas são derrotados diante do apoio que o governo recebe de Juan Domingo Perón, presidente da Argentina. Com isto é instalada a ditadura que durará até 1948. Em razão desse fracasso dos revolucionários é decretada uma verdadeira cassa para capturar Roa Bastos que se negou, por razões ideológicas, a assumir o cargo de Agregado Cultural da embaixada Paraguaia na Argentina.

Era tachado de sindicalista perigoso, comunista e deveria ser capturado vivo ou morto, mas consegue fugir e se esconde na casa em Iturbe, na qual passou a infância. Daí, com o auxílio do tio consegue se refugiar na embaixada do Brasil, aos cuidados do conselheiro cultural e amigo Guy Buarque de Hollanda, ali permanecendo até conseguir um salvo conduto, partindo então parte para Buenos Aires onde inicia um longo período de exílio.

Em razão das perseguições impingidas pelo governo paraguaio, buscou refúgio na Argentina em 1947, cujo país também era dominado pela ditadura, tornando necessária uma mudança para a França, o que de todo não lhe foi ruim, pois passou a lecionar aulas de Literatura Hispano-americana as quais o capacitaram cada vez mais e contribuíram para torná-lo o escritor paraguaio mais conhecido no mundo e uma das figuras mais destacadas na narrativa latino-americana na segunda metade do século XX, na fase do chamado *boom* da Literatura contemporânea.

Em suas obras, insistiu que a escrita deve combater o abuso de poder por meio da imaginação e em sua trajetória construiu e deixou um legado literário que conta um pouco da sua história, da ditadura militar que comandou seu país durante anos e especialmente das privações que sofreu, pois mesmo não se afiliando a partidos políticos, sempre esteve atento ao que dizia respeito às classes oprimidas do Paraguai. Faleceu no dia 26 de abril de 2005, em Assunção, deixando um legado literário digno de grandes nomes.

A opção pelo estilo de escrever não foi arbitrária ao menos por duas razões: o gesto narrativo é um dos privilégios entre as formas de expressões verbais através da qual é possível processar a experiência humana para compreendê-la e a segunda, foi uma forma que encontrou para intervir e incidir politicamente nos problemas do Paraguai, produzindo um conhecimento crítico que o distinguiu e constituiu em um dos melhores lugares para proferir suas ideias.

No século XX com os avanços bélicos, a ocorrência de guerras atingiu, assim como muitos países, o Paraguai, causando conflitos e lutas pelo poder, motivando o surgimento de ideais comunistas e ditaduras tirânicas. Esses reflexos, claro chegaram rapidamente à América Latina e, assim ao Paraguai, provocando efeitos no cenário político e econômico, pois propiciou o fornecimento

de produtos que não havia nos países europeus, devastados pela Primeira Guerra Mundial.

De outro lado, foi o ponto de partida para as lutas sindicais que visavam um melhor tratamento aos trabalhadores, porém os governantes rapidamente promoveram repressões gerando assim, conflitos de toda ordem. Muitos veículos de comunicação foram atingidos com o objetivo de “calar” o povo. Tal cenário foi o berço de Roa Bastos que no seio da família já recebia, desde tenra idade, tratamento duro e autoritário do pai.

Pessoa de temperamento forte, o pai foi responsável por lhe ensinar a ler e a escrever e a mãe lhe ensinou a falar Guaraní e a cultura local, razão pela qual sua identidade é bilíngue e híbrida. Por isso, Roa Bastos apresenta em suas obras mitos guaranis e paraguaios criando um eixo de reflexão sobre o autoritarismo. Logo, pensar a obra do escritor é pensar o Paraguai, pois é uma escrita dual, erudita e popular ao mesmo tempo, particular e universal (GIACON, 2011).

Também aprendeu a língua ao conviver com os índios, abaixo relato sobre este aspecto:

A família se muda para Iturbe, próximo a Villarrica, na zona del Guairá. Ali o pai torna-se empregado de um engenho de açúcar. O lugar é irrigado por inúmeros rios que alimentam uma frondosa vegetação. Os indígenas são guaranis e sua língua é aprendida de forma precoce pelo futuro escritor. Se trata de uma língua mal vista pelas pessoas cultas que a proíbem. Augusto a aprende com as crianças quando iam banhar-se no rio, fora do povoado onde habita. O menino roa tem precoces vivências mágicas: as árvores como o *mazare* que ao ser golpeada com o machado ressoam como se fossem lingotes de metal emitindo gemidos. Ele acredita que dentro habitam pessoas caladas que lamentam pela exploração (CENTRO VIRTUAL CERVANTES, 2016, s/p. tradução livre).¹⁷

¹⁷ La familia se marcha a Iturbe, cerca de Villarrica, en la zona del Guairá. Allí el padre está empleado en un ingenio azucarero. El lugar está irrigado por numerosos ríos que alimentan una frondosa vegetación. Los indígenas son guaraníes y su lengua es aprendida precozmente por el futuro escritor. Se trata de una lengua mal considerada por la gente culta, que la prohíbe. Augusto la recibe de los chicos con los que va a bañarse al río, fuera del villorrio selvático donde habita. El niño Roa tiene tempranas vivencias mágicas: los árboles como el mazaré, al ser golpeados por el hacha, suenan tal si fueran lingotes de metal, lanzando quejidos. Cree que dentro habitan personas calladas que se lamentan por la tala. (CENTRO VIRTUAL CERVANTES, 2016, s/p.versao original).

O relacionamento que manteve com os pais foi fator preponderante na formação de sua identidade paraguaia. Pode-se dizer que as obras de Roa Bastos são pensamentos paraguaios eruditos e populares, particulares e universais. Ou seja, tramitam em dois universos distintos.

Dentre as tantas obras publicadas, sendo a grande maioria durante o período do exílio, a que mais causou repercussão foi o romance *ES*, em 1974, “obra esta intensamente discutida e considerada o divisor de águas na escritura roabastiana” (CUSTODIO, 2015, p. 24), enquanto ainda estava na Argentina, considerado pela crítica literária como sendo uma obra prima em razão das inovações estéticas que trazia.

Logo após a publicação de tal obra instalou-se a ditadura naquele país, o qual, de porto seguro ao escritor passou a ser um ambiente hostil, pois era visto como um anarquista e teve suas obras proibidas pelo governo peronista. Como aponta Josefina Plá (1986), a obra de Roa Bastos é reveladora de um espírito de verdade, por isso, é uma voz que soava alto em meio à repressão:

Na obra de Roa Bastos, se faz presente pela primeira vez, em seu autêntico ressoar, o ânimo e a ânsia de um povo pouco conhecido, salvo pelo redobrar de seus épicos sacrifícios. Ela revela, em espírito e em verdade, um povo que se afirma no tempo com perfis inconfundíveis e, que é, pelo que é, de substância profundamente binária de indígena e hispânico, um símbolo desta América mestiça, de sua autenticidade na reivindicação de um lugar próprio. Espanhol confundido no túnel do tempo, todo ele hispânico, Roa Bastos é na sua obra um vivo repositório de imagens milenares de ambas as estirpes, e com elas de secretas vozes telúricas e de cósmicas instituições. Em sua palavra acham-se vértices de duas almas inconciliáveis, mas cuja luta íntima fixa ponto de cruzamento com o pressentimento de uma humanidade nova do homem da América (PLÁ, 1986, p. 3, tradução livre).¹⁸

¹⁸ En la obra de ROA BASTOS, se hace presente por vez primera en su auténtico retinir el ánimo y el ánimo de un pueblo poco conocido salvo por los redobles de sus épicos sacrificios. Ella revela, en espíritu y verdad, a un pueblo que se afirma en el tiempo con perfiles inconfundibles y, que es, por lo que es de sustancia entrañablemente binaria de indígena y de hispánico, un símbolo de esta América mestiza, de su autenticidad en la reivindicación de un acento propio. Español confundido en el túnel del tiempo con lo indígena; indígena que se ve en ese túnel del tiempo, todo él hispánico, Roa Bastos es en su obra vivo repositorio de imágenes milenarias de ambas estirpes, y con ellas de secretas voces telúricas y de cósmicas intuiciones. En su palabra hallan vértice de las almas inconciliadas aún, pero cuya lucha íntima fija punto de cruce en el presentimiento de una humanidad nueva: la del hombre de América (PLÁ, 1986, p. 3, versão original).

Em razão da sua maneira de escrever teve sua prisão decretada, uma vez que os políticos viam suas obras como algo contrário a ditadura, e necessitou partir para a França. No período em que esteve nas terras francesas relançou o livro e publicou outros, fixando-se como romancista e consagrando-se como escritor literário latino-americano. Neste período, muda suas temáticas, já que na fase anterior retratava a realidade paraguaia através do sofrimento e do exílio, agora escrevia atacando o poder, utilizando a história do país para escrever a ficção.

Krysinski (2005, p. 311) afirma que o autor “soube estabelecer um equilíbrio entre a criação literária e as provações de sua existência” e traduziu “a crueldade da história e da condição humana em uma forma literária que revolucionou o romance histórico”, isso elevou sua obra a um lugar privilegiado na arte da narração.

Ainda que durante os anos do governo Stroessner as obras do escritor tenham sido proibidas em todo o Paraguai, inclusive o uso em universidades e escolas e a comercialização, isso não foi motivo para que parasse. Prosseguiu produzindo incansavelmente, recebendo o Prêmio Cervantes, em 1989, o que lhe rendeu uma *benesse* do governo Francês, a cidadania francesa, ficando então, com dupla cidadania, espanhola e francesa, uma vez que, por volta de 1983, ao fazer uma breve viagem ao Paraguai para registrar sua última filha, dada a polêmica surgida em torno da obra *ES* e do governo militar do ditador Alfredo Stroessner, teve sua cidadania paraguaia caçada:

Retorna ao Paraguai, aproveitando-se de uma brecha do governo Stroessner, com a intenção de registrar sua última filha com a nacionalidade paraguaia. Recebido com grande exibição na mídia, é novamente expulso de sua terra de forma violenta e tratado como um delinquente. O ditador não só lhe fechou as fronteiras do país, como o declarou publicamente como *persona non grata*, retirando-lhe o passaporte e a cidadania paraguaia fazendo-o integrar uma extensa lista de paraguaios apátridas (SAGUIER, 1989, p. 27, tradução livre).¹⁹

¹⁹ Retorna al Paraguay, aprovechando un resquicio del gobierno Stroessner, con la intención de registrar su última hija bajo nacionalidad paraguaya. Recibido con gran despliegue de medios informativos, es nuevamente expulsado de su tierra violentamente y tratado como un vulgar delincuente. El dictador no solo le cerrará las fronteras del país, sino le declarará públicamente como *persona non grata* y le retirará el pasaporte, con lo que perderá su ciudadanía y pasará a formar parte de la extensa nomina de semejantes apátridas (SAGUIER, 1989, p. 27, versão original).

O comportamento do ditador não o abalou, ao contrário serviu de motivação para continuar escrevendo, pois através de sua escrita podia falar de seu povo, de seu país e de sua cultura, uma forma de estar próximo mesmo estando longe, confirmando sua teoria de que a literatura era a arma que utilizava para ganhar as batalhas enfrentadas na vida pessoal e pelo povo paraguaio.

Em seu discurso quando da premiação expressou a alegria e a satisfação em receber o prêmio declarando que:

A concessão do prêmio me dá a certeza de que também a Literatura é capaz de ganhar batalhas contra a adversidade sem mais armas que a letra e o espírito, sem mais poder que a imaginação e a linguagem. [...] Vejo o Prêmio Cervantes como um duplo prêmio, a minha obra e a cultura da minha pátria (BASTOS, 1990, Revista Anthropos, p. 17, tradução livre).²⁰

Após a queda do governo Stroessner, em 1989, recebeu de volta seu passaporte, no mesmo ano que recebeu o Prêmio Cervantes. Em 1996, retornou ao Paraguai, fixando residência em Assunção, vindo a falecer em 26 de abril de 2005, decorrente de complicações cardíacas e deixando um legado literário que, segundo a crítica, pode ser visto sob dois aspectos:

O primeiro consistente nos fatos históricos empregados em seus romances da fase anterior que datavam de períodos distantes do momento vivido, configurando-se, pois como uma crítica velada ao poder instituído, iniciado com Francia e retratado ficcionalmente em *Yo, El Supremo* (1974). O segundo se detém em ler a ditadura stronista que servirá como fonte de crítica política nos romances: *El Fiscal* (1993), *Madama Sui* (1996) e *Contraída* (a1994). (GIACON, 2011, p 71)

Os anos seguintes ao retorno para o Paraguai até sua morte em 2005 foi um período de “acerto de contas” com o passado e que se dedicou a expor os sujeitos históricos até então ignorados pela história oficial, como a mulher e o imigrante oriental e expor a Literatura do período histórico a partir da resistência, do exílio e não do poder institucional. A escrita não é mais compromissada com

²⁰ La concesión del premio me confirmó la certeza de que también la Literatura es capaz de ganar batallas contra la adversidad sin más armas que la letra y el espíritu, sin más poder que la imaginación y el lenguaje [...] Veo el Premio Cervantes como un doble galardón a mi obra y a la cultura de mi pátria (BASTOS, 1990, Revista Anthropos, p. 17, versão original).

história, mas sim com a memória, pois o regime *stronista* é um passado muito recente (GIACON, 2011).

Por fim, para demonstrar a importância de Roa Bastos e o reconhecimento do povo Paraguai pelo legado literário deixado, entrou para o rol de grandes heróis do país e “virou herói nacional do Paraguai e suas cinzas foram transportadas para o Panteão Nacional em Assunção”, como aponta a professora Alai Garcia Diniz (2017)²¹ ao salientar que este ano celebraremos o centenário do escritor.

2.2 A NARRATIVA E O CONTEXTO HISTÓRICO DE PRODUÇÃO

O legado literário de Roa Bastos é farto, como já demonstrei, o qual começou a ser construído ainda na juventude. Dentre suas obras escreveu muitos romances, em sua grande maioria abordando temas que contribuem para o conhecimento da história de seu país. Merece destaque a trilogia composta por três grandes romances, *Hijo de Hombre*, *Yo el Supremo* e *El Fiscal*, todos com um ponto em comum, a ditadura que imperou no país.

Na primeira obra da trilogia, *Hijo de Hombre*, o tema central é a realidade histórica e social do Paraguai, que rememora a ditadura de Francia, a Guerra da Triplice Aliança e constrói um resgate na literatura de traços da língua nativa, o Guaraní. A segunda é a obra *corpus* desta pesquisa que em seguida farei uma análise de sua estrutura, a fim de apresentá-la de maneira a demonstrar que mesmo sendo complexa pode proporcionar uma leitura agradável, coerente e profícua. Por fim, a terceira obra da trilogia, *El Fiscal*, cujo enredo apresenta uma narrativa de cunho mais contemporâneo, uma vez que a figura central gira em torno da ditadura do governo do General Stroessner (1954-1989), a mais longa ditadura da América no século XX, e o tema do exílio, experiência vivida pelo próprio autor (FERNANDES, 2009, p. 1736).

Essencialmente paraguaia e não somente pela nacionalidade do autor, *ES*, é também uma obra portenha e sessentista. Foi escrita quando Roa Bastos vivia em Buenos Aires, Argentina, por volta dos anos 1968 a 1973.

²¹ MEDEIROS, Sérgio. **Cem anos de escuridão**. Jornal O Estado de São Paulo, 29 Jan 2017 *apud* DINIZ, Alai Garcia. Disponível em <https://www.pressreader.com/>, acesso em 04 de fev. de 2017.

Roa Bastos referiu-se em diferentes oportunidades ao período de produção sem precisá-lo; por exemplo, em Julio de 1970, refere-se “ao romance que atualmente escrevo, com longas interrupções, a última há três anos” (Maldavsky 1970:12). Dez anos depois (Roa Bastos 190:185) diz “comecei a compilar *Eu o Supremo*”. Até então, a partir da ótica do “processo de produção, ou seja, das determinações que o levaram a dar esta forma”, já Noé Jitrik (1980:76) semeou “dúvidas sobre o caráter propriamente paraguaio do texto, uma vez que foi produzido em uma circunstância argentina” (BOUVET, 2009, p. 13, tradução livre).²²

O período de criação corresponde aos anos sessenta, momento em que o ambiente intelectual em Buenos Aires era estimulante e provocador, apesar da predominância da ditadura militar. Mesmo em plena era do poder de censura exercido por Juan Carlos Onganía Carballo, que governou a Argentina entre 1966 e 1970, e suspendeu a publicação de livros de autores como Manuel Puig, pelo simples fato de conter palavras que considerava inapropriado e depois sucedido por diversos governos militares, os escritores não se deixavam abater e prosseguiram produzindo suas obras literárias.

Roa Bastos, assim como Julio Cortázar e Jorge Luis Borges, são exemplos dessas produções, utilizando-se do cenário político para inspirar seus escritos e se valendo do entrosamento das vanguardas políticas e literárias. Logo, diante de um cenário ditatorial militar em grande parte da América Latina, na Argentina exercida por Onganía e no Paraguai por Alfredo Stroessner, a obra *ES* foi escrita e lançada, quase que simultaneamente, com outras do mesmo gênero, como *O recurso do método* (1947), do escritor cubano Alejo Carpentier e *O outono do Patriarca* (1975), do escritor colombiano Gabriel García Marquez.

Tais publicações inauguram um veio literário que, apesar do grande número de obras que abarcam o tema da “ditadura” na América Latina são considerados como romances do “ditador” e Buenos Aires tornou-se um espaço profícuo para os escritores (NAVARRO, 1989).

²² Roa Bastos se ha referido en diferentes oportunidades al período de gestación sin precisarlo; por ejemplo, en Julio de 1970, alude a “la novela que actualmente escribo, con prolongadas interrupciones, la última desde hace más de 3 años” (Maldavsky 1970:12). Diez años después (ROA BASTOS 190:185) anota: “hacia 1968 comencé a compilar *Yo el Supremo*”. Por entonces, desde lá óptica del “proceso de producción, es decir de las determinaciones que han empujado a darle esa forma”, ya Noé Jitrik (1980:76) planteó “dudas acerca del carácter propiamente paraguay del texto, puesto que há sido producido en uns circunstancia argentina (BOUVET, 2009, p. 13, versão original) .

A cidade de Buenos Aires fervia de teorias e olhares críticos cada vez mais rigorosos, universais e profundos, que circulavam em uma ampla rede de relações editoriais, revistas, diários, livrarias, autores, diretores de editoriais, coleções e revistas, tradutores, leitores, corretores e resenhistas que em grande número se publicava.

Esse universo de redes e alianças entre os agentes da indústria cultural, com suas amizades pessoais e afinidades intelectuais constituía um campo cultural muito permeável. Não havia um comitê editorial formalmente constituído, por isso, as relações surgiam dos encontros casuais entre os intelectuais, conforme assinala María Teresa Poyrazian (2000):

Ao não existir um comitê editorial formal, as conversas de café se transformaram em um lugar de discussão, onde começava a circular, a traduzir-se no material que logo se iria editar. Assim também se foram criando sólidos vasos capilares com o mundo intelectual. [...] Isso era uma usina intelectual, um enxame de ideias, de discussões, que se traduziam em livros que por sua vez produziam outras ideias e outras discussões (POYRAZIAN, 2000, p. 39, tradução livre).²³

Roa Bastos vivia neste ambiente, vitimado pelo governo ditatorial de Stroessner, e como admite, pouco antes de falecer que o “fermento” do clima intelectual argentino o estimulou na formação literária. Na capital argentina escreveu grande parte de seu acervo e adquiriu amplo conhecimento para a Literatura, sempre com a visão de que um escritor deve saber um pouco de tudo.

Também viveu nas cidades de Rosário e Córdoba degustando do clima intelectual argentino, sempre estimulado pelo continuo exercício de ler, informar-se e trocar ideias, o que funcionava como uma espécie de fermento para a criação literária.

Navarro (1989, p. 13) em seu estudo sobre o “Poder da História na América Latina”, deixa claro que sua busca é na intenção de “examinar as relações existentes entre a criação literária e processos sociais concretos” e, no caso de Roa Bastos percebe-se que sua criação literária, especialmente a obra em

²³ Al no existir un comité editorial formal, estas charlas de café se transformaron en un lugar de discusión, de intercambio, de información, donde comenzaba a circular, a plasmarse el material que luego se iba a editar. Así también se fueron creando sólidos vasos capilares con el mundo intelectual [...] Eso era una usina intelectual, un hervidero de ideas, de discusiones, que se plasmaban en libros que a su vez producían otras ideas y otras discusiones (POYRAZIAN, 2000, p. 39, versão original).

estudo, está diretamente relacionada com o processo social e político que a América Latina enfrentou desde a chegada dos primeiros colonizadores e que culminou com sucessivos governos ditatoriais.

O resultado da soma de tais processos e da criação literária são obras em que a ditadura na América Latina, a qual apresenta em sua história, segundo Navarro (1989, p. 15), um “número tão grande de ditadores e ditaduras que nenhuma definição simples poderia englobar suas características com propriedade” é o cerne da narrativa latino-americana.

E toda essa atmosfera de efervescência teórica, política e literária latino-americana deixaram uma profunda marca em Roa Bastos e sua escrita literária se consolida e transparece no romance. Nas obras anteriores suas narrativas eram mais voltadas para a denúncia, face ao exílio que o fazia sentir-se na obrigação de utilizar-se do ofício de escritor para denunciar o sofrimento do povo paraguaio, a exemplo de *El trueno entre las hojas* (1953), e como deixou claro por ocasião de seu discurso ao receber o Prêmio Cervantes em 23 de abril de 1990 (correspondente ao ano de 1989), na Espanha:

A Literatura é capaz de ganhar batalhas contra a adversidade sem outras armas que a letra e o espírito, sem mais poder que a imaginação e a linguagem. E é esta batalha a mais alta homenagem que me é possível oferecer ao povo e a cultura do meu país que tem resistido com devotada obstinação, dentro das muralhas do medo, do silêncio, do esquecimento, do isolamento total, das vicissitudes do infortúnio e que, em sua luta pela liberdade, tem conseguido vencer as forças desumanas do despotismo que os oprimia. (trecho do discurso pronunciado em Alcalá de Henares, ao receber o Prêmio Cervantes)²⁴ (BASTOS, 1990, p. 17).

Ao longo dos anos, Roa Bastos mudou seu estilo narrativo, estimulado pela convivência no ambiente universitário, quando se tornou professor de Literatura Hispano-americana e Língua Guarani na Universidade de Toulouse/França, porém sempre teve como cenário o Paraguai e como tema fundamental a

²⁴ La Literatura es capaz de ganar batallas contra la adversidad sin más armas que la letra y el espíritu, sin más poder que la imaginación y el lenguaje. Y es esta batalla el más alto homenaje que me es dado ofrendar al pueblo y a la cultura de mi país que han sabido resistir con denodada obstinación, dentro de las murallas del miedo, del silencio, del olvido, del aislamiento total, las vicisitudes del infortunio y que, en su lucha por la libertad, han logrado vencer a las fuerzas inhumanas del despotismo que los oprimía" (Del discurso pronunciado en Alcalá de Henares, al recibir el Premio Cervantes).

denúncia dos abusos do poder, o desejo de uma justiça social que o fazia escrever contra a ditadura militar, inclusive Argentina, razão que o levou a ser exilado de tal país e ocasionou sua ida para a França.

Porém, mesmo longe de seu país, aparentemente Roa Bastos transpunha com sua escrita as fronteiras que o separava. O exílio foi um dos fatores preponderantes na mudança de seu estilo literário e, principalmente, uma arma na luta contra a ditadura. Para ele não haviam fronteiras, quer sejam espaciais ou literárias, e seu objetivo principal era o de lutar contra a ditadura e a favor democracia, por isso, o seu anseio era buscar na Literatura um espaço para responder as questões que se colocavam na sua história e de seu país.

Com isso, “entrelaçou História e Literatura formando um grande novelo para entender uma sociedade complexa, dual formada pela língua guarani e o espanhol, cortada pela miséria e pela violência” (GIACON, 2011, p. 10).

De longe acompanhava o lúgubre panorama político paraguaio, através de jornais e cartas, se mostrando entristecido, o que o leva a agir de forma clandestina na causa libertadora e, por isso, participa de ações para “recolher contribuições financeiras dos exilados para ajudar os movimentos guerrilheiros”. (PACHECO, 2006, p. 32).

Como se vê, durante o exílio, o escritor criticava os regimes autoritários vigentes no país, sendo em alguns momentos considerado um comunista, conforme consta do trecho a seguir:

Do seu exílio em Toulouse, França, Augusto Roa Bastos dirigiu Carta aberta ao povo paraguaio, que se converteu imediatamente num documento político indispensável para aqueles que enfrentam a ditadura de Alfredo Stroessner e também o próprio regime. O embaixador do Paraguai em Buenos Aires, Luis González Arias, acusou no mês passado o autor de Yo, el Supremo, de servir ao comunismo e “propugnar o emprego da violência e da força...”; mas também atribuiu a funcionários do governo argentino a intenção de fomentar uma campanha subversiva em terra guarani através das caixas de Plano de Alimentação Nacional (Revista América Latina, 1988, p. 17).

Nessa mesma publicação, encontra-se transcrita a carta mencionada cujo texto aparenta a preocupação que tinha com seu povo:

É a partir destes fatos e reflexões que me animo a dirigir a meu povo esta mensagem distante e próxima ao mesmo tempo. Do mesmo modo, minha vida e meu trabalho foram sustentados no

tempo e na distância por sua presença e proximidade, por suas verdades profundas, por seus infortúnios e preteridas aspirações. Ao longo destes quarenta anos de exílio, não me separei um único dia de seu pulso distante, de sua realidade cotidiana, de suas velhas aspirações, de suas novas vicissitudes e esperanças. [...] Tal é meu único e irrevocável compromisso com a Literatura e com a vida, com meu país e com o mundo. É somente isso que devo pagar, e pago como posso (BASTOS, 1988 *in* Revista América Latina, p. 20).

Sob esse prisma é possível ajustar as obras roabastianas, que utilizam a história do país como principal matéria prima para as criações, abordando o papel secundário que o povo exerce diante de uma política ditatorial que por anos dominou a nação. E *ES* é o exemplo mais forte e marcante. Desta forma, ao buscar material bibliográfico para sustentar essa pesquisa fartos foram os elogios e os comentários respeitosa, é o caso de Milagros Ezquerro (1983) na introdução à edição crítica da obra, versão em Espanhol:

Isso explica talvez porque o escritor paraguaio sente a necessidade de suprir esta carência, de reapropriar-se de uma vez por todas de um tempo alienado por uma das histórias mais cruéis e desastrosas do continente americano. Compreende-se melhor, a partir de tal perspectiva, que a obra roabastiana seja um contínuo reconstruir, reinventar a história total do povo paraguaio, e que, para consegui-lo, converta-se em uma polifonia cada mais complexa, o coro da tradição oral, onde foi resolvido tudo o que não se tornou Literatura, mas que tampouco se perdeu. Assim, a obra de Roa Bastos colocou a narrativa paraguaia ao nível da narrativa hispano-americana, no mesmo momento em que esta se colocava ao nível da Literatura universal. (EZQUERRO, 1983, p. 70, tradução livre)²⁵.

Diante disso, há no romance um tipo de resgate da figura do Supremo Ditador Paraguaio, conhecido como Dr. Francia²⁶, cujo enredo narrativo inicia, logo na primeira página, com a transcrição de um bilhete anônimo encontrado na

²⁵ Esto explica quizá que el escritor paraguayano sienta la necesidad de suplir esa carencia, de reapropiarse de una vez un tiempo alienado por una de las historias más cruentas y desastrosas del continente americano. Se comprende mejor, desde esta perspectiva, que la obra roabastiana sea un continuo reconstruir, reinventar la historia total del pueblo paraguayano, y que, para conseguirlo, convoque en una polifonía cada vez más compleja, el coro de la tradición oral donde se fue sedimentado todo aquello que no llegó a hacerse Literatura, pero que tampoco se perdió. Así la obra de Roa Bastos ha puesto la narrativa paraguayana al nivel de la narrativa hispano-americana, en el momento en el que ésta se ponía al nivel de la Literatura universal (EZQUERRO, 1983, p. 70, versão original).

²⁶ - Era chamado de Dr. Francia em razão do título que recebeu quando se graduou em Teologia pela *Universidad Real de Córdoba del Tucumán* por volta de 1785 e, posteriormente, em Direito (CHAVES, 1985).

porta da Catedral de Encarnación, em Assunção, produzindo a partir daí um humor negro, altamente político e com intuito de desvalorizar semanticamente o personagem e, em suas entrelinhas, provocar a destruição e a ridicularização do Supremo Ditador. Ao analisar o escrito, que abaixo transcrevo, e após realizar a leitura do romance, chega-se à conclusão de que na verdade se tratava de um jogo de palavras de cunho político e provocador:

Eu o Supremo Ditador da República, ordeno que ao suceder minha morte meu cadáver seja decapitado, a cabeça posta em um mastro por três dias na Praça da República, para onde se convocará o povo ao som incessante dos sinos. Todos os meus servidores civis e militares sofrerão pena de enforcamento. Seus cadáveres serão enterrados em baldios fora da cidade sem cruz nem marca que memore seus nomes. Ao término do dito prazo, mando que meus restos sejam queimados e as cinzas lançadas ao rio... (BASTOS, 1977, p. 9).

A partir da aparição desse bilhete, que por intermédio das impressões extraídas do diálogo do Ditador e seus interlocutores e ainda de suas próprias reflexões, nas linhas a seguir do romance, o leitor terá a impressão de ser falso. No entanto, a partir de sua aparição, o protagonista enseja uma investigação a fim de descobrir o autor e puni-lo, plantando dúvidas que perdurarão até o final do enredo. Nesse horizonte, apesar de ser a gênese da narrativa, outras histórias vão surgindo ao longo do enredo e, como aponta GIACON (2011):

[...] há divisão do personagem Francia *El* e *Yo* que se configura como um personagem real e outro mítico. Por meio desses dois personagens, em dado momento, o romance se divide em dois como se houvesse um romance central e outro escrito a margens nas notas de rodapé da obra (GIACON, 2011, p. 7).

Ao contrário de outros personagens ditatoriais criados em obras de autores latino-americanos, em *ES* o personagem central não se apresenta de “forma mediana, herói medíocre e popular que visa retratar um determinado período do passado”, mas sim de um ditador que seja digno do título “Supremo Ditador”. Porém, “Roa não o coloca em um pedestal, mas deixa que o leitor forme sua própria opinião sobre ele, através de uma narrativa” (NAVARRO, 1989, p. 150).

O narrador, que se autointitula Supremo, ao tomar conhecimento do bilhete, inicia uma sequência de diálogos, ora em primeira pessoa, ora em terceira. Diálogos estes orais, em grande parte, travados com o personagem

Policarpo Patiño, seu secretário, e escritos, sim, pois o narrador, por vezes, dirige-se ao seu “Caderno particular”. Mas em todos os momentos o que se extrai são considerações que demonstram o quão articulista e metódico é o narrador, tal qual o ditador paraguaio Francia.

Tal similitude pode ser extraída em diversos momentos da narrativa com, por exemplo, quando, em dado momento, no “Caderno particular” o narrador tece as seguintes reflexões:

Alentou-me coincidir com o Grande Homem²⁷ que em cada momento, sob qualquer circunstância, sabia o que tinha de fazer em seguida e o fazia seguidamente. Coisas que os senhores, funcionários servidores do Estado, não aprenderam ainda, nem parece que vão aprender já, conforme me acabrunharam em seus ofícios com perguntas, consultas, chatices sobre o menor nada. [...] Em relação aos oligarcas nenhum deles leu uma única linha de Sólon, Rousseau, Raynal, Montesquieu, Rollin, Voltaire, Codorcet, Diderot. Risca esses nomes que não se saberás escrever corretamente. [...] Redigi leis iguais para o pobre, para o rico. Fi-las contemplar sem contemplações. Para estabelecer leis justas suspendi as leis injustas. Para criar o Direito suspendi os direitos que em três séculos funcionaram invariavelmente tortos nestas colônias (BASTOS, 1977, p. 38).

A aparição da obra em 1974, quando Roa tinha 57 anos, outorgou-lhe um reconhecimento crítico que modificou radicalmente as valorações que as produções anteriores haviam provocado. Sua publicação causou grande polêmica e tornou a relação do escritor com o governo stronista ainda mais antagônica, tanto é que este ditador proibiu a entrada de qualquer exemplar no país.

Porém, mesmo no país, assim como em toda a América Latina, o cenário literário entrou em polvorosa e a leitura da obra foi um deleite para muitos, especialmente para os críticos que a avaliaram de diversas maneiras. José Federico Samudio Falcón (2011) exprime o seguinte comentário:

Quando em agosto de 74 pudemos, por fim, ler “Eu o Supremo” de Augusto Roa Bastos, nos tomou a emoção: estávamos diante de uma obra magistral sem parâmetro algum na literatura nacional; dele não tínhamos a menor dúvida. Mas, era também uma obra difícil que resistia a uma leitura inescrupulosa. Sua

²⁷ Referindo-se a Napoleão Bonaparte conforme constatei pelo seguinte trecho: “na prisão conheceu e se fez particularmente amigo do libertino marques a quem Napolão mandou prender por causa de um panfleto clandestino que o nobre crápula fez circular contra o Grande Homem e sua amante Josefina de Beauharnais”. (id. 1977, p. 63). ** Na história da França Josefina de Beauharnais foi esposa de Napoleão.

estrutura, sua semântica, a ideologia do personagem principal, a própria ideologia do autor, a organização que dava Roa ao enorme provisionamento de materiais que a história, o tempo, a análise psicológica o brindavam e “por último, mas não menos importante” a linguagem, a reflexão sobre a linguagem, núcleo gerador de toda a obra deviam ser estudados detidamente para logo permitir uma compreensão sintética e total (FALCÓN, 2011, s/p. tradução livre).²⁸

ES, de acordo com Rovira (1990), foi taxado pelos críticos como uma formidável metáfora sobre o poder e a história cujo pano de fundo é a realidade paraguaia da época do Ditador Francia, nos anos de 1811 a 1840.

Um Ditador que participava de um círculo minimalista, dotado de saber intelectual adquirido nas universidades da Argentina e da Espanha que o qualificava para ser representante do Estado, conforme aponta Bouvet (2009):

Quando ocorreram as revoluções no Rio da Prata no início do século XIX, o doutor José Gaspar de Francia era o que se considerava um “homem de representação”, um “Sujeito de literatura” que pertencia ao “Corpo literário” integrado por letrados, literatos, advogados, doutores, procuradores, patrocinadores, empoderados. Tem educação e formação jurídica e conquistou uma reputação que o tornou altamente idôneo para exercer a representação dos outros; intelectual “literariamente” chega a ser considerado o homem mais ilustre da Província, dotado de uma excepcional aplicação aos estudos e ao trabalho, e moralmente justo, “dedicado em prol do bem Público”. Como representante do Estado e do “Público”, sua idoneidade profissional e política é amplamente reconhecida. (BOUVET, 2009, p. 33, tradução livre)²⁹

Nesse tempo, com as lutas travadas, iniciava-se a ascensão da carreira política daquele que se tornaria o Supremo e Ditador Perpétuo. Lutou para libertar

²⁸ Cuándo en agosto 74 pudimos, por fin, leer "Yo El Supremo" de Augusto Roa Bastos, nos embargó la emoción: estábamos ante una obra magistral sin parangón alguno en la literatura nacional; de ello no nos quedaba la menor duda. Pero, era también una obra difícil que resistía a la lectura desaprensiva. Su estructura, su semántica, la ideología del personaje principal, la propia ideología del autor, la organización que daba Roa al enorme acopio de materiales que la historia, el ratito, el análisis psicológico le brindaban y "last, but not least" el lenguaje, la reflexión sobre el lenguaje, núcleo generador de toda la obra debían ser estudiados detenidamente para luego permitir una comprensión sintética y total (FALCÓN, 2011, s/p. versao original).

²⁹ Cuándo se producen las revoluciones en el Río de la Plata a comienzos del siglo XIX, el doctor José Gaspar de Francia es lo que entonces se consideraba un “hombre de representación”, un “Sujeto de literatura” que pertenecía al “Cuerpo literario” integrado por letrados, literatos, abogados, doctores, procuradores, patrocinante, apoderados. Tiene educación y formación jurídica y ha logrado una reputación que lo convierte en altamente idôneo para ejercer la representación de otros; intelectual o “literariamente” llega a ser considerado el hombre más ilustrado de la Provincia, dotado de una excepcional aplicación al estudio y al trabajo, y moralmente justo, “animado por el bien público”. Como representante del Estado y del “Público”, su idoneidad profesional y política es ampliamente reconocida (BOUVET, 2009, p. 33, versão original).

o Paraguai do poderio hispânico. Acredito que por duas razões, o desejo de exercer o poder supremo sobre a província e torná-la um país independente e por não aceitar mais a interferência das grandes potências sobre o mesmo, isso pode ser constatado em suas palavras, colacionadas por Chaves (1985):

O Estado sou eu. Como efeito, dita a lei, aplica-a e castigo sua desobediência. Sua vontade é toda poderosa e ninguém, a não ser Deus tem que prestar contas de suas ações. Os princípios mais radicais e inflexíveis regem o novo estado que só ampara os patriotas e partidários da independência (CHAVES, 1985, p. 199, tradução livre).³⁰

Pelos que consta dos registros históricos Francia lutou e conseguiu seu intento, alcançou a independência do país e tomou o poder, exercendo-o de forma tirana por um período de quase três décadas e que só se findou quando de sua morte em setembro de 1840. Porém, após a leitura da obra de Roa Bastos algumas dúvidas surgem, como por exemplo, foi realmente Francia um ditador ou era um visionário político que buscava o bem de seu povo?

Durante alguns momentos da obra o leitor se deparará com essa dúvida, assim como ao se estudar a História do Paraguai, pois durante o seu poderio, o ditador estabeleceu algumas ordens que, de certa forma, favoreciam o povo, dentre eles o de reservar cargos públicos e religiosos aos cidadãos paraguaios e a distribuição de terras aos cidadãos com fins sociais, conforme aponta Alfredo Viola (2009):

O Ditador seguindo com sua política de defesa da independência nacional e ao mesmo tempo em cumprimento ao disposto pelo congresso nacional em 17 de junho de 1811, substituiu os funcionários estrangeiros por cidadãos ou aristocratas. [...] Seguindo sua política nacionalista e seu desejo de afirmar a independência ditou um decreto que reservava aos aristocratas paraguaios e não aos estrangeiros os cargos públicos, uma vez que anteriormente os paraguaios “foram mortos, vilipendiados e degradados” (VIOLA, 2009, p. 109, tradução livre).³¹

³⁰ El Estado soy yo. En efecto, dita la ley, la aplica y castiga su inobservancia. Su voluntad es todo-poderosa y a nadie sino a Dios tiene que dar cuenta de sus acciones. Los principios más radicales e inflexibles rigen al nuevo estado que solo ampara a los patriotas y partidarios de la independencia. (CHAVES, 1985, p. 199, versão original) .

³¹ O Ditador seguindo com sua política de defesa da independência nacional e ao mesmo tempo em cumprimento ao disposto pelo congresso nacional em 17 de junho de 1811, substituiu os funcionários estrangeiros por cidadãos ou aristocratas. [...] Seguindo sua política nacionalista e seu desejo de afirmar a independência ditou um decreto que reservava aos aristocratas paraguaios e não aos estrangeiros os cargos públicos, uma vez que anteriormente os paraguaios “foram mortos, vilipendiados e degradados”. (VIOLA, 2009, p. 109, versão original).

Reivindicou em favor do Estado as terras que haviam sido adjudicadas e permaneciam baldias; passaram assim para as mãos do Estado extensas propriedades. [...] Estas extensas propriedades desocupadas foram convertidas em estâncias da Pátria ou repartidas a quem as queria povoar (VIOLA, 2009, p. 183-184, tradução livre).³²

Há, também, afirmações de outros autores no sentido de que foi sob o comando de Francia que o país cresceu economicamente de forma jamais imaginada, dada à sua pequena extensão territorial e a falta de acesso via mar:

Numa época em que não existiam automóveis, trens e nem avião, desponta a decisão férrea e honesta de um homem que, com mão firme, não tolera desordens, crimes, desocupações, ações desonestas, imorais, considerando falta grave e castigando severamente as atitudes acima referidas. Esse homem foi escolhido democraticamente Ditador Perpétuo do Paraguai, por ter demonstrado inteligência, integridade e patriotismo sem limites. (SOERENSEN, 1998, p. 23)

Além disso:

acabou com os privilégios da aristocracia, distribuiu terras para os camponeses, incentivou a agricultura e a industrialização, tornou obrigatório o ensino médio, conseguindo acabar com o analfabetismo em seu país, – isso no começo do Século 19 – perseguiu os jesuítas e proibiu a Inquisição. (CESAR³³, 2011, p. 1)

Ainda acerca de seus feitos Gino Canese (2004) aponta:

Evitou participar nas guerras fratricidas que assolavam o continente, para o qual determinou o fechamento das fronteiras, ninguém entrava ou saía do Paraguai sem a sua permissão. Para alimentar seu povo dinamizou a agricultura e a agropecuária, fazendo com que o Paraguai se auto-abastecesse para cobrir todas as necessidades de alimentação, moradia, vestimenta e ferramentas de trabalho. Durante seu longo governo arrendou terras a preços baixíssimos aos lavradores, distribuiu gratuitamente sementes e aparelhos agrícolas, fazendo com que

³² Reivindicó a favor del Estado a las tierras que habían sido adjudicadas y permanecían baldias; pasaron así para las manos del Estado extensas propiedades. [...] Estas extensas propiedades desocupadas fueron convertidas en estancias de la Patria o repartidas a quien las queria poblar (VIOLA, 2009, p. 183-184, versão original).

³³ Elieser Cesar é mestre em Letras pela Universidade Federal da Bahia, escritor e jornalista que mantém o blog <https://eliesercesar.wordpress.com/about/> e no qual publica resenhas de grandes personalidades histórias e críticas a obras literárias.

se produzisse alimentos como nunca se havia visto até então (CANESE, 2004, p. 101, Tradução livre).³⁴

Porém, muitos são os apontamentos contrários que os descrevem como sendo o Ditador um tirano que isolou o Paraguai do resto do mundo, reuniu todos os poderes (executivo, legislativo e judiciário) em si e levou o país à uma situação que desagradou parte do povo, em especial os aristocratas que proporcionavam o crescimento do país, pois grandes produtores de alimentos e criadores de gado.

O historiador paraguaio Julio Cesar Chaves ao biografar Francia, em sua obra *El Supremo Dictador*, busca apresentar uma postura neutra na exposição da vida do ditador, evitando juízos de valores a respeito de seu governo. No entanto, Navarro (1989) assinala que essa neutralidade, por alguns momentos, se vê comprometida na pesquisa por ele realizada. A autora aponta:

o historiador deixa escapar várias frases ou mesmo palavras, que revelam sua clara inclinação pela classe abastada que foi perseguida pelo Supremo, ressaltando frequentemente que as medidas do ditador prejudicaram os ricos, os grandes proprietários de terra. Ou seja, Chaves não considera importante o que o governo de Francia realizou pelas classes populares. [...] Depois de descrever o descontentamento que se espalhava entre os “homens cultos e inteligentes, possuidores de brilhantes sobrenomes” enfatiza: “Tudo pela obra de um só homem cujos agrados não se dirigiam senão as classes inferiores, à plebe”. Vê-se, então, que apesar de classes populares totalizarem na época, mais de noventa por cento da população, elas não parecem ter sido consideradas pelo historiador (NAVARRO, 1989, p. 159).

Os apontamentos traçados por Navarro (1989), de fato, constam da mencionada obra, especificamente na página 271 da edição que adquiri na viagem que fiz a Assunção e que se encontra referenciada ao final deste trabalho, transcrevo parcialmente o texto do historiador:

Os homens cultos e inteligentes, possuidores de brilhantes sobrenomes, se viam deslocados, encurralados e desprestigiados por aquele usurpador. As funções do governo estavam a cargo de elementos medíocres; todas as rotas de ascensão e brilho que

³⁴ Evitó participar en las guerras fratricidas que asolaban el continente, para lo cual dispuso el cierre de las fronteras, nadie entraba o salía del Paraguay sin su permiso. Para alimentar a su pueblo dinamizo la agricultura y la ganadería, haciendo que el Paraguay se autoabasteciera para cubrir todas las necesidades de alimentación, vivienda, vestimenta y herramientas de trabajo. Durante su largo gobierno arrendó tierras a precios bajísimos a los labriegos, les proveyó gratuitamente semillas y aparejos agrícolas e hizo producir alimentos como nunca se había logrado hasta entonces (CANESE, 2004, p. 101, versão original).

oferece uma sociedade estavam obstruídas. A aristocracia Paraguaia vivia em absoluta prisão, mais fechada e mais irritante do que a colonial (CHAVES, 1985, p. 271, tradução livre).³⁵

Ao estudar *ES*, igualmente é possível identificar que o narrador transparece alguns feitos similares na obra:

Acabei com a injusta dominação e exploração dos *criollos* sobre os naturais, a coisa mais natural do mundo posto que estes como tais tinham o direito da primogenitura sobre os orgulhosos e mesclados mancebos da terra. Celebrei tratados com povos indígenas. Provi-os de armas para que defendessem suas terras contra as depredações de tribos hostis. Mas também contive-os em seus limites naturais impedindo-os de cometerem excessos que os próprios brancos tinham-lhes ensinado. Hoje em dia os índios são os melhores servidores do Estado; dentre eles formei os juízes mais probos, os funcionários mais capazes e leais, meus soldados mais valentes (BASTOS, 1977, p. 38).

Nesse passo, prossegue a narrativa, que apresenta uma excelência literária muito próxima entre o narrador e a figura do ditador Francia. Porém, não se trata de um enredo romântico e circular com início, meio e fim, mas se apresenta cheio de obstáculos à compreensão do leitor, especialmente se este desconhece a História do Paraguai, do âmbito em que a narrativa foi escrita e as numerosas fontes que nela são compiladas. A obra tem aparência de um romance histórico em cujo texto atesta-se o conhecimento da investigação histórica e de muitos livros sobre e mais ou menos polêmicos, assim como investigações feitas pelo próprio autor. Os personagens centrais em torno do narrador são históricos, como já se demonstrou oportunamente, e a mesma realidade vale para a maior parte dos acontecimentos relatados.

Como aponta Bouvet,

O estudo que apresento se concentra no laborioso experimento escriturário que Roa Bastos realiza para converter a historiografia paraguaia em Literatura. Apropriando-se do trabalho intelectual de muitos, transformando e dispondo citações de modo diverso e passando-as por uma peneira ética e de estética pessoais rigorosas, produz uma obra absolutamente nova que problematiza

³⁵ Los hombres cultos e inteligentes, poseedores de brillantes apellidos, se veían desplazados y arrinconados y despreciados por aquel usurpador. Las funciones de gobierno estaban a cargo de elementos mediocres; todas las vías de ascenso y brillo que ofrece una sociedad estaban obstruídas. La aristocracia paraguaia vivía en una absoluta clausura, más cerrada y más irritante que la colonial. (CHAVES, 1985, p. 271, versão original).

a escrita e a leitura, entendidas como questões políticas culturais (BOUVET, 2009, p, tradução livre).³⁶

O livro se apresenta sustentado sob um duplo paradoxo do país que conseguiu a independência e a liberdade em relação à Espanha e se pôs debaixo de uma férrea ditadura imposta por Francia. Este uma figura que dominava o mundo das letras e usou de todo o conhecimento que dispunha, adquirido através de sua formação em Filosofia, Teologia e Direito e da leitura de obras de grandes filósofos e pensadores, como aponta CHAVES (1985):

A principal parte do seu tempo dedicava a sua biblioteca, a melhor do país. Composta de uns 300 volumes, livros de direito, de filosofia, de Literatura e alguns de ciências exatas e de medicina. Estavam ali o inevitável Quixote, os livros de Voltaire, Rousseau, Volney, Raynal, Montesquieu, os Elementos de Euclides, a Lógica de Aristóteles (CHAVES, 1985, p. 204, tradução livre).³⁷

Com todo este conhecimento Francia manejava com facilidade as palavras e, quando necessário, discursava de maneira a cativar e ao mesmo tempo intimidar seus oponentes, bem como era extremamente perspicaz em tudo que ocorria a sua volta. Na narrativa literária percebe-se que o narrador detém os mesmos traços do ditador paraguaio, como, por exemplo, ao questionar seu secretário imediato, Policarpo Patiño, nas páginas iniciais da obra utilizando-se de metáforas e citações de seus feitos e demonstrando profunda perspicácia em seu raciocínio:

Onde encontraram isso? Cravado na porta da Catedral, Excelência. Um grupo de granadeiros descobriu-o esta madrugada e o retirou, levando-o ao comando. Felizmente ninguém conseguiu lê-lo. Não te perguntei isto, nem é que coisa que importe. Tem razão Excelência, a tinta dos pasquins azeda mais rápido que o leite. Também não é folha de Gazeta portenha nem arrancada de livros, senhor. Que livros pode haver aqui afora os meus! Faz muito tempo que os aristocratas das vinte famílias

³⁶ El estudio que presento se centra en el laborioso experimento escriturario que Roa Bastos realiza para convertir la historiografía paraguaya en Literatura. Apropiándose del trabajo intelectual de muchos, transformando y disponiendo citas de modo diverso y pasándolas por el tamiz de una ética y una estética personales rigurosas, produce una obra absolutamente novedosa que problematiza la escritura y la lectura, entendidas como cuestiones políticas culturales. (BOUVET, 2009, p. 7, versão original).

³⁷ Parte principal de su tiempo lo dedicaba a su biblioteca, la mejor del país. Se componía de unos 300 volúmenes, libros de derecho, de filosofía, de Literatura y algunos de ciencias exactas y de medicina. Estaban allí el infaltable Quijote, los libros de Voltaire, Rosseau, Volney, Raynal, Montesquieu, los Elementos de Euclides, la Lógica de Aristóteles. (CHAVES, 1985, p. 204, versão original).

converteram os deles em naipes. Vasculhar as casas dos antipatriotas. Os calabouços, lá nos calabouços, dá uma olhadela nos calabouços. Entre estes ratos unhudos grenhudos pode-se encontrar o culpado. Aperta as falsidades destes falsários. Sobretudo Peña e Molas. Traz-me as cartas nas quais Molas presta-me reverências durante o Primeiro Consulado, depois durante a Primeira Ditadura. Quero reler o discurso que pronunciou na Assembléia no ano 14 reclamando minha eleição de Ditador. Muito diferente é sua letra na minuta do discurso, nas instruções aos deputados, [...] Agora se atrevem a parodiar meus Decretos Supremos. Arremedam minha linguagem, minha letra, tentando infiltrar-se através dela; chegar a mim vindos de seus covis (BASTOS, 1977, p. 10).

Assim, neste ritmo a narrativa prossegue, permeada por uma redação de um interminável documento público que recebe a nomenclatura “Circular Perpétua”, ou seja, as memórias do narrador, mesclada com a participação de Patiño o, aparentemente, fiel secretário. A desconfiança quanto à fidelidade do secretário é semeada na narrativa em diversas oportunidades pelo Supremo, destaca-se a seguinte:

És o charlatão mais desaforado do mundo. Passarolo que grasna o tempo todo. Passarolo pra o qual a morte já veio: que vai morrer de imediato ainda que pouco a pouco. Não consegui fazer de ti um servidor decente. Não encontrarás nunca razão suficiente para te calar. Com isso de não trabalhar, inventas sucedidos que não sucederam. Não crês que sobre mim se poderia fazer uma estória fabulosa? Absolutamente certo, Excelência! A mais fabulosa, a mais correta, a mais digna da altura majestativa de sua Pessoa! Não, Patiño, não. Sobre o Poder Absoluto não se podem fazer estórias. Se se pudesse, o Supremo estaria sobrando: Na Literatura ou na realidade. Quem escreveria os livros? Gente ignorante como tu. (...) Eh, eh, compilador de embustes e falsificações? Recolhedor de fumaça, tu que no fundo odeias o Amo. Responde! Eh eh? Ah! Vamos! Ainda supondo a teu favor que me enganas para preservar-me (BASTOS, 1977, p. 30).

Essa relação de desconfiança estendia-se a todos, pois o Supremo os considerava aduladores e com intuito de retirar-lhe o poder, transparecendo a supremacia megalomaniaca do Ditador.

A ideia central da obra são os escritos do narrador, o Supremo Ditador, que os utiliza para defender suas ideias, princípios e feitos enquanto governador, o que vai, em grande parte, ditando para Patiño, que faz comentários, questionamentos e considerações, mesmo diante de inúmeras reações feitas pelo narrador. Em outros momentos, escreve em seu caderno particular, como se

fosse um diário pessoal, o qual, além disso, faz as leituras do que foi ditado ao secretário e o que ele próprio escreveu, mesclando-a com julgamentos pessoais em um monólogo. A obra estrutura-se basicamente nestas três atitudes básicas, ditar, escrever, ler. Conforme aponta Kohut (1984):

O romance está estruturado por estas três atitudes básicas de ditar, escrever e ler. Roa Bastos acentua o caráter fictício do romance com uma grande variedade de recursos estilísticos, dois deles de uma importância transcendental. Roa Bastos cinde o eu do protagonista em um “Eu” que corresponde à pessoa privada, um “Ele” que corresponde a pessoa pública, e um “outro-eu” que se apresenta como crítico severo de Eu e Ele. As três cisões correspondem as tres atitudes de ditar (Ele), escrever (Eu) e ler (outro-eu) (KOHUT, 1984, p. 19, tradução livre).³⁸

O autor supracitado não está alienado do enredo, pois de fato tal recurso é visível em muitos momentos da narrativa, dentre eles:

Neste momento em que escrevo posso dizer: Uma infinita duração precedeu meu nascimento. EU sempre fui EU; quer dizer, quantos disseram EU durante este tempo, não eram outros senão EU-ELE, juntos. Porém, para que a-copiar tantas besteiras que já estão ditas e reditas por outros idiotas a-copiadores. Naquele momento, neste momento em que vou sentado sobre o sólido fedor, não penso em tais bobagens. Sou um rapaz de 14 anos. Por momentos leio. Escrevo por momentos, escondido na proa entre os terços da erva-mate e a courama nauseabunda. Descuido. Diversão. Estou ainda na natureza. Por momentos deixo cair a mão na água aquecida (BASTOS, 1974, p. 244).

Igualmente, a verossimilhança é constante na narrativa, pois sempre há circunstâncias que constam registros históricos do Paraguai e se misturam a outros nitidamente ficcionais, mas não se pode afirmar categoricamente que tal tenha ocorrido por vontade própria do escritor ou pela dificuldade em buscar fontes legítimas, uma vez que:

Poucas são as fontes e muitas são as lendas sobre o período em que Dr Francia governou o Paraguai [...] Já foi dito que nesta América tão cheia de contradições e contrastes, um dos grandes

³⁸ La novela está estructurada por estas três atitudes básicas del dictar, escribir y leer. Roa Bastos acentua el carácter ficticio de la novela con una gran variedad de recursos estilísticos, dos de ellos de importancia trascendental. Roa Bastos escinde el yo del protagonista en un “Yo” que corresponde a la persona privada, un “El” que corresponde a la persona pública, y un “outro-yo” que se presenta como crítico severo de Yo y El. Las tres escisiones corresponden a las tres actitudes del dictar (EL), escribir (Yo) y leer (outro-yo). (id., 1977, p. 30, versão original).

problemas de quem quer se disponha a escrever sobre ela é tornar acreditável sua realidade, que por vezes se mostra muito mais delirante do que qualquer criação literária (SANTOS, 2000, p. 7).

Retornando ao seu conteúdo, esta retrata de forma tão peculiar o ditador que alguns críticos e estudiosos, a exemplo de Callado (1977, orelha do livro)³⁹, a definem como “uma autobiografia escrita por outra pessoa”, para tanto, vale transcrever parcialmente suas observações feitas na orelha da edição que utilizo:

Roa Bastos consegue, através da palavra, penetrar na pele e alma do ditador José Gaspar. Francia para autobiografá-lo” e prossegue dizendo “Aí está. Temos, de um lado, o grande Francia, e de outro lado um escritor que o estudou e o recriou na imaginação com tanto empenho e amor que o trabalho resultante é um raro livro. Uma autobiografia escrita por outra pessoa (CALLADO, 1977, orelha do livro).

O fato é que a crítica literária diverge quanto ao estilo do livro e se perguntam o que realmente é a narrativa: “livro biográfico? Biografia romanceada? Novela histórica? História romanceada?” (SAGUIER, 1976, p. 27). Mas Roa Bastos afirmou se tratar de uma meditação, em forma de narrativa, sobre o poder absoluto e também de uma apaixonada e polêmica reflexão sobre a condição humana inventada em torno da figura de Francia, como já apontei anteriormente.

Possivelmente Roa Bastos, tenha se utilizado de informações historiográficas do período sem dissociar a História do Paraguai da sua intenção narrativa ficcional, como aduz Milagros Ezquerro (1983):

As relações entre História e ficção em *Eu o Supremo* têm sido um dos temas prediletos da crítica, o que não é de se estranhar, já que o romance ostenta notavelmente seus laços com a História paraguaia. Recordaremos primeiro as declarações de A. Roa Bastos em numerosas entrevistas (...) e seu empenho em afirmar que *Eu o Supremo* não é uma narração histórica, muito menos uma biografia romanceada, remetemos também ao seu artigo fundamental: Alguns núcleos geradores de um texto narrativo já citado. Para resumir sinteticamente essas relações podemos dizer que *Eu o Supremo* é uma ficção que utiliza a História paraguaia como matéria narrativa, entre outros muitos materiais. Que a História evocada não se limita a história da Ditadura Perpétua, a

³⁹ CALLADO, Antônio (anotações feitas na orelha da edição brasileira de *Eu o Supremo* – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. Trad. Galeno de Freitas).

não ser que, graças a diversos procedimentos narrativos, integra a totalidade da História paraguaia, antes da independência (...) e depois da morte de Francia. (...) Esta peculiar visão histórica implica que o Supremo ficcional não possa ser confundido com a figura de José Gaspar Rodríguez de Francia: um detalhe que cabe destacar é que o personagem nunca recebe este nome no romance (EZQUERRO, 1983, p. 70, tradução livre).⁴⁰

Como se pode observar a narrativa, de fato, é uma mescla do real proporcionado por documentos e relatos históricos e ficcionais, a partir da capacidade literária do autor que, em entrevista concedida, em 1995, ao jornalista Ariel Palácios e republicada no Jornal Estadão em 14 de maio de 2011, na qual, ao ser questionado sobre suas obras diz: “A Literatura sempre se apresentou para mim como uma forma de viver literariamente a realidade da História. A realidade dos mitos e das formas históricas penetra profundamente na superfície do destino humano” (BASTOS, 1995, s/p.).⁴¹

O fato é que a narrativa transcende um totalitarismo do narrador. O personagem literário, que em momento algum na obra é nominado Francia, é um recorte do Ditador Francia histórico e o Paraguai ficcional é exibido com profundidade quanto aos problemas sociopolíticos e históricos que a imaginação romanesca inevitavelmente leva o leitor às comparações.

Nesta perspectiva, a maior dificuldade que este encontrará é o de determinar o espaço histórico e o espaço ficcional, especialmente, quando se chega ao final onde há a “Nota final do Compilador”:

Esta compilação foi desbastada – mais honrado seria dizer surrupiada – de umas vinte mil pastas, éditos e inéditos; de outros

⁴⁰ Las relaciones entre Historia y ficción en Yo el Supremo ha sido uno de los temas predilectos de la crítica, lo que no cabe extrañar ya que la novela ostenta notablemente sus lazos con la Historia paraguaya. Recordaremos primero las declaraciones de A. Roa Bastos en numerosas entrevistas (...) y su empeño en afirmar que Yo el Supremo no es una narración histórica, ni menos una biografía novelada; remitimos también a su artículo fundamental: Algunos núcleos generadores de un texto narrativo ya citado. Para resumir sintéticamente esas relaciones podemos decir que Yo el Supremo es una ficción que utiliza la Historia paraguaya como materia narrativa, entre otros muchos materiales. Que la Historia evocada no se limita a la historia de la Dictadura Perpetua, sino que, gracias a diversos procedimientos narrativos, integra la totalidad de la Historia paraguaya, antes de la independencia (...) y después de la muerte de Francia. (...) Esta peculiar visión histórica implica que el Supremo ficcional no pueda ser confundido con la figura de José Gaspar Rodríguez de Francia: un detalle que cabe subrayar es que el personaje nunca recibe ese nombre en la novela. (EZQUERRO, 1983, p. 70, versión original).

⁴¹ Edição *online* do Jornal Estadão do dia 14 de maio de 2011, disponível em <http://internacional.estadao.com.br/blogs/ariel-palacios/para-celebrar-o-bicentenario-do-paraguai-uma-velha-entrevista-com-roa-ROA_BASTOS-o-escriptor-que-dissecou-as-ditaduras-de-seu-pais/>. Acesso em 15 de maio de 2016.

tantos volumes, folheto, periódicos, correspondências e toda sorte de testemunhos ocultados, consultados, espigados, espiados, em bibliotecas e arquivos privados e oficiais. Há que agregar a isto as versões recolhidas nas fontes da tradição oral, e umas quinze mil horas de entrevistas gravadas em fita, agravadas de imprecisões e confusões, de supostos descendentes de supostos funcionários; de supostos parentes e contra-parentes de El Supremo, que se gabou de não ter nenhum; de epígonos, panegiristas e detratores não mesmos supostos e nebulosos.

Já terá percebido o leitor que, ao contrário dos textos usuais, este foi lido primeiro e escrito depois. Em lugar de dizer e escrever coisa nova, não fiz mais do que copiar fielmente o já dito e composto por outros. Não há pois na compilação uma só página, uma só frase, uma só palavra, desde o título até esta nota final que não haja sido escrito desta maneira. “Toda história contemporânea é suspeita”, gostava de dizer El Supremo. “Não preciso saber como nasceram para que tais fabulosas histórias não são do tempo em que se escreveram. Farta diferença há entre um livro que faz um particular que lança ao povo, e um livro que faz um povo. Não se pode duvidar então que este livro é tão antigo como o povo que o ditou”.

Assim, imitando uma vez mais o Ditador (os ditadores cumprem precisamente esta função: substituir os escritores, historiadores, artistas, pensadores, etc.) o a-copiador declara, com palavras de um autor contemporâneo, que a história encerrada nestes Apontamentos se reduz ao fato de que a história que nela devia ser narrada não foi narrada. Em consequência, os personagens e fatos que figuram neles ganharam, por fatalidade da linguagem escrita, o direito a uma existência fictícia e autônoma a serviço do não menos fictício e autônomo leitor (BASTOS, 1977, p. 389).

Ao concluir a leitura do romance, de maneira paradoxal, o leitor se colocará diante de certo desconforto, proporcionado pelo brilhantismo da narrativa tão generosa em conexões e com as mais variadas linguagens, discursos e autores que linha a linha vai enredando nos fios de seu tecido ofuscante (TROUCHE, 2006). E de fato esse desconforto é inevitável, pois não há um enredo linear que possa recontar, é preciso, para garantir o prazer da leitura, perceber que o texto de alguma maneira problematiza a questão do discurso oficial do Paraguai.

Roa Bastos recria - ou transcreve - personagens que representam figuras ou agentes históricos, como é o caso do já citado Artigas. Igualmente no que tange aos acontecimentos que sempre guardam similitude com relação a acontecimentos históricos concretos, ainda que com outra versão ou que se apresente como uma construção ficcional. Porém, árdua tarefa se torna para o leitor estabelecer os limites na narrativa, praticamente uma tarefa impossível, especialmente quando se chegam às colacionadas palavras finais do compilador.

Diante disso alguns questionamentos inevitáveis surgem: de que trata a narrativa? O que é de fato histórico e o que é ficcional? São relatos biográficos de Francia? É uma forma de denunciar a ditadura latino-americana nas entrelinhas, haja vista ser uma obra publicada em 1974 quando ainda vigorava o sistema no país? É uma análise histórica de um período na formação da nacionalidade paraguaia?

Muitos dos discursos que aparecem no texto adquirem a forma de réplicas de momentos históricos. O fato é que a verossimilhança é uma constante na obra e tanto seu criador quanto as críticas literárias buscam dar, sob seus pontos de vistas, uma definição para a obra e responder aos questionamentos elencados. É o caso de Armando Almada-Roche, escritor e crítico literário argentino, que em uma de suas matérias publicadas no Jornal ABC Color, edição de 22 de abril de 2007, em homenagem ao segundo ano da morte de Roa Bastos, assim expôs:

Insistimos que *Eu, o Supremo* não é uma biografia, nem um livro de História. É simplesmente um romance, um livro literário, uma ficção, uma realidade criada por Roa Bastos, distinta da realidade criada pela história. O personagem, o tempo, as palavras, os documentos utilizados foram históricos. É uma novela com personagem histórico, um ditador supremo, ele íntegro, não retalhos de ditador. Quer dizer, não se trata de sua história real, nem de sua biografia verdadeira, mas de simples modelo para a imaginação, para o romance, a ficção, a realidade ficção que é outra realidade parecida, mas distinta da realidade histórica. Aí está a rebeldia do escritor e a raiz das transformações substanciais que configuram a imaginação literária: não repetir as histórias, mas transforma-las, ler a realidade, não o que as testemunhas ou a tradição nos entregam como a história, mas fazê-la novamente, confiando nos poderes da imaginação (trabalho literário) e na busca da verdade (trabalho histórico). A base do meu projeto narrativo, disse Roa Bastos, consistiu em levar a fundo minha rebelião contra essa farsa que ocultava a história vivida (se refere à história oficial, cheia de tabus, incoerências, falsidades e falsificações), e, portanto consistiu, em um primeiro momento, em escrever uma contrahistória, uma réplica subversiva e transgressiva da história oficial (ALMADA-ROCHE, 2007, s/p, tradução livre).⁴²

⁴² Insistimos en que Yo, el Supremo no es una biografía, ni un libro de Historia. Es sencillamente una novela, un libro literario, una ficción, una realidad creada por Roa Bastos, distinta a la realidad creada por la historia. El personaje, el tiempo, las palabras, los documentos utilizados fueron históricos. Es una novela con personaje histórico, un dictador supremo, él entero, no retazo de dictador. Es decir, no se trata de su historia real, ni de su biografía verdadera, sino de simple modelo para la imaginación, para la novela, la ficción, la realidad – ficción que es otra realidad parecida pero distinta a la realidad histórica. Ahí está la rebeldía del escritor y la raíz de las transformaciones sustanciales que configuran la imaginación literaria: no repetir las historias sino transformarlas, leer en la realidad no lo que los testigos o la tradición nos entregan como la

Mas da leitura da obra verifica-se que o narrador se utiliza da história, de fatos e personagens históricos, os quais são os eixos em redor dos quais se tece o discurso, por isso se tornou uma obra de difícil classificação e leva a um debate sobre os limites da literatura. Estar-se-á diante de “um narrador conhecedor de teorias contemporâneas, que se refere à uma época cronologicamente determinada e reconstruída da primeira metade do século XX e fala de um país cujos traços culturais são cuidadosamente atendidos” (JOZEF, 1997, p. 12).

O fato é que a dicotomia entre realidade e ficção torna-se sem qualquer importância na análise da obra, pois o que de fato importa é “a perspectiva épica criada pelo narrador” (JOZEF, 1997, p.12).

Roa Bastos ao responder questionamentos sobre sua obra, *ES*, declarou que se tratava de uma meditação sobre o poder absoluto e também de uma apaixonada e polêmica reflexão sobre a condição humana inventada em torno da figura de José Gaspar Rodríguez de Francia. Com isso o escritor não deixava de ter razão, pois a figura do ditador presente na obra, ao que pese em momento algum constar qualquer referência a seu nome, funcionou apenas como um pré/texto para a elaboração de um discurso, ou seja, de um meta/texto no qual a objetividade representada, os significados e o uso da palavra vão muito mais além da figura do protagonista, que mesmo sem ser claramente identificado pelo autor durante a narrativa, se faz presente através de elementos históricos ocorridos no país e outros ficcionais criados pelo autor.

Neste sentido, há no romance um personagem central que se apresenta completo e, evocando retroativamente sua vida, capaz de julgar a si mesmo, numa espécie de reavaliação póstuma, a qual abarca principalmente o período de sua vida em que foi dono de um poder imenso, que lhe permitiu governar o Paraguai, praticamente sozinho, durante quase três décadas. Algumas das vozes

“historia” sino hacerla nuevamente, confiando en los poderes de la imaginación (labor literaria) y en la búsqueda de la verdad (labor histórica) . Por eso, cuantas veces Roa Bastos se ha referido a Yo, el Supremo, aun reconociendo que es una novela que se abre a la historia, una novela “documental” que intenta la desaparición del autor (como concepto y como presencia), ha hecho hincapié en que su novela es anti-histórica o buen antihistoricista. “La base de mi proyecto narrativo”, dice Roa Bastos, “consistió en llevar a fondo mi rebelión contra esa farsa que ocultaba y oculta la historia vivida” (se refiere a la “historia oficial, llena de tabúes, incoherencias, falsedades y falsificaciones”), y por ende “consistió, en un primer momento, en escribir una contrahistoria, una réplica subversiva y transgresiva de la historiografía oficial”. ALMADA-ROCHE, 2007, s/p, versão original).

criticam-no por não ter preparado e até mesmo por ter impedido o surgimento de novos líderes capazes de dar continuidade à sua obra.

É com este cruel julgamento que o Supremo se acusa ao dialogar com o médico Estigarribia quando o tema é a enfermidade enfrentada pelo narrador:

Talvez tenha chegado o momento de eleger um sucessor, nomear um designatário! (...) Não posso eleger um designatário, como o senhor diz. Não me elegi eu. Elegeu-me a maioria de nossos concidadãos. Eu mesmo não poderia eleger-me. Poderia alguém substituir-me na morte? Do mesmo modo ninguém poderia substituir-me na vida. Ainda que tivesse um filho não poderia substituir-me, herdar-me. Minha dinastia começa e acaba em mim, em EU/ELE. A soberania do poder, de que nos achamos investidos, voltarão ao povo a que pertencem de maneira imperecível (BASTOS, 1977, p. 109).

Da mesma maneira se julga ao final da narrativa, quando já nos últimos momentos de vida, diz: “a Pátria que ajudaste a nascer, que a Revolução que saiu armada de teu crânio, começavam - acabavam em ti” (BASTOS, 1977, p. 375). Diante disso, todos os diálogos traçados ao longo da narrativa se enceram transparecendo que o Supremo, considera-se, por fim, semelhante a todos os que ao longo de sua vida desprezou e imputa-se a sentença demonstrando, por fim, um rastro de democrata, concedendo ao povo o direito de eleger seu sucessor em total contrariedade com a imagem que passa anteriormente:

Tu vacilastes. Estás igualmente condenado. Tua pena é maior do que a dos outros. Para ti não há resgate possível. Os outros serão comidos pelo esquecimento. Tu, ex-Supremo, és quem deve dar conta de tudo e pagar até o último quadrante... à meia noite baixarás às masmorras (BASTOS, 1977, p. 376).

Com isso, chega ao fim a narrativa, sombria e enigmática igualmente seu início, concluindo-se que era (e é) o ditador uma figura, mítica e ao mesmo tempo real, que impressionou ao longo dos anos e ainda hoje, quando estudado, deixa-nos duvidosos sobre sua atuação.

Essa admiração é expressa por Callado (1977), já referenciado anteriormente:

Francia, fundador do Paraguai, é realmente uma figura de estadista de molde tão incomum que, se imaginássemos outros Francias em mais três ou quatro de ‘nuestros países’, poderíamos imaginar uma América Latina bem diferente do que é, bem mais

forte a seu modo, bem mais inventiva e original. Francia não queria que o Paraguai se parecesse com a Espanha, ou com a França, ou com a Inglaterra. Ele queria criar uma outra espécie de civilização nestas plagas. O Paraguai dos seus sonhos – e das suas realizações – era auto-suficiente, desconfiado em relação às grandes potências, altivo, acreditando firmemente na sua capacidade de criar ‘algo nuevo’ (CALLADO, 1977, orelha frontal).

Bella Jozef (1997, p. 12) defende que “se trata de um universo recriado através de diários, documentos, imagens e espelhos, que procuram explicar a figura histórica do “diretor civil da emancipação do Paraguai”, fundador político da nação e do estado que lhe deu origem”. É notório entre os historiadores que Francia governava através de decretos os quais escrevia pessoalmente ou ditava para seu secretário Policarpo Patiño.

Como se vê, a obra, para alguns é o retrato fiel do ditador Francia, para outros uma mescla de real e ficcional, cuja confusão é causada também pelo próprio autor, como apontado anteriormente quando se citou a entrevista concedida em 1995, na qual aduz ser para si a Literatura uma forma real de vivenciar a História.

Em contrapartida transparece o texto uma espécie de circularidade que se rompe após algumas páginas com o início de um novo relato que nada tem a ver com o anterior, haja vista não estar dividida em capítulos. A única estabilidade semântica que existe no texto são algumas passagens curtas sobre problemas políticos que se confundem no tempo e no espaço.

Vale salientar que sua leitura é, por vezes, frustrante para o leitor e muitos dizem que não sabem como proceder à leitura, que se aborreceu e a abandonou. Sempre há um bloqueio porque o leitor parte de uma motivação que é frustrada imediatamente no texto. Ou seja, aparece o bilhete que abre a obra e no qual se diz que o Supremo morreu, levando-o a iniciar uma investigação para averiguar quem o escreveu e puni-lo. Mas isso acaba não ocorrendo e essa expectativa na leitura que se acredita haverá um desenvolvimento em forma de relato linear, se frustra.

Além disso, existe ainda a celeuma acerca de sua classificação que continua a ser um dos temas mais discutidos entre os estudiosos da literatura, mas o que mais penso aproximar-se de uma correta classificação é a

apresentada por Josefina Plá (1975) que considera uma espécie de trindade literária:

A trindade de uma obra - E de início compreendemos que esta obra desconcertante não é história, novela ou biografia. É as três coisas de uma vez. As três coisas em uma; e este sincretismo constitui a chave de sua intenção, de sua estrutura e de seu desenvolvimento. Eu O Supremo é uma biografia em primeira pessoa, consubstanciada com a história, alçada a qualidade simbólica exemplar, que a investe à dinâmica de um mito individual e coletivo a um tempo. O mistério que rodeia a figura de Francia, seus mutáveis contrastes, foram talvez o estímulo do primeiro a criação; e auxiliou o novelista a criar a partir de tal ângulo um clima: mas tem sido necessário uma imaginação poderosa para fazer deste mistério uma circular claridade de uma concepção trinitária: a vez humana, histórica e poética. (PLÁ *apud* FALCON, 1975, s/p., tradução livre).⁴³

Após a leitura e os estudos que realizei, coaduno com a contista paraguaia quanto à classificação tripla da obra.

⁴³ - La Trinidad de una obra - Y de pronto comprendemos que esta obra desconcertante no es historia, ni novela, ni biografía. Es las tres cosas a la vez. Las tres cosas en una; y este sincretismo constituye la clave indivisa de su intención, de su estructura y de su desarrollo. Yo El Supremo es una biografía en primera persona, consustanciada con la historia, alzada a la calidad simbólica ejemplar, de que la enviste la dinámica de un mito individual y colectivo a un tiempo. El misterio que rodea la figura de Francia, sus mudables claroscuros, fueron quizá el estímulo lo primero a la creación; y han ayudado al novelista a crear desde ese ángulo un clima: pero ha sido precisa una imaginación poderosa para hacer de ese misterio la redonda claridad de una concepción trinitaria: a la vez humana, histórica y poética (PLÁ *apud* FALCON, 1975, s/p., versão original).

3 ELEMENTOS ESTRUTURAIS DE *EU O SUPREMO*

Anteriormente, apontei que *ES* tem sido objeto de uma infinidade de estudos críticos cujas análises se atêm aos aspectos parciais e poucas focam a sua totalidade, que permanece sem ser pesquisada em sua estrutura formal e narrativa, pois em geral é utilizada para ilustrar teorias sobre temas tais como ditadura, ditadura na América Latina, poder e outros assuntos correlatos a historicidade.

Quando propus estudá-lo meu desejo era deitar um olhar analítico da estrutura narrativa e ao mesmo tempo buscar um imbricamento com a historicidade paraguaia e a literatura robastina, ou seja, analisá-la como um todo, principalmente para torná-la conhecida nos meios acadêmicos, tanto pelo conteúdo literário, quanto pela importância que entendo haver na propagação da Literatura paraguaia, afinal, ao contrário do que muitos pensam, literatura paraguaia existe e é dotada de uma riqueza poética impressionante.

Diante disso, é imprescindível conhecer a estrutura que compõe *ES*. Para tanto, adotei a classificação feita por Cândida Vilares Gancho na obra *Como analisar narrativas* (2002), na qual elenca cinco elementos principais: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador.

Assim, passo a apresentá-los, ao que pese em momentos anteriores já ter abordado alguns deles, pois este estudo foi elaborado de maneira a encadear um pensamento linear. Arrisco-me a dizer que é uma tentativa de montar o incrível e enigmático quebra-cabeça criado por Roa Bastos.

3.1 A TRAMA NA NARRATIVA

Como já apontado anteriormente, a narrativa não apresenta um enredo romântico e circular que tenha início, meio e fim, mas sim, uma leitura que obstaculiza a compreensão do leitor, em especial para quem desconhece a história do Paraguai e as circunstâncias em que a narrativa foi escrita. Por isso, não é possível descrever o enredo da maneira tradicional e habitual que usamos quando sintetizamos um romance a alguém. Assim como a obra é peculiar, a descrição de seu enredo precisa ser feita de forma diferenciada e um pouco fora

do “era uma vez...”, iniciando pela descrição de sua composição formal que está diretamente relacionada ao que Gancho chama de conflito⁴⁴.

A autora aduz que o enredo precisa ser composto por duas partes as quais compõem sua estrutura, são estas: a sua natureza ficcional e a verossimilhança, que é lógica interna do enredo. A relação entre elas faz parecer ao leitor que a narrativa é verdadeira ainda que seja ficcional (GANCHO, 2002).

Além disso, a autora discorre que o enredo também deve apresentar-se no campo psicológico e pondera o seguinte:

Para concluir as considerações sobre o enredo, falta-nos falar sobre a narrativa psicológica, na qual os fatos nem sempre são evidentes, porque não equivalem a ações concretas do personagem, mas a movimentos interiores; seriam fatos emocionais que comporiam o enredo psicológico. Excetuando este aspecto, o enredo psicológico se estrutura como o enredo de ação; isto equivale a dizer que tem um conflito, apresenta partes, verossimilhança e, portanto, é passível de análise (GANCHO, 2002, p 12).

ES reúne tais características mesmo com uma estrutura formal peculiar que não apresenta capítulos, e sim, quarenta e três intermitentes unidades discursivas de variadas extensões que às vezes se justapõem com interrupções, explicações, oposições e ironias. Cada tipo de texto corresponde ao que Milagros Ezquerro (1983, s/p.) denomina “modalidades de escritura” e que recebem do narrador as seguintes denominações: as anotações às margens, o caderno particular, a circular perpétua e as notas do compilador. De maneira secundária e sem muita expressão, no texto há o “Caderno de bitácola” e “auto supremo”.

O primeiro, que aparece somente uma vez na narrativa entre as páginas 241 e 245, contém divagações e considerações desconexas e sem muito sentido com outras passagens, enquanto que o segundo constitui uma espécie de sentença processual nas quais o Supremo determina que se paguem indenizações, reparem danos, fixem recompensas, partilhem bens e designem soldados para ocupar determinados territórios, um exemplo deste tipo de texto

⁴⁴ Conflito é qualquer componente da história (personagens, fatos, ambiente, ideias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor (GANCHO, 2002, p 12).

está nas páginas 153-161 e exemplificadamente transcrevo o início para que se conheça o estilo:

Pagar 30 onças de prata à viúva Gaspara Cantuária de Arroyo em reparação aos danos morais e materiais. Mais uma pensão de seis pesos com dois reais para cada filho até que o maior alcance a maioridade. Atingida entrará a serviço no corpo de Banda do Quartel do Hospital com o grau de cabo músico (BASTOS, 1977, p. 155).

Mesmo após 43 anos de sua publicação, *ES* tem sido objeto de uma infinidade de estudos críticos e todos concordam que é um excelente romance, considerado por muitos como o melhor latino-americano. Não obstante, as análises existentes se atêm aos aspectos parciais e poucas dão conta da sua totalidade, que permanece sem ser de todo compreendida. Em geral, a obra tem sido utilizada como exemplo para ilustrar teorias ou procedimentos e não como objeto de estudo em si mesmo. Sem dúvida, os obstáculos para sua compreensão têm sido o desconhecimento da historiografia paraguaia, do âmbito no qual foi escrito e das numerosas fontes compiladas por Roa Bastos.

Dentre tantos estudos já realizados sobre as obras de Roa Bastos, Ricardo da Silva Espínola (2013, p. 5), em sua dissertação de mestrado, ao comentar sobre *ES* expõe que a maneira como a narrativa foi criada representa escolhas que “são organizadas de modo a gerar um romance inverossímil, não linear e sem o predomínio da invocação dramática, marcado pela presença de diversas vozes que se contradizem”. Esta é uma definição coerente, pois é exatamente assim que, ao lê-la, mesmo para o leitor descompromissado, haverá constatação das vozes que confundem e, inevitavelmente, levam a curiosidade em descobrir a quem pertencem, o que se torna difícil em razão da falta de linearidade.

No entanto, ao que pese a dificuldade, ao longo da leitura é possível identificar um enredo com todas as características elencadas por Gancho (2002) e pontuar seus personagens (primários e secundários), bem como entender sua organização, tanto em relação aos fatos, quanto a trama em si e, assim, compreender os elementos estruturadores do conflito.

Estruturalmente, a obra apresenta como introdução o bilhete anônimo deixado na porta da Catedral de Encarnación (Assunção) o qual já transcrevi anteriormente neste trabalho. A aparição do bilhete é apresentada na narrativa

logo no seu primeiro trecho, transcrito integralmente pelo narrador, denominado como Supremo Ditador.

A seguir, inicia-se o desenvolvimento em um diálogo com um subalterno, no qual o narrador questiona a localização de onde foi encontrado. O questionamento é direcionado a um personagem que constantemente surge no texto como escriba das ordens ditadas pelo Supremo, Policarpo Patiño, que recebe ordens para descobrir o autor do bilhete.

A partir do aparecimento do bilhete, escrito em primeira pessoa e no qual contém um decreto com instruções aos funcionários do governo de como deveriam atuar depois do falecimento do Supremo Ditador da República, este, enfurecido, toma o bilhete como uma forma de paródia aos seus decretos e exclama: “Agora se atrevem a parodiar meus Decretos Supremos. Arremedam minha linguagem, minha letra, tentando infiltrar-se através dela; chegar a mim vindos de seus covis” (BASTOS, 1977, p. 10).

Diante disso, inicia uma busca incessante para descobrir o autor, assim como determina aos seus subordinados que iniciem uma busca febril pelos quais denomina: “rebeldes”. Saguier (1976) afirma que há na obra um conjunto de histórias com eixos narrativos diferenciados, um central, que estrutura e conduz o que pode ser dito ou escrito, isso de maneira dominante, conforme demonstra o trecho a seguir:

Onde encontraram isso? Cravado na porta da catedral, Excelência. Um grupo de granadeiros descobriu-o esta madrugada e retirou, levando-o ao comando. Felizmente ninguém conseguiu lê-lo. Não te perguntei isto, nem é coisa que importe. Tem razão Excelência, a tinta dos pasquins azeda mais rápido que o leite. Também não é folha de Gazeta portenha nem arrancada de livros, senhor. Que livros pode haver afora os meus! Faz muito tempo que os aristocratas das vinte famílias converteram os deles em naipes (BASTOS, 1977, p. 9).

O clímax da narrativa ocorre a partir do momento de que Supremo Ditador se dá conta de que é quase impossível descobrir quem possa ter copiado ou falsificado sua letra: “o que acontece com a investigação do pasquim catedralício? Encontrei a Letra? Não, Excelência, até agora tivemos em demasia pouca sorte. [...]. Não procure mais. Já não tem importância” (BASTOS, 1977, p. 355). Então, decide escrever a sua própria história para deixar constadas suas

aventuras e façanhas como resposta aos seus caluniadores e na intenção de explicar seus propósitos e ações a frente da coisa pública. A partir desse ponto, a versão de sua história e do país toma diferentes formas, apresentada nas diversas modalidades de escrituras.

A modalidade predominante é a Circular Perpétua, que transparece quase como um retrato da personalidade pública do Ditador como aponta Saguier (1973):

Jogo de palavras com o aforismo matemática da circular. Assim, procura dar uma sensação de sentido contínuo a cada volta, para explicar seus propósitos e ações a frente dos assuntos públicos. Interpretação *francista* na história do Paraguai - incluindo sua própria atuação – a Circular Perpétua é também um retrato da personalidade pública do ditador. Interpretação *francista*, ou seja, a partir da ideologia e da práxis do personagem, que tinha uma visão muito clara da história e da inserção de sua ação governamental sobre o que considerava a história atual do seu país (SAGUIER, 1976, p. 31, tradução livre).⁴⁵

As circulares são ditadas pelo Supremo ao secretário Policarpo Patiño e nas quais constam ordens e conselhos aos funcionários do governo. O ato de copiar, realizado por Patiño, deve ser fiel ao ditado pelo Supremo que não admite qualquer erro gráfico, uso de sinônimos ou de interpretações diversas das ditadas, inclusive repreende constantemente o escrivão que, em razão da pouca instrução e do temor a represálias, necessita esforçar-se para realizar a tarefa:

Senhor, com sua licença, digo, quero dizer, sinto que suas palavras, por mais pobremente copiadas que estejam por estas mãos que a terra há de comer, sinto que copiam o que Vossência me dita letra por letra, palavra por palavra (BASTOS, 1977, p. 30).

A primeira circular perpétua aparece na narrativa após longas reminiscências do narrador e nas quais relembra ao secretário fatos que demonstram o quão este narrador é perspicaz, metódico, tirano e tem o poder de tudo ver e saber. Nesta circular é extraída a ideia de que o Supremo emite um

⁴⁵ Juego de palabras con el aforismo matemático de la circular. Intenta así dar un sentido continuo a cada volta, para explicar sus propósitos y su acción al frente de la cosa pública. Interpretación francista de la historia del Paraguay – incluyendo su propia actuación –, la Circular Perpetua es además un retrato de la personalidad pública del Dictador. Interpretación francista, es decir a partir de la ideología y la práxis del personaje, quien poseía una visión muy clara de la historia, y de la inserción de su acción gubernativa en lo que consideraba la corriente de la historia de su país (SAGUIER, 1976, p. 31, versão original).

alerta aos inimigos de que está atento aos que desejam derrubá-lo e tomar a República que conquistou enfrentando Impérios, e que se não for estratégico, rígido e perspicaz poderá perder o poder e o Paraguai, o que não admite em hipótese alguma, mesmo após sua morte, tanto é que sequer deixou sucessor ou herdeiro, reafirmando ser perpétuo.

Também deixa claro que fará idas e voltas no texto para afirmar e reafirmar o que esta ordenando. Para que se possa compreender, não posso deixar de transcrever um trecho da circular:

(Circular Perpétua)

Os pasquineiros consideram indigno que eu vele incansavelmente pela dignidade da República contra os que anseiam por sua ruína. Estados estrangeiros. Governos rapinantes, insaciáveis tomadores do alheio. Sua perfídia e má fé são há muito tempo bem conhecidas. Chame-se de Império de Portugal ou do Brasil; suas hordas depredadoras de mamelucos, de bandeirantes paulistas que contive e impedi de continuarem abandando bandidescamente em território pátrio. Alguns dos senhores foram testemunhas, lembrar-se-ão, terão ouvido como as fulminantes invasões incendiavam nossos povoados, matavam pessoas, roubavam gado. Levavam cativos milhares de naturais. Sobre as relações de nossa República com o Império; sobre suas manobras e maquinações, embustes, velhacarias e perversões, antes e depois de nossa Independência, instituí-los-ei mais detalhadamente **nas sucessivas voltas dessa circular**. O pantagruélico império de voracidade insaciável sonha tragar o Paraguai como um manso cordeiro (BASTOS, 1977, p. 69, grifos nossos).

A outra modalidade de escrita e que transparece um perfil mais íntimo do narrador é o caderno particular, no qual há colocações pessoais evasivas e recordações que se constituem outro eixo semântico tão importante na narrativa quanto as circulares. Saguier (1976) aponta que as escritas lançadas no caderno particular são anacronismo que se apresentam de duas maneiras, uma de caráter pessoal e outra que se referem à situação de dependência/independência do país:

Estes anacronismos são de naturezas diferentes. Alguns são pessoais; Há os que se referem à dependência do país; outros se referem aos métodos e características da ditadura paraguaia atual. Os indícios pessoais são, por sua vez de duas classes. Alguns são traços de humor do compilador, por vezes, para dirigir 'piscadelas' para certas pessoas, expressando amizade ou gratidão. Exemplos deste procedimento são citações de alguns historiadores contemporâneos que se preocuparam com Francia.

[...] Em outros parágrafos o autor utiliza o procedimento satirista à sua custa (SAGUIER, 1976, p. 32, tradução livre).⁴⁶

E, assim, o enredo é formado com o uso de tais modalidades de escrita. Um enredo que inicia com o bilhete anônimo e que desencadeia uma série de diálogos anacrônicos nos quais são narradas circunstâncias a respeito da conquista da República, da luta pela manutenção do poder frente à governança do território conquistado, da derrota de inimigos e outros fatores relacionados.

Sobre a autoria do bilhete, por vezes o leitor concluirá ter certeza de que foi o personagem Patiño, certeza esta induzida pelo narrador, conforme demonstra em uma de suas escritas no caderno particular:

Patiño espirra pensando não na ciência da escritura mas sim nas intempéries do estômago. Agora estou certo de reconhecer a letra do escrito anônimo. Escrito coma força torcida de uma mente afetada. Demasiado carregado em sua brevidade o pasquim catedralício! As mesmas palavras expressam diferentes sentidos, conforme o ânimo de quem as pronuncia. Ninguém diz “meus servidores civis e militares” a não ser para chamar a atenção de que são servidores, embora não sirvam para a maldita coisa. Ninguém ordena que seu cadáver seja decapitado a não ser aquele que queira que o outro o seja. Ninguém assina YO EL SUPREMO uma paródia falsificatória como esta, a não ser o que padece de absoluta insupremidade. Impunidade? Não sei, não sei... Todavía não há que afastar nenhuma possibilidade. Hum. Ah. Observa-a bem (BASTOS, 1977, p. 57).

O fato é que não se chega a uma conclusão e que na verdade os diálogos ao longo da narrativa acabam se desviando de tal maneira da introdução do enredo que a conclusão a que se chega é de que o bilhete na verdade pode não ser eixo principal, mas um fio condutor que leva as diversas vozes existentes e, por isso, um romance de narrativa polifônica.

Após tantas vozes, chego ao que parece ser o fim da narrativa, ou o desenlace, que acontece de maneira igualmente enigmática razão pela qual penso ser imprescindível a transcrição do último trecho, ainda que seja longo e sem parágrafos, pois nele se encerram as vozes que ressoaram durante toda a

⁴⁶ Esos anacronismos son de diferente índole. Unos son de carácter personal; hay los que se refieren a la situación de dependência del país; otros aluden a los métodos y características de la actual dictadura paraguaya . Los índices de carácter personal son a su vez de dos clases. Unos son rasgos de humor del <<compilador>>, ocasiones para dirigir guiños a ciertas personas, manifestando amistad o agradecimiento. Ejemplos de este procedimiento son las citas de ciertos historiadores contemporáneos que se ocuparon de Francia. [...] En otros párrafos el autor cumple el procedimiento satírico a sus expensas (SAGUIER, 1976, p. 32, versão original).

narrativa e o que proporciona a sensação de que o fim realmente chegou, já que o Supremo, agora se denomina “Supremo Finado”:

... à meia noite, baixarás às masmorras. Passearás entre as fileiras de rede que estão penduradas umas por cima de outras, apodrecidas por vinte anos de escuridão, sofrimento e suor. Não te reconhecerão. Não te verão sequer. Não te verão nem te ouvirão. Se ainda tivesses voz, tu terias gostado de insultá-los, fazer muito ruído segundo teu costume; tomar distâncias destes espectros que ousarão ignorar-te. Escutem, malditos safados!, terias gostado de apostrofá-los, repetindo pela última vez o que rosnaste milhares de vezes. O bom, o melhor de tudo é que ninguém já te escuta. Inútil que te esganices no absoluto silêncio. Percorrerás as filas dos prisioneiros. Observarás cada um nos olhos melequentos, cataratudos. Não piscarão. Saberás se sonham ou te sonham como um animal desconhecido, como um monstro sem nome? Sonho. Um sonho. O mais secreto de um homem e de uma besta. Serás para eles simplesmente a forma do esquecimento. Um vazio. Uma escuridão nessa escuridão. Te espicharás por fim numa rede vazia. A mais baixa entre as fileiras de redes que oscilam levemente sob arrobos de ferros cem vezes mais pesados que suas ossamentas de espectros. Desfeita de mofo e velhice, a rede te derrubará no chão. Ninguém rirá. Silêncio na tumba. Toda a noite passará ali, estendido entre os pestilentos despojos. Os olhos cerrados, as mãos cruzadas sobre o peito. O suor destes miseráveis, suas cascas, suas urinas, jorrando de rede em rede pingarão em ti, choverão gotas, gotas de lodo sepulcral. Esmagar-te-ão para baixo cada vez mais. Apontarão tua imobilidade com estes pilares ao contrário. Estalactites crescendo sobre tua suprema impotência. Quando os ácaros, os sílfides, as moscas, as sarcófagas e todas as outras migrações de larvas e erugas, de diminutos roedores e aradores necrófagos, acabarem com o que resta de tua estimada não-pessoa, neste momento te assaltarão também ânsias de comer. Terrível apetite. Tão terrível que comer o mundo, o universo inteiro, ainda seria pouco para acalmar tua fome. Lembrarás do ovo que mandaste pôr debaixo das cinzas quentes para teu último desjejum, o que não conseguiste ter. Farás um sobre-humano esforço tratando de aprumar-te sob a massa de trevas que te esmaga. Não poderás. Cair-te-ão os últimos cabelos. As larvas continuarão pastando em teus despojos tranquilamente. Com seus longos cabelos tecerão a peruca para tua calvície, de modo que teu mundo crânio não sofra muito frio. Enquanto estejam comendo todo o bandolim ao som de alaúdes e laudes, afônico, afásico, em catarrosa mudez agravada pela umidade, implorarás que te tragam o ovo, ovo embrionado, o ovo esquecido nas cinzas, o ovo que outros mais astutos e menos esquecediços já terão comido ou jogado no tacho dos desperdícios. As coisas sucedem deste modo. Que tal, Supremo Finado, se te deixamos assim, condenados à fome perpétua de comer um ovo, por não ter sabido... (encadernado, ilegível o resto, inencontráveis os restos, esparramadas as corcomidas letras do Livro) (BASTOS, 1977, p. 383 e 377).

Com este trecho concluo ter chegado ao fim da narrativa, como disse anteriormente, com a aparente e anunciada morte do Supremo. Ocorre que ao virar o que se imagina ser a última página, o leitor se deparará com um apêndice inusitado e que deixa o leitor na dúvida se são informações reais da história do Paraguai, ante a similitude com alguns fatos históricos, ou se é mais uma artimanha do narrador, ou ainda, se é o autor Roa Bastos fazendo suas ponderações. Este posfácio inicia da seguinte forma:

1. Os restos de EL SUPREMO

Em 31 de janeiro de 1961, uma circular oficial convocou os historiadores nacionais para um conclave com o fim de “iniciar as gestões tendentes a recuperar os restos mortais do Supremo Ditador e restituir ao patrimônio nacional essas sagradas relíquias (BASTOS, 1977, p. 379).

Os historiadores convocados pela circular são os paraguaios Benigno Riquelme García, Jesus Blanco Sánchez, Manuel Peña Villamil, Julio César Chaves, R. Antonio Ramos e Marco Antonio Laconich. A propósito, Julio César Chavez, utilizo como fonte de pesquisa, e a transcrição da manifestação do mesmo, porém não há nenhum indicativo bibliográfico, salvo a seguinte anotação “De Júlio César Chaves (28 de março de 1961)” (BASTOS, 1977, p. 382). Ao fazer a leitura do trecho, percebo que o Supremo, mesmo após a morte continuava atemorizando e semeando a discórdia e o descontentamento no meio político.

A celeuma ocorreu em razão dos restos mortais do Supremo, ou melhor, de onde deveriam ser depositados, pois alguns defendiam que não poderia ser em solo santo, uma vez que representava o próprio demônio, e outros que os restos deveriam ser queimados e a figura do ditador esquecida completamente. Sinteticamente estas são as palavras do “historiador”:

Em meados de 1841 se agitou o ambiente político do Paraguai abrindo-se uma acesa polêmica sobre a vida e a obra de El Supremo. [...] Afirmavam os primeiros que El Supremo não era digno de descansar numa igreja e anunciavam publicamente que iam se apoderar de seus restos para lançá-los num monturo. [...] a tensão foi crescendo ao longo do ano de 1841 e parece que chegou ao ponto culminante em 20 de setembro, dia em que cumpriu o primeiro aniversário da morte do Supremo Ditador. As

paixões deflagradas ameaçavam deflagrar guerra civil; foi-se esquentando o ambiente até pôr em risco a paz da nação, tão necessária para afrontar e resolver graves problemas internacionais, econômicos e sociais. Foi então quando os Cônsules decidiram-se a atuar com energia; mandaram fazer desaparecer o mausoléu que guardava os restos e enterrar estes 'não se sabe onde' (BASTOS, 1977, p. 382).

O posfácio continua informando, por intermédio de relatos dos historiadores, a peregrinação dos restos mortais do Supremo e a incógnita sobre seu paradeiro.

Interessante é que o término do posfácio ainda não é o encerramento da narrativa, pois de forma derradeira aparece uma nota final do compilador cuja sentença esta integralmente escrita em caixa alta, como se fosse um grito dizendo: "Fim!".

O compilador explica, ou talvez se justifique, dizendo que a compilação foi surrupiada de diversas fontes, como se quisesse deixar claro que os ditadores atuam como substitutos dos escritores, historiadores, artistas, pensadores, enfim, usurpam não somente o poder político, mas sim todas as funções que têm o poder de causar transformações, revoluções e formar opiniões e pensamentos diversos daquele que eles almejam com o objetivo de ter o domínio sobre tudo e sobre todos e, com isso, eliminar qualquer risco de perder o Poder Supremo, mesmo após a morte.

O alerta, direcionado ao leitor, confirma os atos de ditar e escrever que povoam toda a narrativa:

Já terá percebido o leitor que, ao contrário dos textos usuais, este foi lido primeiro e escrito depois. Em lugar de dizer e escrever coisa nova, não fiz mais do que copiar fielmente o já dito e composto por outros. Não há pois na compilação uma só página, uma só frase, uma só palavra, desde o título até esta nota final, que não haja sido escrita desta maneira. [...] Assim, imitando uma vez mais o Ditador (os ditadores cumprem precisamente esta função: substituir os escritores, historiadores, artistas, pensadores, etc.) o a-copiador declara, com lavras de um autor contemporâneo, que a história encerrada nestes apontamentos se reduz ao fato de que a história que nela devia ser narrada não foi narrada. Em consequência, os personagens e fatos que figuram neles ganharam, por fatalidade da linguagem escrita, o direito a uma existência fictícia e autônoma a serviço do não menos fictício e autônomo leitor (BASTOS, 1977, p. 389).

Com isso, a narrativa se mostra a princípio um pouco *nonsense* e, em síntese, transparece a ideia de que um ditador moribundo de comportamento megalomaniaco e excêntrico passa o tempo ditando ao seu secretário o que exige seja copiado fielmente ou então faz seus próprios apontamentos em um caderno particular. Tudo isso na aparente tentativa de justificar sua existência perante a história e a humanidade, bem como de provar que não está vivo e que jamais morrerá, isto como forma de afugentar seus inimigos.

Para afirmar suas ideias e seus ideais, emite ordens para que todos saibam o quão poderoso é e que está em pleno exercício do seu poder. Do início ao fim do romance, critica aqueles que apenas conseguem apreender os fatos cronologicamente, considerando sua conexão com o passado como uma mera sucessão de eventos. A memória é, portanto, o resgate do passado, é fundamental para o perfeito entendimento da história (NAVARRO, 1989).

Pode ser considerada, portanto, de uma narrativa de leitura densa e como disse sem um enredo linear e que, em razão da sua polifonia, requer dois níveis de leitura, primeiro os ditados pelo Supremo, copiados por Patiño e os escritos no caderno privado. Segundo, a leitura das notas do compilador.

Diante dessa misteriosa incompletude, a técnica e as habilidades narrativas de Roa Bastos transmitem ao leitor a função de tirar suas próprias conclusões, visto que ao terminar a leitura haverá muitas dúvidas e questionamentos, os quais são produtivos e instigam a não deixar apenas no campo do superficial.

O leitor acompanhará durante sua leitura um Supremo ríspido, lúcido, sarcástico e delirante ao longo de anos idos, vindos e porvir, que discorre de forma abundante e sem reiterações.

3.2 VOZES QUE DIALOGAM

O personagem⁴⁷ é um dos elementos constitutivos da estrutura narrativa. Um ser fictício criado pelo autor que orienta os pensamentos, sentimentos e ações e que pode ter forma humana ou antropomórfica. Logo, personagens são

⁴⁷ Antonio Cândido utiliza semanticamente o termo no gênero feminino ao passo que Cândida Vilares Gancho faz uso no masculino. Por questões práticas optei em adotar o masculino, salvo quando for transcrição *ipsis literis* de autores.

os elementos ativos de uma narrativa, ou seja, são aqueles que possibilitam o prosseguimento do enredo.

Como disse, são seres fictícios que vivenciam aquilo que o narrador está a narrar. Esta ficção do personagem apresenta-se como um paradoxo e ressoa um questionamento. Como é possível que exista, logo, é real, e ao mesmo tempo seja fictício? Antonio Cândido brilhantemente explica:

A personagem é um ser fictício, — expressão que soa como um paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação de fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste (CANDIDO, 2007, p 40).

Esse ser existente/inexistente em *ES* e que assume o papel de protagonista é o Supremo. Durante todo o texto, ele não recebe um nome próprio e sempre aparece como sendo o Ditador, o Supremo Ditador, *Eu o Supremo*, Ele o Supremo, Excelência, Vossência, enfim, designações variadas que firmam sua posição, sempre destacado pela inicial em letra maiúscula. Este mesmo personagem assume o papel de narrador-personagem.

Para chegar a tal conclusão, foi necessário entender que a tarefa do narrador em uma narrativa, afinal esta não existirá se não houver aquele e sua função é dúplice, a primeira é o foco narrativo e a segunda o ponto de vista, quer seja desse quanto desta (GANCHO, 2002).

Em *ES* o narrador manifesta-se sempre na primeira pessoa do singular por isso ocupa a posição de narrador-personagem, ou seja, é o protagonista, a figura central representada pelo Supremo.

A tarefa do narrador, no entanto, tem caráter conotativo e tende a estabelecer uma realidade mítica, fundada na invenção e na fábula, que não se destina à distorção da verdade histórica, mas a uma revelação mais profunda dos fatos, dos sentimentos e das crenças coletivas.

O narrador, ao contrário do historiador, não tem o compromisso de comprovar os fatos e, em *ES*, tem esta característica descompromissada, narra

os fatos, porém não se preocupa se haverá comprovação, até mesmo porque se sente como único autorizado a questionar e duvidar.

Esta postura do narrador deixa claro que não é o autor, e sim uma “entidade de ficção, isto é, uma criação linguística do autor, e, portanto, só existe no texto” (GANCHO, 2002, p. 16), por isso reúne tantas qualidades e detém o poder absoluto, tornando-se o herói, o único capaz dos feitos narrados. Existe, portanto, na narrativa uma voz que narra e o faz de forma fragmentária, descontínua, assumindo uma posição máxima de Senhor de tudo. Esta voz ecoa de um “aqui” e mina todas as outras vozes tanto de cá como de lá em uma mistura de múltiplos enunciados.

Como antagonistas, o próprio Supremo elenca uma série deles, alguns inclusive já citei anteriormente, desafiando um rol extenso de inimigos que desejam derrotá-lo e os quais sempre afirma ter aniquilado, ordenando suas mortes, seus desterros, prisões, expulsões do país ou impedindo-os de nele adentrar. Demonstração disso é possível, a título de exemplo, encontrar no seguinte trecho:

O que buscavam na realidade com tais quimeras era entregar o Paraguai ao melhor comprador. A ponto de consegui-lo estiveram os aeropagitas. Fui tirando-os do caminho. Derrotei-os um a um. Coloquei-os onde deviam estar. A mim os aerópagos! Ao cárcere, bandidos! (BASTOS, 1977, p. 11).

Cândida Vilares Gancho (2002, p. 7) aponta que “o personagem é um ser que pertence à história” e sua existência exige a participação no enredo, agindo ou falando, e relembra que em razão disso “se um determinado ser é mencionado na história por outros personagens, mas nada faz direta ou indiretamente, ou não interfere de modo algum no enredo, pode-se não o considerar personagem”.

Diante de tal visão, a meu ver, há em *ES* três personagens de destaque. O Supremo, sobre o qual já discorri; o compilador, que mais adiante abordarei; e Policarpo Patiño, o secretário que executa as ordens do ditador e transcreve o que este lhe dita.

Patiño, ao que pese não ser o personagem principal, assume um papel relevante na narrativa em razão justamente da posição inferior que tem. Noto que é o único personagem que dialoga diretamente com o Supremo, questionando-o, ao mesmo tempo em que é severamente repreendido – ou melhor, ofendido – de maneira a ser seguidamente lembrado de que é, simplesmente, um serviçal e que

ocupa a mais baixa patente, ainda que seja o único a ter acesso constante ao governante. Diversas são as passagens que retratam esta relação, dentre elas a seguinte:

És o charlatão mais desaforado do mundo. Passarolo que grasna o tempo todo. Passarolo para o qual a morte já veio: que vai morrer de imediato ainda que pouco a pouco. Não consegui fazer de ti um servidor decente. Não encontrarás nunca razão suficiente para te calar. Com isso de não trabalhar, inventas sucedidos que não sucedem. Não crês que sobre mim se poderia fazer uma estória fabulosa? Absolutamente certo, Excelência! A mais fabulosa, a mais correta, a mais digna da altura majestativa de sua Pessoa! Não, Patiño, não. Sobre o Poder Absoluto não se podem fazer estória. Se se pudesse, o Supremo estaria sobrando: Na literatura ou na realidade. Quem escreveria estes livros? Gente ignorante como tu. Escribas de profissão. Embusteiros fariseus. Imbecis compiladores de escritos imbecis. [...] Crês tu que poderias relatar minha antes de tua morte, esfarrapado amanuense? Necessitarias pelo menos do ofício e da força de duas parcas. Eh, eh, compilador de embustes e falsificações? Recolher de fumaça, tu que no fundo odeias o Amo. Responde! Eh eh? Ah! Vamos! Ainda supondo a teu favor que enganas para preservar-me, o que fazes é tirar-me cabelo por cabelo o poder de nascer e morrer por mim mesmo (BASTOS, 1977, p. 29-30).

Em razão desta posição ocupada, arrisco-me a classificar Patiño como um anti-herói e para firmar minha convicção respaldo-me nos ensinamentos de Gancho (2002, p. 8) que conceitua tal espécie de personagem como aquele que “têm características iguais ou inferiores às de seu grupo, mas que por algum motivo está na posição de herói, só que sem competência para tanto”.

Por fim, considero como personagem o compilador, figura que me causou muitas desconfianças. Aparece constantemente no texto atuando como se fosse uma espécie de “bisbilhoteiro” ou então alguém que deseja complementar ou esclarecer o que as vozes existentes na narrativa dizem.

Em alguns momentos cheguei a desconfiar que o compilador seja Patiño, e o trecho que transcrevi extraído da nota final do compilador, presente na página 389, é uma demonstração das minhas suspeitas. Mas são apenas suspeitas, não há como extrair maiores dados para chegar a uma conclusão, portanto, vejo como um personagem indefinido que não se enquadra na classificação feita por Gancho (2002), mas que tem uma voz que ressoa constantemente na narrativa.

3.3 O TEMPO DO SUPREMO NARRADOR

Tempo e espaço são categorias fundamentais do discurso romanesco. A noção de tempo implica a de espaço e vice-versa, pois um está vinculado ao outro. Segundo Massaud Moisés (2006), essa correlação levou a criação de um vocábulo composto “tempo-espaço”, também conhecido por *chronotopos*⁴⁸ e que registra a indissolubilidade dos termos.

Exemplificativamente, em *ES*, temos o *chronotopos* na seguinte passagem:

Congressos. Paradas militares. Procissões. Representações. Torneios de cavaleiros. Desfiles. Danças de negros e índios. Funções patronais. Duplas exéquias. Trípliques funerais. Conspirações muitas. Execuções, muito poucas. Apoteoses. Ressurreições. Lapidações. Júbilos multitudinarios. Angustia coletiva (só depois de minha desapareição). Festividades de toda ordem (MOISES, 2006, p. 222).

O narrador reforça, permanentemente, a ideia de que as badernas de toda ordem não são aceitas e que somente após seu desaparecimento é que poderão ser toleradas.

A propósito, o tempo em *ES* é um tema rico em revelações e acorda com a complexidade da trama, pois a noção de tempo cinge-se em múltiplos planos e em algumas cenas e relatos ocorrem uma acumulação de datas e feitos assíncronicos que dificultam ainda mais a intenção de uma leitura linear.

Sendo assim é preciso organizar o tempo na narrativa, pois como já apontado em momentos anteriores, *ES* não é uma narrativa dividida em capítulos e possui estabilidade semântica apenas em algumas passagens curtas sobre problemas políticos que se confundem no tempo e no espaço. O tempo real da ação inicia com a aparição do bilhete anônimo na porta da catedral que anuncia a morte do narrador, passa pelos feitos do Ditador Perpétuo até sua morte, ou aparente morte.

Na visão de Barthes (2011), o texto narrativo, no que tange ao tempo, é uma tarefa que exige auferir êxito em dar uma descrição estrutural da ilusão cronológica.

⁴⁸ Conceito criado por Mikhail Bakhtin que se resume na interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas pela Literatura e com os quais procura expressar a indissolubilidade do espaço no tempo.

a tarefa é conseguir dar uma descrição estrutural da ilusão cronológica; é a lógica narrativa a dar conta do tempo narrativo. Poder-se-ia dizer de uma outra maneira que a temporalidade não é mais do que uma classe estrutural da narrativa (do discurso), tudo como se na língua o tempo não existisse a não ser sob a forma de sistema; do ponto de vista da narrativa, o que chamamos de tempo não existe, ou ao menos só existe funcionalmente como elemento de um sistema semiótico: o tempo não pertence ao discurso propriamente dito, mas o referente (BARTHES, 2011, p. 38).

Além disso, quando se trata de um texto narrativo histórico, outras nuances aparecem, tornando árdua a tarefa do pesquisador e, mais ainda, do leitor que busca na narrativa o encontro com o lógico e sistematizado, como explica Massaud Moisés (2006):

Antes de tudo, o tempo [histórico] é linear, horizontal, “objetivo”, matemático, visível ao leitor mais desprovido: este vê a história desenrolar-se à sua frente, obediente a uma cronologia definida. Mesmo quando tudo se inicia num ano incerto, 18..., percebe-se que não se passa de um truque: tudo quanto preenche a história submete-se a marcação do calendário, mais importante que a vaguidade inicial, além de anulá-la com a harmoniosa correlação temporal entre os acontecimentos que ponteiavam a narrativa. Não raro, o romancista indica, no propósito da história, as datas em que os fatos se sucedem, como a enfatizar a coerência cronológica da narrativa (MOISÉS, 2006, p. 188).

Sob tal aspecto, o narrador de *ES* não demonstra qualquer preocupação com a cronologia ou com a linearidade, e segue uma lógica própria com um vai e vem constante, causando confusão no leitor, mas que após uma leitura mais atenta percebe-se certo nexo de causalidade no discurso o que permite o entendimento.

O tempo no discurso é, de certa maneira, linear e possui certo sentido, ao passo que o tempo da história é multidimensional, uma vez que possui muitos eventos que podem se desenrolar ao mesmo tempo. No entanto, quando levados ao discurso, é preciso que sejam colocados uns em seguida dos outros (TODOROV, 1966, p. 139 *apud* NUNES, 2003, p. 27). Neste sentido, a narrativa se abre, a partir do tempo que toca à realidade, outro que dela se desprende e o leitor é convidado a ingressar num tempo imaginário, imune às ordens do relógio e do calendário (NUNES, 2013).

O presente e o passado são perfeitamente deslocáveis descompromissadamente pelo narrador e igualmente são interligados em alguns momentos ou até mesmo invertidos de tal maneira que será capaz de dilatá-los indefinidamente ou de contraí-los num momento único, caso em que se transforma no oposto do tempo, figurando o intemporal e o eterno. Além disso, o tempo é um elemento inserido no universo ficcional dotado de uma natureza complexa e, quase sempre, apresenta-se de modo implícito nas formas narrativas (NUNES, 2013).

Segundo Moisés (2006), há uma divisão do tempo em modalidades, sendo o histórico, que obedece ao ritmo do relógio, de acordo com as mudanças da natureza, como, por exemplo, dia/noite, estações do ano, movimento do sol, entre outras, de maneira objetiva. O tempo psicológico, oposto ao anterior, vez que ignora o relógio por ser movido por questões de ordem psicológicas, governadas pela mente humana, é subjetivo. Por fim, o tempo mítico, relacionado ao sagrado e eterno.

Essa multitemporalidade é uma recorrente em *ES*, apresentando as modalidades apontadas por Moisés (2006, p. 27), e os planos defendidos por Nunes (2013), “o da história, do ponto de vista do conteúdo, o do discurso, do ponto de vista da forma de expressão, e o da narração, do ponto de vista do ato de narrar”. Apresento, em *ES*, como demonstração de que a inversão ocorre e é permitida no texto literário e onde há um constante anacronismo:

Muito sofri, Excelência, antes e depois do 9 termidor, que corresponde a vosso 27 de julho; *pteut-être*⁴⁹, a vosso inconsolável 20 de setembro, em que tudo fica detido em todo de Vossa Excelência. Todavia, há França para muito tempo. A História não acaba no 20 de setembro de 1840. Poder-se-ia dizer que começa (BASTOS, 1974, p. 66).

O trecho, um diálogo entre Patiño e o Supremo, presente na página 66, ou seja, praticamente no início da narrativa, e no qual menciona um tempo futuro (20 de setembro de 1840) em que pelos registros oficiais do governo paraguaio foi a data em que Francia faleceu. Logo, não há um comprometimento, uma preocupação no discurso, há sim, uma inversão do tempo. Momentos antes falavam de outro tempo, o tempo em que “o marquês morre em 1814, no mesmo

⁴⁹ “Talvez” – Tradução livre.

ano em que Vossência assume o Poder Absoluto” (BASTOS, 1977, p. 64), ou seja, do ano que o Supremo ascendeu ao poder absoluto.

Em diversos momentos há esta ruptura, esta ida e volta no tempo histórico sem que haja preocupação em narrar os fatos conforme ocorreram efetivamente, e em sequência, o narrador elenca alguns momentos importantes vividos antes e durante seu poder e até mesmo após sua morte.

Outro momento que demonstra uma mescla de tempos é a seguinte passagem:

Mal chegado de regresso a Buenos Aires, o rábula Vicente Anastasio Echevarría negociou sob a mesa com os membros da Junta a venda da impressora dos Niños Expósitos, a única daquela época na comporta portenha. A primeira edição americana do Contrato Social foi impressa nela, em tradução de Mariano Moreno. Uma relíquia. O Rábula Echevarría, de mão torta, não se limitou a querer vendê-la; ofereceu nada menos do que a biblioteca do próprio Moreno no leilão (BASTOS, 1977, p. 205).

Vicente Anastasio Echevarría, político argentino, viveu entre 1768 e 1857 e, por volta de 1811, de fato esteve no Paraguai para tratar de assuntos políticos e traçar alianças comerciais. A menção aos *Niños Expósitos*, um orfanato fundado em 1779 em Buenos Aires para o qual eram doados, parcialmente, os rendimentos obtidos pela *Real Imprenta de Niños Expósitos*. Além disso, edição americana do Contrato Social de Rousseau teve a tradução do francês para o espanhol feita por Mariano Moreno, que também escreveu seu prólogo, em 1810, depois de vários anos dedicados à tradução⁵⁰.

No entanto, a mescla de tempo ocorre com o trecho seguinte, que o Supremo discorre dando a entender que enforcou Echevarría, porém, neste tempo, sequer estava no poder:

Quando me inteirei do complô pus o pé sobre as negociações. Minha obrigação de síndico procurador geral era impedir a negociata da impressora. Impedi. Cortei, além disso, a corda do outro (BASTOS, 1977, p. 206).

⁵⁰Informações extraídas da biblioteca virtual Argentina. Disponível em: <<http://www.biblioteca.org.ar/libros/656485.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

Ao longo da narrativa, muitos trechos demonstram essa mescla de tempos e de fatores. Para finalizar, já quase ao término da narrativa, o Supremo exara uma convocatória ordenando a todos os delegados, comandantes de guarnições e efetivos de linha, juízes comissionados, administradores, mordomos, enfim, todo o povo paraguaio para apresentarem-se à Casa de Governo para uma reunião a ser realizada no dia 20 de setembro, cuja reunião se deverá iniciar às 12 horas e de comparecimento obrigatório, sob pena de serem impostas sanções. A ruptura do tempo reside à interpretação do discurso (BASTOS, 1977, p. 362).

A data narrada é o dia da morte do Supremo e a convocação é, na verdade, um informe que o narrador faz de seu óbito ao povo paraguaio. Sob outro ponto de vista, o escritor Roa Bastos, de seu presente (momento em que escreve o romance), escreve um fato do passado (data da morte do ditador perpétuo) narrado por um personagem (o Supremo) que ordena o cumprimento de uma ordem futura de um fato já ocorrido.

E, a seguir, outro drástico discurso que rompe o tempo da narrativa misturando-os e confundindo o leitor que, ao prosseguir a leitura que já está em suas páginas finais, não consegue encontrar uma explicação lógica:

Pega a pena e escreva o que vou ditar. Aperte-a bem forte com toda a firmeza de que seja capaz. Quero ouvi-la gemer quando rasgar o papel com minha última vontade.

[...]

EU O SUPREMO DITADOR PERPÉTUO

ORDENO, que à apresentação deste mandato pelas mãos do próprio interessado o chefe de Praça proceda à prisão do fiel de feitos Policarpo Patiño sob total e absoluta incomunicação. Por achar-se incurso num plano conspirativo de usurpação do Governo, o réu Policarpo Patiño sofrerá pena de forca como infame traidor da Pátria, e seu cadáver será enterrado em baldios fora da cidade sem cruz nem marca que memore seu nome.

[...]

Passe-me os papéis. Vou assiná-los agora mesmo (BASTOS, 1977, p. 363).

Nessa estrutura em rotação, o passado e o presente caminham sem qualquer obstáculo temporal, demonstrando *flashbacks* e *flashforwards*⁵¹ constantes “que evoca ou antecipa acontecimentos, de modo a deslocar a mesma ação ora para o passado ora para o futuro” (NUNES, 2013, p. 3).

⁵¹ Analepses e prolepses.

Paralelas à narrativa há outras histórias agregadas que fogem do período de Francia e seguem caminhando pelo romance nas notas de rodapé, que para finalizar colaciono e explico a seguir. Porém, é preciso colacionar o discurso do narrador constante de uma das circulares perpétuas e a nota de rodapé, para facilitar a compreensão do raciocínio e ter a visão da questão do tempo:

Circular Perpétua

Uma balandra carregada de erva-mate, das tantas que estavam apodrecendo ao sol da (desde) Revolução, foi autorizada a partir. A condição era levar expulso Pedro de Somellera. Embarcou-se com toda sua família, seus móveis europeus, em enormes baús. Jaulas abarrotadas de centenas de macacos, animais de toda espécie, aves e bichos raros. Outros mais, alguns chefetes portenhos que não tinham parado de conspirar para atrair uma nova intervenção de Buenos Aires contra o Paraguai, também foram enfiados com grilhões entre os quintais de ervas e as jaulas. O mesmo se deu com o cordobes Gregógio de la Cerda (BASTOS, 1977, p. 169).

A circular narra que Pedro Somellera foi expulso do Paraguai juntamente com sua família e seus móveis europeus com destino à Argentina, seu país de naturalidade. A título de esclarecimento, Pedro Alcántara de Somellera, jurista político argentino, esteve por alguns anos no Paraguai, onde exercia o cargo de tenente e assessor do governo argentino no Paraguai e desafeto de Francia que, ainda na qualidade de Ditador Temporário, eliminou o cargo que Somellera ocupava, determinando sua prisão sob a acusação de ser argentino e conspirar contra o governo paraguaio. Meses depois, diante de um acordo firmado entre Manuel Belgrano e Vicente Anastasio Echevarría, que estavam no país para uma missão diplomática, foi liberado para ir-se com a família, isso em 1811.

Na nota de rodapé há o seguinte:

Em 1538, na luta com os borrascas de Magallanes o piloto genovês León Pancaldo teve que voltar do estreito das Onze Mil Virgens. Sua nau Santa Maria trazia os porões repletos de um fabuloso carregamento de mercadorias destinadas aos enriquecidos conquistadores do Peru (BASTOS, 1977, p. 169).

Como se pode observar, não há um liame temporal entre os trechos, assim como não há um nexos causal, salvo a menção aos móveis europeus na circular perpétua que poderiam ser relacionados à nau Santa Maria capitaneada pelo

genovês Cristovão Colombo no século XIV. Logo, de origem europeia. Mas há aqui uma mistura de tempos, personagens e momentos históricos. O anacronismo aparece seguidamente, pois há erros de cronologia com a mescla de personagens, ideias e sentimentos de uma época em outra, assim como relatos de objetos que não são da época narrada.

Desta forma é a construção do tempo na narrativa *ES*, um verdadeiro e caótico labirinto que o próprio narrador salienta:

Qual data deste ofício? 21 de outubro de 1840, Excelência. Aprende, Patiño: eis aqui um paraguaio que se adianta aos acontecimentos. Mete teu ofício pelo olho da fechadura de um mês ainda não chegado. Salta por cima das confusões do tempo. O bom é encontrar um tempo para cada coisa. Algo que não se detenha (BASTOS, 1977, p. 17).

Ante tantos desacertos temporais ainda assim é possível identificar que o tempo da narrativa é uma mescla de passado, presente e futuro para o narrador e para o autor é passado, mas com um olhar no futuro, o qual transparece dubiamente, primeiro o futuro imaginado, representado por um Paraguai utópico, que ocupará a alta cúpula da Confederação de Estados da América.

Eis um dos momentos em que se vê o tempo imaginado:

Último informe de Correio a seu governo, estafeta Cantero em cifrado: As vinculações internacionais da Ditadura são vastas. Seus tentáculos se estendem ao Prata, à Banda Oriental, ao Rio Grande, a Santa Cruz de la Sierra. O objetivo fundamental é a formação de uma Grande Confederação da qual seria o centro e cabeça o Paraguai. [...]. Mas de todo não são as ideias deste maluco. Núcleo, o Paraguai, de uma vasta Confederação, é o que desde o primeiro momento pensei e propus aos imbecis portenhos, aos imbecis orientais, aos imbecis brasileiros. Os que não somente é mau, mas sim mas muito mau, estriba em que estes miseráveis convertam em assunto de intrigas um projeto de natureza tão franca e benéfica como é o de uma Confederação Americana, formada em figura e semelhança de uns seus próprios interesses e não sob a pressão dos amos estrangeiros (BASTOS, 1977, p. 314-315).

O segundo futuro em *ES* por coparticipação da consciência do escritor ao mencionar ao governo de Carlos Antonio Lopez - sucessor de Francia. A presença do segundo futuro está no seguinte trecho:

Escola nº 1, “Pátria ou Morte”. Mestre aborígene Venancio Touvé. Aluno Francisco Solano López, 13 anos. “Peço ao Supremo Governo o espadim de Ditador Perpétuo, para tê-lo em custódia e usá-lo na defesa da Pátria”. Este menino tem alma indômita. Envia-lhe o espadim. Senhor, com sua licença recorde-lhe que é filho de dom Carlos Antonio López, o que... Lembro, lembro, Patiño. [...] Tu também vais lembrar de dom Carlos Antonio López, futuro presidente do Paraguai (BASTOS, 1977, p. 362).

Interessante é um terceiro futuro que encontrei no texto e isso somente foi possível após a leitura da tese de doutorado da professora Damaris Pereira Santana Lima (2013) na qual identifica uma intertextualidade entre uma passagem da narrativa com a citação do personagem histórico Correia da Câmara e o relaciona com o governo de Alfredo Stroessner. Explica a professora que a nação do Supremo encontrava-se abalada, da mesma forma que o Paraguai de 1932-1935, período da Guerra do Chaco e o “presente da narrativa é representado pelas alusões às ações entreguistas do governo do ditador Alfredo Stroessner” (LIMA, 2013, p. 47). Ainda conforme a autora:

O presente da narrativa é representado pelas alusões às ações entreguistas do governo do ditador Alfredo Stroessner, mas na narrativa é evocado através de Correia da Câmara. E é aí que se evidencia uma das críticas da obra, pois nesta tentativa de se corrigir e de se justificar, o Supremo faz alusão à ditadura do momento da escrita do romance. É muito clara a denúncia contra o regime contemporâneo à narrativa, considerado pelo Supremo como entreguista, o período do governo do general Alfredo Stroessner (1954-1989). O personagem faz alusão às relações entre Paraguai e Brasil e à sua firme política de defesa da integridade territorial, protegendo assim a soberania nacional do Paraguai (LIMA, 2013, p. 47).

Para demonstrar suas conclusões Lima (2013) transcreve os seguintes trechos⁵²:

... insaciáveis tomadores do alheio. Sua perfídia e má fé são há muito tempo bem conhecidas. Chama-se Império de Portugal ou do Brasil; suas hordas depredadoras de mamelucos, de bandeirantes paulistas que contive e impedi de continuarem abandeirando bandidescamente em território pátrio.
[...] O pantagruélico império de voracidade insaciável sonha tragar o Paraguai como um manso cordeiro. Tragará um dia o

⁵² Lima (2013) utiliza a edição em Língua Espanhola de 2008 na qual o trecho está na página 108, segundo identificação feita pela autora na página 47 de sua tese.

Continente se dele nos descuidarmos. Já nos roubou milhares de léguas quadradas de território, fontes de nossos rios, saltos de nossas águas, altos de nossas serras serradas com serra dos tratados de limites (BASTOS, 2008, p. 108 *apud* LIMA, 2013, p. 47).

Após a transcrição dos trechos Lima (2013) explica que nos fragmentos há alusão a dois momentos, um do passado quando o império colonial português apoderou-se de grandes extensões de terras paraguais e o segundo é no presente quanto ao roubo das quedas de água feito pelo Brasil e a invasão dos colonos brasileiros para comprar terras.

Por fim, a autora analisa estes dois momentos como uma referência ao governo ditatorial de Stroessner e as relações com o Brasil:

Há neste fragmento a alusão a dois momentos: o primeiro à agressão do império colonial português no passado, quando lhes fora roubada grandes extensões de terra; o segundo momento é o presente, quando especifica o roubo de suas quedas de águas, pelo Brasil e a entrada de colonos brasileiros comprando terras no país vizinho. Esta é uma referência à ditadura de Stroessner, uma vez que em seu governo, as relações entre os países sul-americanos se estreitam e o Paraguai intensifica seus vínculos com os países vizinhos. Com isso se distancia cada vez mais do isolamento no qual vivia. (CHAVES, 2010, p. 283).

Com a assinatura do tratado de Itaipú (1973), o Brasil ocupa uma grande extensão de fronteira, e daí vem o ataque à ditadura atual porque por esse tratado, segundo o Supremo, o Paraguai seria hipotecado ao Brasil (BASTOS, 1977, p. 48).

Como se vê, a narrativa é dotada de um vai-e-vem temporal que exige do leitor um exercício constante para situar-se no enredo.

3.4 O PARAGUAI DO SUPREMO DITADOR

Prosseguindo a análise na estrutura da narrativa, no que tange ao espaço, este pode ser físico (o real), social (personagens), psicológico (subjetividade do personagem) ou ambiente. Gancho (2002) defende que o termo espaço é apenas o lugar físico onde ocorrem os fatos da história, para as demais situações o termo correto é ambiente. Diante disso, tendo em vista que adotei neste trabalho a

classificação estrutural da narrativa adotada pela autora, analiso-os conjuntamente.

A relevância de situar o espaço de *ES* é demonstrar o quão está ligado aos outros elementos da narrativa, tomando o cuidado para não confundir com ambientação, uma vez que se trata de situações diferentes, enquanto esta é voltada à questão simbólica, figurada, aquele se traduz em espaço real.

No entanto, antes de falar do espaço em termos acadêmicos, proponho o uso da imaginação. Com isso, imagino um país ficcional em uma época passada, mais precisamente no final do século XVII e início do século XIX. Um país que após viver sob o domínio de uma grande potência europeia conquista sua autonomia, ainda que composta por uma população indígena numerosa e sem muitos atrativos naturais.

Neste país é estabelecido um regime político próprio e conduzido por um daqueles que foi destacado para conquistar novos mundos e que se insurgiu contra seu mandante real e que formou novos seguidores. Um destes toma seu lugar e assume o papel de Supremo Ditador. Um personagem que domina as letras e é altamente estratégico nos assuntos da política e do militarismo. Apresenta-se como um pacifista que não vacila em reprimir de maneira severa qualquer forma de insurgência. Fecha todas as fronteiras deste país e impõe um isolamento de todos os contatos externos durante quase trinta anos.

Um país que após a morte do seu ditador Supremo, amarga anos de batalhas, uma delas que quase a levou ao aniquilamento total de sua população até que no século XX, após um golpe de estado, é novamente tomada pela ditadura. Este país é o Paraguai, cuja história é dramática demais para ser relegada ao plano de simples narrativa e é este espaço que Roa Bastos retrata em *ES*.

O espaço na narrativa literária se caracteriza pelo entrelaçamento espaço-temporal vivenciado pelo sujeito. Tal espaço é dúbio, retratado por aquele que se forma no imaginário do leitor e no qual passado e futuro estão presentes; e o narrado pelo autor. O espaço é um lugar que proporciona referencial que se torna reduto de apoio físico, moral e espiritual, mesmo que de forma simbólica (FILHO, 2007).

Estudar o espaço romanesco é de extrema relevância, uma vez que está diretamente ligado a outros elementos da narrativa, em especial ao processo de

criação da realidade e da ficção e é onde ocorrem os acontecimentos, além de ser parte estrutural da ficção, assim como o personagem e o tempo. Por isso, merece atenção.

O romance aqui estudado tem como cenário o Paraguai durante o período de sua independência e os anos seguintes, os quais foram governados pelo Ditador Supremo Francia. Como já demonstrado, não há linearidade no enredo, mas é possível constatar que grande parte ocorre no interior da residência oficial do governo, em Assunção, capital do país, em uma mescla de passado, presente e futuro.

Mesmo a narrativa se passando a maior parte do tempo em tal espaço, o narrador leva o leitor para diversos outros, deslocando o imaginário a todo momento, conforme se constata do momento em que dialoga com Patiño sobre *Tevegó*, um povoado que servia como espécie de 'prisão social' e para onde enviava os que se opunham ao seu governo ou que não eram condizentes com suas imposições de comportamento social:

De que falavas, Patiño? Da gente do povoado de Tevegó, Senhor. Custa muito ver que os vultos não são pedras, mas sim gente. Esses vadios, meliantes, conspiradores, prostitutas, migrantes, trãnsfugas de toda cor e marca, que em outro tempo Sua Excelência destinou àquele lugar, já não são mais gente tampouco, tem-se que desconfiar do que se vê. Vultos apenas. Não se movem, Senhor; ao menos não se movem com movimento de gente, e se por casualidade me equivoco, seu movimento há de ser mais lento que o da tartaruga. Um exemplo, Excelência: Daqui onde estou sentado até a mesa aonde Sua Senhoria tem a santa paciência de escutar-me, por exemplo, um vulto deste tartarugal de gente demoraria a velhice de um homem para chegar (BASTOS, 1977, p. 21).

Noto que o narrador e seu interlocutor se movem em dois espaços ao mesmo tempo. Há, portanto, além das unidades de ambientação, os espaços geográficos. Importante é a distinção entre espaço e ambientação, que para Lins (1976) caracterizam-se:

Por ambientação, entenderíamos o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado ambiente. Para a aferição do espaço, levamos a nossa experiência do mundo; para ajuizar sobre a ambientação, onde transparecem os recursos expressivos do

autor, impõe-se um certo conhecimento da arte narrativa (LINS, 1976, p. 77).

Em reforço aos conceitos apresentados por Lins (1976), Antonio Dimas (1987, p. 20) esclarece que “o espaço é denotado; a ambientação é conotada. O primeiro é patente e explícito; o segundo é subjacente e implícito. O primeiro contém dados de realidade que, numa instância posterior, podem alcançar uma dimensão simbólica”.

Gancho (2002, p. 12) define ambiente como sendo o “o espaço carregado de características socioeconômicas, morais psicológicas, em que vivem os personagens” e reforça afirmando que ambiente é um conceito que “aproxima tempo e espaço, pois é a confluência destes dois referenciais, acrescido de um clima”.

O autor aduz, ainda, que o ambiente tem algumas funções, dentre elas “situar os personagens no tempo, no espaço, no grupo social, enfim nas condições em que vivem” e “ser a projeção dos conflitos vividos pelos personagens” (GANCHO, 2002, p 13). Em *ES*, a demonstração de ambiente pode ser encontrada em diversos momentos, dentre eles:

O fogo se amodorra sem saber muito bem onde atacar. Crepita sobre os papéis que vai chamuscando e convertendo em fumaças, em cinzas. Acende rastros e chispas pelos cantos. Não se atreve a chegar até mim; talvez não possa atravessar o lodaçal que rodeia o leito. A água e fogo, dos quais me formei, conspiram agora para entregar-me à solidão final. Só, num país estranho de gente idiota. Só (BASTOS, 1977, p. 372).

A demonstração de ambientes transparece em muitos momentos, eis mais um deles: “Leva-me à câmara. À Câmara, Senhor? À minha cama, a meu leito, a meu buraco. Sim, idiota, a minha própria Câmara da Verdade” (BASTOS, 1977, p 41) e a demonstração de espaço geográfico pode ser vista na seguinte passagem:

Disfarçado de camponês cheguei esta noite em Santa Maria. Fiz meus homens esperarem a uma légua, escondidos na mata. Coberto por meu chapéu de palha de duas águas, meti-me na fila dos doentes que esperaram em frente à choça de falda da serrinha (BASTOS, p. 1977, p 63).

Santa María é uma pequena cidade situada no departamento de Misiones no Paraguai a 250 km de Assunção e fundada em 1647 pelo padre Manoel Berthot. Por volta de 1696, foi assolada por uma peste que dizimou grande parte da população (TRENTO, 2001).

Desta forma, ao longo da narrativa múltiplos espaços e ambientes surgem, mas uma certeza fica impressa no leitor, o núcleo espacial é de fato o Paraguai e sua história nos anos em que foi proclamada sua independência e que vigorou a ditadura de Francia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta pesquisa era fazer um estudo interdisciplinar acerca da História e da Literatura, representadas na obra “Eu o Supremo”, do escritor paraguaio Augusto Roa Bastos. Para tanto, buscou-se demonstrar inicialmente o quão importante é para o pesquisador sair de sua área de atuação e ampliar os horizontes na busca pelo conhecimento e, neste aspecto, a interdisciplinaridade é um dos caminhos a ser seguido.

Diante disso, a compilação de material para a produção dissertativa reúne a escrita de autores diversos, especialmente sobre as ciências focos da pesquisa. Sim, pois a obra literária utilizada como *corpus* apresenta em seu enredo, generalidades históricas do Paraguai, relacionadas ao período do Ditador Perpétuo, José Gaspar Rodríguez de Francia, que governou de forma tirana o país durante 27 anos, no início do século XIX.

Para tanto, após breves apontamentos sobre a importância do estudo interdisciplinar e da necessidade de utilizá-lo para realizar a pesquisa e, conseqüentemente, a produção do texto final, apresentei a obra literária sob um novo enfoque, inicialmente com informações biográficas do seu criador, uma síntese da narrativa e o momento histórico em que foi produzida, uma vez que tais informações são importantes para a compreensão do enredo e para demonstrar que os diálogos diversos que a compõem, retratam um tempo histórico do Paraguai e sob um olhar literário do escritor.

A par disso, o que me motivou a realizar a pesquisa e abordar a temática foi descortinar um país literariamente desconhecido, principalmente, no sistema educacional da tríplice fronteira, ao que pese a grandeza de seus escritores, entre eles, Augusto Roa Bastos. Conhecer sua obra e sua trajetória literária é de suma importância para o estudo da Literatura Hispano-americana e, para entendê-la, faz-se necessário estudá-lo sob a perspectiva interdisciplinar, pois suas obras estão imbricadas com a História do Paraguai.

Mesmo o acervo literário de Roa Bastos, especialmente o romance “Eu o Supremo”, já ter servido de suporte para múltiplas pesquisas e produções de dissertações, teses e artigos científicos ao longo dos últimos anos, ainda há muito a ser pesquisado, por isso, a proposta de conhecer a obra de forma estrutural, especialmente o seu enredo, os personagens, o narrador, o contexto narrativo

literário e histórico e, principalmente, apresentá-la de maneira a alcançar o leitor o qual, primeiramente, desejo que sejam os professores e alunos do ensino médio, fundamental e superior da região fronteira e quiçá, de outras regiões do Brasil e, secundamente, outros que não sejam os críticos literários, pois estes já se manifestam a respeito desde o lançamento em 1974.

Por isso, ao final desta etapa da pesquisa conclui que voltar os olhos para a Literatura e à História do Paraguai é imprescindível no meio acadêmico, como forma de quebrar preconceitos em relação ao outro, justamente pelo fato deste ser desconhecido em sua plenitude. Igualmente, é importante para fomentar a conscientização do quão construtiva é a busca interdisciplinar pelo saber.

Profusos foram os caminhos, mas o importante é que ao final consegui expor aquilo que tinha interesse e, principalmente, atingir o objetivo traçado, qual seja, de conhecer a Literatura e a História do Paraguai, conhecer Antonio Augusto Roa Bastos e entender como, advindo de um país considerado “inexpressivo” por alguns, conseguiu grafar seu nome entre os autores latino-americanos de maior destaque internacionalmente, estando ao lado de Jorge Luis Borges, Gabriel Garcia Marques, Mário Vargas Llosa, Júlio Cortazar, Alejo Carpentier e tantos outros.

Por fim, ainda que esta dissertação não tenha o condão de oferecer soluções e medidas para o sistema educacional da fronteira, não deixa de ter sua importância em razão da produção final, que se resume em um texto com informações que levam o leitor a um novo olhar para a obra de Roa Bastos, cuja leitura é densa e de difícil compreensão, mas essencial ao engrandecimento do conhecimento sobre a humanidade.

É possível concluir, portanto, que o material aqui produzido servirá de suporte para aqueles que, assim como eu, tinham uma visão completamente diferente do Paraguai. A desconstrução de paradigmas certamente é o resultado mais positivo alcançado, mas não posso deixar de apontar que, em termos acadêmicos, é um estudo que apresenta Roa Bastos e o romance *Eu o Supremo* sob um novo olhar.

REFERÊNCIAS

ALMADA-ROCHE, Armando. **Augusto Roa Bastos, el supremo de los escritores**. Jornal ABC Color, Edição digital de 22 de abr. de 2007. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impresa/suplementos/cultural/augusto-roa-roa-bastos-el-supremo-de-los-escritores-976427.html>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa: História e crítica**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

BASTOS, Antonio Augusto Roa. **Eu o Supremo**. Clássicos Latino-Americanos. Trad. Galeno Freitas. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.

_____. **Discurso de recepción del Premio Cervantes**. Suplementos Anthropos, Antologías Temáticas, Madri, nº 25, p. 16-20, abril. 1991.

_____. **Yo, el supremo**. Edição: Milagros Ezquerro. Madrid: Ediciones Cátedra, 1983.

_____. **Revista América Latina, 500 Anos De Conquista**, nº 2. São Paulo: Ícone, 1988.

BASTOS, Antonio Augustos Roa; MACIEL, Alejandro. **El trueno entre las páginas: Diálogos entre Augusto Roa Bastos y Alejandro Maciel**. Assunção, Paraguai: Intercontinental Editora, 2002.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura: algumas considerações. Revista de Teoria da História**, ano 1, n. 3, p. 94-109, junho/2010. Disponível em: <http://www.historia.ufg.br/up/114/o/ARTIGO__BORGES.pdf>. Acesso em 10 abr. 2016.

BOUVET, Nora Esperanza. **Poder y escritura: el doctor Francia y la construcción del Estado paraguayo**. Buenos Aires: Eudeba, 2009.

BURGOS. Fernando. **Las voces del Karaí: estudios sobre Augusto Roa Bastos**. Madrid: Editora Edelsa, 1988.

CANESE, Gino. **Karai Guasu: Doctor José Gaspar Rodríguez de Francia, artífice de la nación Paraguaya**. Assunção: Servilibro, 2004.

CALLADO, Antônio. **Eu o Supremo: “Anotações feitas na orelha da edição brasileira”**. Trad. Galeno de Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1900.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 6ª ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 2000.

CANDIDO, Antonio *et al.* **A Personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007. Disponível em: <<http://groups.google.com/group/digitalsource>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

CASANOVA, Pablo Gonzáles. **As novas ciências e as humanidades: da academia à política**. São Paulo: Editora Boitempo, 2006.

CESAR, Elieser. **O Supremo Ditador**. Disponível em: <<https://eliesercesar.wordpress.com/2011/01/27/supremo-ditador-em-eu-o-supremo-augusto-roa-roa-bastos-faz-uma-autobiografia-alheia-ao-escrever-as-memorias-de-jose-gaspar-rodriguez-de-francia-emblematico-ditador-paraguaio/>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

CENTRO VIRTUAL CERVANTES. **Augusto Roa Bastos: un muchacho renovador, revolucionario y autodidacta**. Disponível em: <<http://cvc.cervantes.es/actcult/roa/cronologia/cronologia01.htm>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

CHAVES, Julio Cesar. **El Supremo Dúctador: biografía de Jose Gaspar de Francia**. 5ª ed. Assunção: Carlos Schauman Editor, 1985.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Trad. Laura Taddei Bandini. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

_____. A Literatura. In: COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

CUSTÓDIO, Raquel Cardoso de Faria e. **Augusto Roa Bastos: entre nambréna e ausência, uma escritura caleidoscópica**. Florianópolis, 2015, 223 f., Tese (Doutorado em Literatura) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/136504/336365.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2016.

DIMAS, Antônio. **Espaço e romance**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

ESPINDOLA, Ricardo da Silva. **O tempo na sombra da linguagem: Vigília del Almirante, de Augusto Roa Bastos**. São Paulo, 2013, 157 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana, Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-02102013-114613/pt-br.php>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

EZQUERRO, Milagros. **Introducción a Augusto Roa Bastos**. Suplementos Anthropos, Antologías Temáticas, Madri, nº 25, p. 59-62, abril. 1991.

FALCÓN, José Federico Samudio (org). **Comentarios sobre yo el supremo**. Edição: José Federico Samudio. 2ª ed. Assunção, Paraguai: Club Livro nº 1, 2011. Disponível em: <http://www.portalguarani.com/2347_jose_federico_samudio_falcon/17010_comentarios_sobre_yo_el_supremo__edicion_al_cuidado_jose_federico_samudio.html>. Acesso em: 12 dez. 2016.

FARACO, Carlos. **Trabalhando com narrativa**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade-transdisciplinaridade: Visões culturais e epistemológicas**. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. O que é interdisciplinaridade? São Paulo: Editora Cortez, 2008, p. 17-28.

_____. (org.). Didática e interdisciplinaridade. 13ª ed. Campinas - SP: Papyrus, 1998.

FERNANDES, Letícia. **A História paraguaia através dos romances históricos de Augusto Roa Bastos**. Anais do IV Congresso Internacional de História. Universidade Estadual de Maringá, Maringa, 2009, p. 1732-1741. Disponível em: <<http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/519.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2016.

FAUSTO, Boris. **Memória e história**. São Paulo: 2005, Editora Graal.

FIGUEREDO, Oscar Augustin Torres. **O Paraguai e sua inserção econômica na globalização: o caso da soja**. XLIII Congresso Da Sober "Instituições, Eficiência, Gestão e Contratos no Sistema Agroindustrial". Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2009, p. ??-?? . Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/2/389.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2016.

FILHO. José Jacinto dos Santos. **O espaço na narrativa literária e fílmica em o beijo da mulher-aranha**. Recife – PE, 2007, 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, Universidade Federal de Pernambuco. Recife – PE, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7771>>. Acesso em: 2 maio 2016.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais**. Revista Ideação, Unioeste – Campus Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1, p. 41.62, 1º sem. 2008.

_____. **A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais**. In: JANTSCH, Ari Paulo; BIANCHETTI, Lucídio (orgs.). Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito. 9ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2011.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

GIACON, Giane Maria. **Alfredo Stroessner e Augusto Roa Bastos serão fios de uma mesma trama?** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH São Paulo, julho/2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300674065_ARQUIVO_artigojianegiacon.pdf>. Acesso em: 15 out. 2015.

_____. **O Paraguai de Roa Bastos: história e crítica social.** São Paulo, 2013, 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/93352>>. Acesso em: 15 out. 2015.

IANNI, Octávio. **A questão nacional na América Latina.** Simpósio Interpretações Contemporâneas da América Latina. São Paulo, junho/1987. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v2n1/v2n1a03.pdf>>. Acesso em: ?? mês ????

JANTSCH, Ari Paulo; BIANCHETTI, Lucídio. **Imanência, história e interdisciplinaridade.** In: JANTSCH, Ari Paulo; BIANCHETTI, Lucídio (orgs.). Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito. 9ª ed. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2011, p 155-171.

_____. **Universidade e interdisciplinaridade.** In: JANTSCH, Ari Paulo; BIANCHETTI, Lucídio (orgs.). Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito. 9ª ed. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2011, p 172-182.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JOZEF, Bella. **Roa Bastos: o resgate da memória histórica in Augusto Roa Bastos: testemunho e História.** Revista América Hispânica. UFRJ, Rio de Janeiro, ano X, n. 17, p. 11-12, jan-dez/1997.

KOHUT, Karl. **Roa Bastos: o resgate da memória histórica in Augusto Roa Bastos: testemunho e História.** Revista América Hispânica. UFRJ, Rio de Janeiro, ano X, n. 17, jan-dez/1997, p. 17-18.

KRYSINSKI, Wladimir. **Augusto Roa Bastos: retratos em perspectivas.** Tradução de Roberto Shiashiri e nota de Jerusa Pires Ferreira. REVISTA USP, São Paulo, n. 67, p. 310-316, set./nov. 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 1924. Trad. Bernardo Leitão et al.. Campinas - São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em: <<http://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

LIMA, Damaris Pereira Santana. **O intelectual exilado em Augusto Roa Bastos,** São Paulo, 2011, p.47, 197 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, Universidade Estadual Paulista – UNESP. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/103642>>. Acesso em: 02 jan. 2016.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

MARTINS, Maria Carvalho Giovana; CAINELLI, Marlene Rosa. **O uso da Literatura como fonte histórica e a relação entre Literatura e História**. Anais do VII Congresso Internacional de História. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015, p. 3889-3901. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1318.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

MEDEIROS, Sérgio. **Cem anos de escuridão**. Jornal O Estado de São Paulo. Edição digital de 29 Jan 2017. Disponível em <<https://www.pressreader.com/>>. Acesso em: 04 fev. 2017.

MENDONÇA, Suely Aparecida de Souza. **Olhares críticos sobre a Literatura e a narrativa paraguaias**. Anais do II Colóquio da Pós-Graduação em Letras - UNESP – Campus de Assis, 2010, ISSN: 2178-3683. Disponível em: <www.assis.unesp.br/coloquioletras>. Acesso em: 5 jan. 2016.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: Prosa I. 21^a ed. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2006.

NAVARRO, Marcia Hoppe. **Romance de um ditador: Poder e História na América Latina**. São Paulo: Editora Ícone, 1989.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

ODDONE, Beatriz Rodríguez Alcalá de Gonzáles. **Yo El Supremo visto por su autor y aproximaciones**. In: FALCÓN, José Federico Samudio. Comentarios sobre yo el supremo. Edição: José Federico Samudio. 2^a ed. Assunção - Paraguai: Club Livro nº 1, 2011. Disponível em: <http://www.portalguarani.com/2347_jose_federico_samudio_falcon/17010_comentarios_sobre_yo_el_supremo__edicion_al_cuidado_jose_federico_samudio.html>. Acesso em: 12 dez. 2016.

PACHECO, Glória Elizabeth Saldivar de. **Augusto Roa Bastos: o fazer literário como interpelação da História paraguaia**. Rio Grande do Sul, 2006, 86 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/8660>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

PALÁCIOS, Ariel. **Os hermanos**. Estadão Internacional. Edição digital de 14 de maio de 2011. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/blogs/ariel-palacios/para-celebrar-o-bicentenario-do-paraguai-uma-velha-entrevista-com-roa-roa-bastos-o-escritor-que-dissecou-as-ditaduras-de-seu-pais/>>. Acesso em: 15 maio 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & literatura: uma velha-nova história. Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Revista eletrônica, 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/1560>>. Acesso em: 31 jun. 2016.

_____. **História e História Cultural**. 3ª ed. Belo Horizonte: Editora Autentica, 2012. Disponível em: <<http://lelivros.black/book/download-historia-historia-cultural-sandra-jatahy-em-epub-mobi-e-pdf/>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

PIMENTA, Carlos. **Contributos para a elaboração de uma tese interdisciplinar**. Revista do Centro de Educação e Letras . UNIOESTE - Campus de Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1, p. 63-77, 1º sem. 2008.

PLÁ, Josefina. **Literatura paraguaya del siglo XX**. In: FERNÁNDEZ, Miguel Ángel. Historia cultural. Madri: Instituto de Cooperación Iberoamericana, 1991-1993.

_____. Augusto Roa Bastos: **La escritura, memoria del agua, la voz y la sangre – una poética de las variaciones**. Revista Anthropos. Barcelona, n. 115, p. 96-97 , Dez/1990. Disponível em: <[https://books.google.com.br /](https://books.google.com.br/)>. Acesso em: 15 abr. 2016.

_____. **Comentarios sobre Yo El Supremo**. Edição: José Federico Samudio. 2ª ed. Assunção – Paraguai: Editorial Serlibro, 2011. Disponível em: <http://www.portalguarani.com/2347_jose_federico_samudio_falcon/17010_comentarios_sobre_yo_el_supremo__edicion_al_cuidado_jose_federico_samudio.html>. Acesso em: 15 jul. 2016.

POYRAZIAN, Maria Teresa. **El regreso de Siglo XXI a Buenos Aires**. Revista Punto de Vista. Buenos Aires, ano XXIII, n. 68, p. 39, dez./2000. Disponível em: <<http://www.bazaramericano.com/media/punto/coleccion/revistasPDF/68.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

RAMOS, Marcus Vinicius. **O Ditador Perpétuo José Gaspar Rodríguez de Francia, O Supremo. Em Tempo de Histórias**. Brasília, n. 18, p. 133-154 jan/jul. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/download/4470/3730>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

RÉGIS, Sonia. **Literatura como ciência**. São Paulo, 1996, s/f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1996. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/LiteraturaC.html>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

ROSENFELD, Anatol et al. **A Personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007 Disponível em: <<http://groups.google.com/group/digitalsource>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

ROVIRA, José Carlos. **Sobre los orígenes del universo narrativo de Augusto Roa Bastos**. Revista Anthropos. Madrid, n. 115, p. 28-?? , 1990.

SAGUIER, Rubén Bareiro. **Augusto Roa Bastos e a narrativa paraguaia atual**. Revista Letras. Curitiba, v. 25, p. 35-46, 1976. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19556/12780>>. Acesso 15 jun. 2016.

_____. **Augusto Roa Bastos: Caidas y Ressurrecciones de un pueblo.** Montevideo: Edições Trilce, 1989.

_____. **La Historia y las historias em Yo el Supremo de Augusto Roa Bastos.** Seminário sobre Yo el Supremo de Augusto Roa Bastos: Poitier, outubro/1976, p 27-49.

SANTOS, Claudia Regina Ferreira. **Yo el supremo: romance, história: historiografia e literatura paraguaias sobre o ditador Francia.** Campinas – SP, 2000, s/f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História, Unicamp. Campinas – SP, 2000. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000203857&fd=y>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

SILVA, Ana Lúcia Gomes; FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Formando formadores para a interdisciplinaridade: sutilezas do olhar.** Revista Diálogos Interdisciplinares. GEPFIP, Aquidauana, v. 1, n. 1, p. 9-20, out/2014. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/gepi/downloads/Revista%20GEPFIP-2014%20Versao%20completa.pdf?cod=3177>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

SOERENSEN, Bruno. **O poder absoluto do Dr. Francia.** Marília - SP: Editora Unimar, 1998.

THIESEN, Juarez da Silva. **A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem.** Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 39 set./dez. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n39/10.pdf>. Acesso em 11 de jul. de 2016.

TRENTO, Aldo. **Reducciones, Jesuíticas, El Cristianismo feliz.** Assunção – Paraguai: Editorial San Rafael, 2011. Disponível em: <www.portalguarani.com/12_fernando_allen_galiano/5786_iglesia_de_santa_maria_de_fe_fotografias_de_fernando_allen_texto_del_padre_aldo_trento_.html>. Acesso em: 12 jun. 2016.

TROUCHE, André. **América: história e ficção.** Niterói - RJ: EdUFF, 2006.

VIOLA, Alfredo. **Dr. José Gaspar Rodríguez de Francia: defensor de la independencia del Paraguay.** 2ª ed. Assunção – Paraguai: Servilibro, 2009.

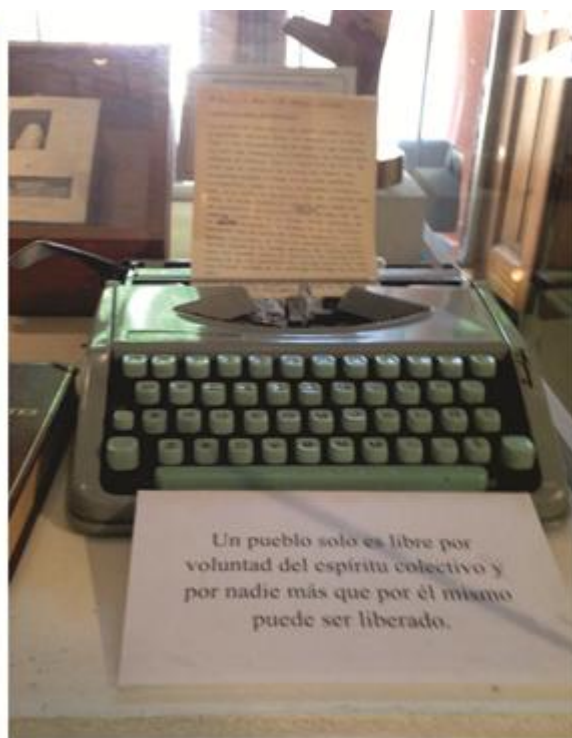
WERKE, Goethe. **A poesia na estética de Hegel.** Trad. Marco Aurélio Werle. 2005. Disponível em: <<https://books.google.com.br>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

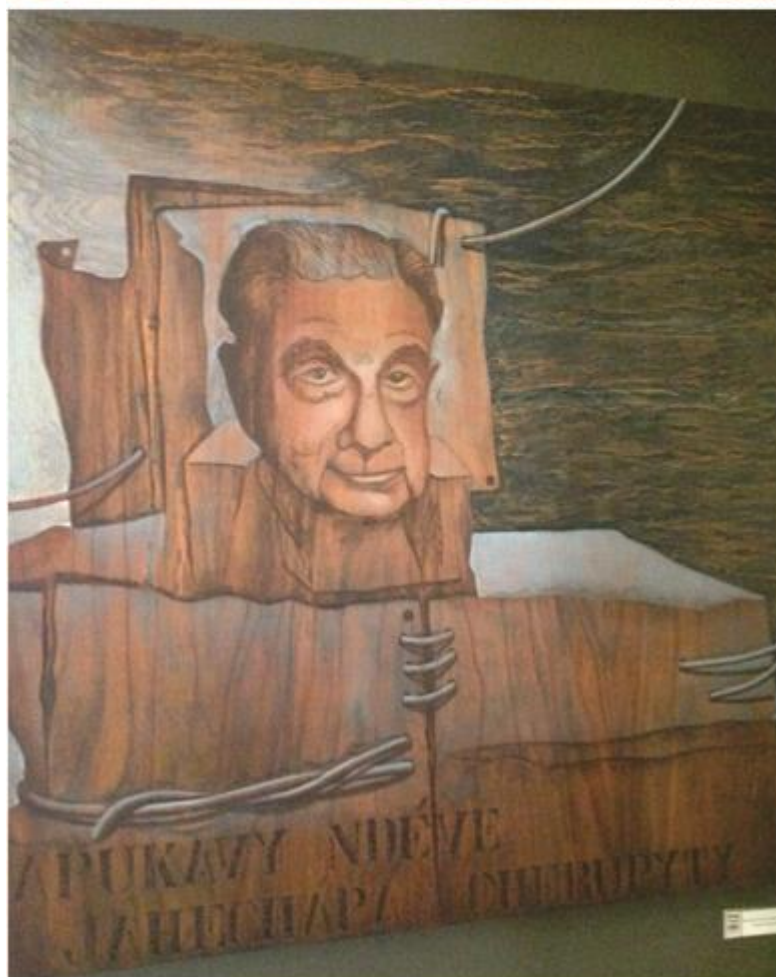
WHITE, Hayden. **Teoria literária e escrita da História.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 21-48, 1991. Disponível em: <https://www.academia.edu/4043144/TEORIA_LITERARIA_E_ESCRITA_DA_HISTORIA>. Acesso em: 25 jul. 2016.

**APÊNDICE B – FOTO DA FACHADA DA CATEDRAL DE
ENCARNACIÓN – Arquivo Nacional em Assunção – Paraguai -
(fevereiro/2016)**



APÊNDICE C – FOTOS DE OBJETOS PESSOAIS DE AUGUSTO ROA BASTOS PERTENCENTES AO ACERVO DO MUSEU EM SUA HOMENAGEM (fevereiro/2016)





**APÊNDICE D – FOTOS DE CIRCUNSTÂNCIAS CULTURAIS
ENCONTRADAS E VIVENCIADAS NA VIAGEM À ASSUNÇÃO (fevereiro/2016)**



